



**Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em Letras
Área de Concentração: Linguística**

**Distribuição Geo-Sociolingüística do Ditongo <ej> no Português
Falado no Estado do Pará
Maria Adelina Rodrigues de Farias**

Belém, dezembro de 2008



Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em Letras
Área de Concentração: Linguística

Distribuição Geo-Sociolingüística do Ditongo <ej> no Português
Falado no Estado do Pará
Maria Adelina Rodrigues de Farias

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras e Comunicação/Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em Letras/ Área de Concentração: Linguística da Universidade Federal do Pará como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Belém, dezembro de 2008.

Maria Adelina Rodrigues de Farias
**Distribuição Geo-Sociolingüística do Ditongo <ej> no Português
Falado no Estado do Pará**

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras e Comunicação/Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em Letras/ Área de Concentração: Lingüística da Universidade Federal do Pará como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Aprovado em _____/_____/_____

Membros da Banca Examinadora

Prof. Dr. Abdelhak Razky (Presidente) – UFPA

Prof^a. Dr^a. Marilucia Barros Oliveira – UFPA

Prof^a. Dr^a. Regina Célia Fernandes Cruz – UFPA

Prof^a. Dr^a. Marília Ferreira. – UFPA (Suplente)

A Deus,
A minha família,
A meus amigos,
A meus
professores.
Dedico este
trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fonte inesgotável de amor, sabedoria e paz.

A meus pais (em memória), pelas preciosas lições, mesmo sendo eles semi-alfabetizados.

Aos meus irmãos (Fátima, Graça, Carmem, José Maria, Santana, Mário, Aparecida, Rosália e Andrea), aos meus sobrinhos (em especial a Ana Célia) e aos meus filhos (Augusto Cezar e Paula Bianca), pelo apoio nunca negado e orgulho sempre expresso.

Aos meus amigos Regina Paixão, Kátia Cilene, Osilene Costa e Kleber Romano, pela ajuda indispensável.

À UFPA, pelo compromisso com a educação e por fazer possível este sonho.

Ao Instituto de Letras e Comunicação, pelas oportunidades dadas ao seu alunado.

Ao Curso de Mestrado em Letras, em especial à coordenadora, Dra. Miriam Cunha, pelo incentivo e por nunca me deixar desanimar, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, pela primazia do ensino.

Aos coordenadores, pesquisadores, bolsistas e voluntários do Projeto ALiPA, por jamais terem se furtado a quaisquer esclarecimentos ou ajudas.

Aos colegas de curso Edinaldo Santos, Celeste Ribeiro, Eneida Fernandes, Céliane Costa e Arlon Martins, pela inegável colaboração.

À amiga e professora Dr.^a Marilucia Oliveira, mulher de Deus, por estar ao meu lado exatamente em momentos mais complicados.

Ao amigo, professor e orientador Dr. Abdelhak Razky, por acreditar no meu trabalho a despeito de todas as dificuldades.

Muito Obrigada!

A teoria é uma tentativa de saber algo que, por sua vez, leva a um novo ponto de partida em um processo sempre inacabado de indagação e descoberta.

Stuart Hall

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de um estudo sobre a simplificação do ditongo decrescente /ej/ no português falado no Estado do Pará, localizado ao Norte do Brasil, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Geografia Linguística. Trata-se, portanto, de uma abordagem Geo-Sociolinguística, a qual relaciona fenômenos linguísticos a comportamentos sociológicos e geográficos, que impõem e são impostos por normas específicas nas mais diversas manifestações da vida em sociedade. O *corpus* que se utilizou para a análise foi levantado a partir de questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), e está composto de entrevistas aplicadas a informantes previamente selecionados por meio de critérios também definidos a priori. Foram utilizados três questionários – QFF (Questionário Fonético-Fonológico), QSL (Questionário Semântico-Lexical) e QMS (Questionário Morfossintático) – além de perguntas sobre questões de pragmática, discurso semi-dirigido e texto reproduzido via leitura. Todo esse material foi elaborado pela equipe do projeto ALiB e aplicado por diretores científicos e suas respectivas equipes. Abrange a transcrição grafemática de todo o corpus e fonética do QSL e QFF, além da triagem dos itens lexicais continentes do ditongo supracitado que o *corpus* apresentou, para que estes pudessem ser submetidos à análise probabilística do programa computacional VARBRUL. Obtidos os resultados estatísticos, buscou-se interpretar os dados à luz das pesquisas já apresentadas sobre a variável no Brasil, além daquelas que serviram de base às problematizações acerca do fenômeno em língua portuguesa. Com base nessa interpretação, verificamos que, do ponto de vista linguístico, o ditongo /ej/ apresenta restrições estruturais à sua realização plena; e que, do ponto de vista extralinguístico, há uma significativa distribuição dessas realizações no Estado ora pesquisado, que parece estar pautada em fatores dialetológicos, mas pouco relacionada a fatores sociais, exceto o fator escolaridade, que se mostrou relevante na aplicação da regra de monotongação ou na manutenção da semivogal do ditongo <ej> na fala do paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Geo-Sociolinguística. Ditongo <ej>. Estado do Pará.

LISTAS

Quadros

Quadro 01: Quadro de Inquiridores	50
Quadro 02: Grupo de Fatores (Resumitivo)	58

Esquemas

Esquema 01: Organização da Amostra	48
Esquema 02: Variável Dependente	52

Tabelas

TAB 01: A Importância do Segmento Fonético Subseqüente para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>	64
TAB 02: A Importância do Acento para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>	65
TAB 03: A Importância do Tamanho da Palavra para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>	66
TAB 04: A Importância da Posição do Ditongo na Palavra para o Processo de Monotongação do <ej>	67
TAB 05: A Importância da Classe da Palavra para o Processo de Monotongação do <ej>	68
TAB 06: A Importância do Sexo do Informante para o Processo de Monotongação do <ej>	70
TAB 07: A Importância da Faixa Etária do Informante para o Processo de Monotongação do <ej>	70
TAB 08: A Importância da Escolaridade do Informante para o Processo de Monotongação do <ej>	71
TAB 09: A Importância da Procedência do Informante para o Processo de Monotongação do <ej>	73
TAB 10: A Importância da Natureza do Suporte para a Monotongação do <ej>	74
TAB 11: Perfil de Informante para a Monotongação de <ej> (Cruzamento de Dados)	76
TAB 12: Grupos de Fatores Estruturais	79

TAB 13: Grupos de Fatores Sociais	79
---	----

Gráficos

Gráfico 01: A Importância do Segmento Fonético Subseqüente para a Aplicação da Regra de Monotongaço do <ej>	64
Gráfico 02: A Importância do Acento para a Aplicação da Regra de Monotongaço de <ej>	65
Gráfico 03: A Importância do Tamanho da Palavra para a Aplicação da Regra de Monotongaço do <ej>	66
Gráfico 04: A Importância da Posição do Ditongo na Palavra para o Processo de Monotongaço do <ej>	67
Gráfico 05: A Importância da Classe da Palavra para o Processo de Monotongaço do <ej>	68
Gráfico 06: A Importância do Sexo do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>	70
Gráfico 07: A Importância da Faixa Etária do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>	71
Gráfico 08: A Importância da Escolaridade do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>	72
Gráfico 09: A Importância da Procedência do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>	73
Gráfico 10: A Importância da Natureza do Suporte para a Monotongaço do <ej>	75
Gráfico 11: Perfil de Informante para a Monotongaço de <ej> (Cruzamento de Dados)	77
Gráfico 12: Monotongaço de <ej> – Fatores Mais Propiciadores	80
Gráfico 13: Belém – Informações Gerais	123
Gráfico 14: Bragança – Informações Gerais	126
Gráfico 15: Soure – Informações Gerais	127
Gráfico 16: Jacareacanga – Informações Gerais	130

Mapas

Mapa 01: Distribuição do Ditongo <ej> nos Atlas Regionais	
---	--

Brasileiros	40
Mapa 02 Localização Geográfica do Estado do Pará	43
Mapa 03 pontos de inquérito do ALIB no Brasil	45
Mapa 04: Pontos de Inquérito para a Região Norte	46
Mapa 05: Pontos de Inquérito para o Pará	47
Mapa 06: Belém – Localização	124
Mapa 07: Bragança – Localização	126
Mapa 08: Soure – Localização	128
Mapa 09: Jacareacanga – Localização	131
Cartas	
Carta 01: Carta Geral	78
Carta 02: Carta Explicativa	81
Carta 03: Carta Fonética 01 – Prateleira	83
Carta 04: Carta Fonética 02 – Travesseiro	84
Carta 05: Carta Fonética 03 – Torneira	85
Carta 06: Carta Fonética 04 – Peneira	86
Carta 07: Carta Fonética 05 – Manteiga	87
Carta 08: Carta Fonética 07 – Peixe	88
Carta 09: Carta Fonética 09 – Bandeira	89
Carta 10: Carta Fonética 11 – Companheiro	90
Carta 11: Carta Fonética 14 – Beijar	91
Carta 12: Carta Fonética 15 – Beija-Flor	92
Carta 13: Carta Fonética 16 – Patas Dianteiras	93
Carta 14: Carta Fonética 17 – Mosca Varejeira	94
Carta 15: Carta Fonética 18 – Queixal	95
Carta 16: Carta Fonética 19 – Parteira	96
Carta 17: Carta Fonética 22 – Benzedeira	97
Carta 18: Carta Fonética 23 – Curandeiro	98
Carta 19: Carta Fonética 24 – Isqueiro	99
Carta 20: Carta Fonética 06 – Teia	108
Carta 21: Carta Fonética 08 – Prefeito	109
Carta 22: Carta Fonética 10 – Correio	110

Carta 23: Carta Fonética 12 – Peito111
Carta 24: Carta Fonética 13 – Meia112
Carta 25: Carta Fonética 20 – Ama de Leite113
Carta 26: Carta Fonética 21 – Irmão de Leite114
Carta 27: Carta Fonética 25 – Meio Fio115

Símbolos Utilizados

^l – Indicação de tonicidade da sílaba em transcrição fonética;

r – Tepe alveolar;

ʃ – Fricativa palatal surda;

ʒ – Fricativa palatal sonora;

ɐ – Vogal baixa átona final;

ɯ – Vogal alta posterior átona final;

w – *Glide* posterior

j – *Glide* anterior;

^j – *Glide* anterior em contexto de ambissilabidade;

b – Oclusiva bilabial sonora;

l – Líquida lateral;

g – Oclusiva velar sonora;

k – Oclusiva velar surda;

m – Oclusiva nasal bilabial;

s – Fricativa alveolar surda;

v – Fricativa labiodental sonora;

f – Fricativa labiodental surda;

k – Oclusiva alveolar surda;

dʒ – Africada surda;

< > – Indicativo de variável;

[] – Indicativo de variante fonética;

/ / – Indicativo de variante fonética;

~ – Indicativo de alternância entre variantes.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Problemática.....	13
Objetivos.....	14
Geral.....	14
Específicos.....	15
Hipóteses.....	15
1–Revisão Bibliográfica.....	18
1.1 – Dialeto­logia e Sociolingüística.....	21
1.2 – O Ditongo /ej/ na Fonética e na Fonologia e as Características Vocais da Língua Portuguesa.....	24
1.3 – História do ditongo /ej/.....	30
1.3.1 – Estudo do /ej/ no Brasil.....	34
1.3.1.1 – Perspectiva Sociolingüística.....	35
1.3.1.2 – Perspectiva Dialeto­lógica.....	34
1.3.1.3 – O ditongo /ej/ nos Atlas Lingüísticos Brasileiros.....	36
2–Metodologia.....	42
2.1 – Os pontos de inquérito do ALiB no Brasil, no Norte do país e no Estado do Pará.....	45
2.2 – Os informantes.....	48
2.3 – Os Questionários.....	48
2.4 – A Entrevista.....	50
2.5 – Variáveis sociolingüísticas.....	51
2.5.1 – Variável dependente.....	52
2.5.2 – Variáveis independentes.....	52
2.5.2.1 – Variáveis lingüísticas.....	53
2.5.2.2 – Variáveis sociais.....	53
2.5.2.3 – Variáveis Situacionais.....	56
2.5.2.4 – Cruzamento de dados.....	56
2.6 – Tratamento dos Dados.....	56
2.6.1 – A transcrição dos dados.....	56

2.6.2 – A triagem das ocorrências e a codificação dos dados.....	57
2.6.3 – Análise Quantitativa: O Pacote VARBRUL.....	59
3 – Análises dos Dados.....	60
3.1 – Variáveis Lingüísticas.....	60
3.1.1 – Segmento fonético subsequente.....	61
3.1.2 – Tonicidade da sílaba.....	64
3.1.3 – Estrutura silábica da palavra.....	66
3.1.4 – Posição do ditongo no interior da palavra.....	67
3.1.5 – Classe da palavra que contém o ditongo.....	68
3.2 – Variáveis Sociais.....	69
3.2.1 –	
Sexo.....	70
3.2.2 – Faixa etária.....	70
3.2.3 – Escolaridade.....	71
3.2.5 – Localidade.....	72
3.3 - Variáveis Situacionais.....	74
3.3.1 – Natureza do Suporte.....	74
3.4 – Cruzamentos.....	76
3.5 – Outras Observações.....	79
3.6 – Cartas Fonéticas.....	80
Considerações Finais.....	100
Referências Bibliográficas.....	102
Anexos I: Outras Cartas Fonéticas.....	107
Anexos II: Histórico das Localidades.....	116
Anexos III: Fichas para Coleta de Dados.....	132
Anexos IV: Exemplo de Transcrição e Triagem.....	140

Introdução

Ao ingressar na Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 2000, não tinha como objetivo aplicar-me aos estudos lingüísticos, pois não conhecia o teor da disciplina e suas possibilidades de atuação. O contato com a Lingüística, no início da graduação em Letras, motivou sobremaneira o meu interesse pela variação – inerente a qualquer tipo de comunicação – e ampliou o meu entendimento sobre a questão da comunicação humana por intermédio da fala, bem como de seus desdobramentos e implicações. Passei, a partir de então, a nutrir-me do desejo de refletir de forma mais aprofundada sobre o assunto.

Felizmente, fiquei sabendo, por meio de professores do curso, que havia, na instituição, alguns grupos de pesquisa que aceitavam alunos voluntários para integrar suas equipes. Para minha satisfação e completa mudança de perspectiva (e por que não dizer? – de vida), encontrei-me amparada às lições de Geografia Lingüística e Sociolingüística, ministradas – oficial e oficiosamente, ressalte-se – pelos professores que compunham o Projeto Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará¹ (ALiPA), do qual fiz parte por um ano (2001-2002) como aluna voluntária.

Passado esse primeiro ano, fui selecionada à bolsa de Iniciação Científica do CNPq, sob a orientação do professor Dr. Abdelhak Razky; benefício renovado no ano seguinte, para o qual fui orientada pela professora Msc. Simone Negrão. Em ambos os períodos, focalizei a pesquisa na exploração – sob a perspectiva dialetológica, com aplicação de questionário específico do ALiPA – dos ditongos <ej> e <ow> no Nordeste do Pará (2002-2003) e na Área Metropolitana de Belém (2003-2004, ano em que terminei o curso).

Embora meu interesse pela lingüística, em princípio, tenha sido em dimensão ampla, geral, necessitava especificar minha linha de trabalho, para que ela pudesse ser cientificamente exeqüível, considerando o tempo restrito e o parco recurso de que dispunha. Vários eram os assuntos que necessitariam de tratamento científico, mas um em especial me chamou a atenção. Refiro-me à pesquisa que culminou na dissertação de Mestrado da Professora Raquel Lopes,

¹ O Projeto Atlas Geo-sociolingüístico do Pará (ALiPA), da Universidade Federal do Pará desenvolve, desde 1997, investigações acerca da variação na fala do paraense, tendo como pressupostos teórico-metodológicos a Geografia Lingüística e a Sociolingüística. Como resultado parcial desse projeto, publicou-se, em 2003, o Atlas lingüístico sonoro do Pará (ALiSPA 1.1) – com o apoio financeiro da Capes –, maiores informações no *site* do projeto: www.ufpa.br/ALiPA.

apresentada em 2002 à UFPA. Nele, a autora problematiza sobre os ditongos orais decrescentes <ow> e <ej> na cidade de Altamira-PA, sob um olhar sociolinguísta, e apresenta algumas propostas para trabalhos futuros, quais sejam: aperfeiçoar os estudos sobre as variáveis, ampliando a área de distribuição espacial, manipulando mais variáveis independentes (estruturais e sociais) e comparando os fenômenos a outros congêneres (outros ditongos orais crescentes e decrescentes). Propostas estas muito válidas, uma vez que os ditongos são, conforme Couto (1994), um dos pontos-chave para se entender questões das mais intrigantes da fonologia em língua portuguesa².

Da mesma forma me foi muito útil o suporte teórico presente na concepção de Coseriu (1980) sobre a Lingüística, disciplina por ele definida como o estudo dos fatos da língua motivados pelos conceitos e pelos interesses que cercam o ser humano. Além disso, o autor apresenta a ciência como materialização de forças sociológicas e filosóficas que regem os interesses sócio-político-econômicos dos que manipulam pessoas por meio da linguagem; evidenciando, por exemplo, que cada perspectiva de análise da língua parte de interesses de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, que destacam aquilo que mais lhes convém no estudo da linguagem. Não se podem deixar de lado os outros valiosos conceitos de outros também valiosos autores, que foram de fundamental importância para a compreensão do fenômeno a que me propus analisar.

O estudo que ora apresento faz parte do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), que forneceu meios para a composição do arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa. Portanto, minhas análises materializaram-se a partir da coleta de dados realizada pelos integrantes do ALiB regional (Norte), composto por todos os que integram o Projeto ALiPA. Consiste essa coleta na aplicação de questionários (QFF – Questionário Fonético-Fonológico; QSL – Questionário Semântico-Lexical; e QMS – Questionário Morfossintático), de questões para Discurso Semidirigido (DS), Questões de Pragmática (Qprag), Questões de Prosódia (Qpros) e Perguntas Metalingüísticas (PM), além de Texto para Leitura (TL).

O Projeto ALiB no Norte do país é constituído de pontos de inquérito espalhados ao longo dos Estados que compõem a região. Como se pode perceber, uma extensa faixa do território nacional de extrema dificuldade de acesso, em especial às localidades mais distantes,

² Deve ser ressaltado que esta pesquisa não objetiva a apreensão dos valores abstratos dos sons, como é o caso da fonologia, mas acredito que pode ajudar da descrição e compreensão do ditongo de um modo geral, ajudando

que apresentam estradas em péssimo estado de conservação em razão das próprias condições da natureza local e de interesses político-partidários. É uma região com variadas peculiaridades lingüísticas, sociais, políticas e culturais, resultantes de especificidades históricas, de povoamento e de desenvolvimento econômico. Justamente por isso é uma importante área a ser investigada, na medida em que pode apresentar realizações lingüísticas que possibilitam a delimitação de falares, especificados, evidentemente, os fatores diastráticos.

Ao conversar com meu orientador para definirmos as variáveis a serem abordadas, cogitamos verificar a realização na fala de todos os ditongos orais decrescentes do português em todo o Norte do Brasil, até mesmo para tentarmos alcançar as propostas de Lopes (2002). Porém, a necessidade de delimitação e o fato de o *corpus* ser constituído de vários informantes, que responderam a uma entrevista bem extensa – cerca de três horas para cada informante –, conduziram ao ditongo <ej>³, por ter sido estudado por mim anteriormente e por outros pesquisadores – o que possibilita a comparação; e por apresentar um significativo grau de variação – tanto entre falares (*topos*) quanto entre fala e escrita⁴.

Outra dificuldade encontrada diz respeito à delimitação da área a ser estudada. Como se sabe, o Norte do Brasil é composto por Estados bastante extensos e sobre os quais pouco se foi produzido em se tratando de fenômenos lingüísticos – pelo menos em relação a outros pontos do território nacional. Para se ter uma idéia, até 2003, o único Estado nortista a apresentar um atlas lingüístico regional foi o Pará, O Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA), organizado pelo prof. Dr. Abdelhak Razky; e somente em 2004 o Estado do Amazonas recebe seu primeiro Atlas, o Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM), resultado da Tese de Doutorado de Maria Luiza Carvalho da Cruz, orientada por Silvia Brandão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A pesquisa realizada pelo ALiB na região Norte é ainda incipiente e não foi possível implementar a aplicação dos inquéritos em todas as localidades propostas pelo projeto. A equipe sofre pelo escasso apoio financeiro; além – e apesar disso – são poucos os inquiridores para uma área tão vasta. Chegou-se, então, aos primeiros estudos a partir do *corpus*

a compor o subsídio a pesquisas dessa natureza.

³ A variável <ow> não foi selecionada em razão de se ter observado que a quase totalidade de pesquisas a apresenta como menos passível de variação na fala, sofrendo quase sempre monotongação.

⁴ Vale acrescentar que não é meu objetivo asseverar acerca da escrita, somente da fala, o que não me impede de traçar algumas considerações sobre essa modalidade, exemplificadas em trabalhos de cunho sociolingüístico que apresentarei mais tarde.

ALiB/Norte tendo como foco os Estados do Pará e do Amapá⁵ que estão em processo avançado na aquisição da amostra. Dentre estes, o Pará é o que mais se aproxima da totalidade de informantes já inquiridos nos pontos de inquérito propostos pelo ALiB para a região.

Além do fator metodológico, é importante considerar que a experiência adquirida é importante para se fazer um trabalho que traga conceitos os mais próximos possíveis da realidade. Apesar do distanciamento necessário ao pesquisador em relação a seu objeto de análise, conceito proposto por Labov (apud TARALLO, 1997),

(...) precisamos reconhecer também que a experiência tem uma forma, e se não refletirmos bastante sobre os limites da própria experiência (e a necessidade de se fazer um deslocamento conceitual, uma tradução, para dar conta da experiência que pessoalmente não tivemos), provavelmente vamos falar a partir do continente da própria experiência, de uma maneira bastante acrítica... (HALL, 2006, p. 17).

Como falante nativa, acredito que, ao fazer análises sobre a fala de indivíduos que aqui vivem, terei melhores possibilidades de fazer uma leitura abalizada, aduzindo demonstrações mais concretas e interpretando de forma mais segura a variação fonética do ditongo <ej> neste Estado, evitando, assim, prejulgamentos e/ou construções imagéticas deverasmente apriorísticas.

Considero, portanto, nesta pesquisa, falantes nativos do Estado do Pará, em que terei como representação uma localidade de quatro das mesorregiões do Estado: Área Metropolitana, tendo como foco a capital, Belém – com oito informantes; Nordeste do Pará, focalizando a cidade de Bragança – com quatro informantes; Marajó, com a cidade de Soure – também composto de quatro informantes; e Sudeste, na cidade de Jacareacanga, com o mesmo número de informantes; totalizando, pois, 20 (vinte) informantes estratificados em faixa etária, escolaridade e sexo.

Problemática

A cada frase com a qual o ser humano depara ou em cada uma das publicações a que tem acesso, mesmo que não tenha interesse especial em lingüística ou que não seja profissional da área da linguagem, é conduzido à discussão sobre algum fenômeno que causa dúvida – ou mesmo angústia, vistas as disparidades encontradas, especialmente entre as modalidades falada

⁵ Alguns trabalhos estão sendo realizados concomitantemente a este por pesquisadores do ALiPA sobre outras variáveis em outras localidades destes Estados.

e escrita da língua. Fatos lingüísticos que absorveram – e ainda absorvem – muito de nossos pensadores e frutificaram bastantes e variadas interpretações.

Um desses fenômenos é o ditongo, fundamentalmente no que tange às chamadas vogais assilábicas – ou *glides*, concebidas por uns como sons vocálicos, e por outros como consonantais⁶.

Não é de fácil concordância a interpretação do ditongo em português entre os pesquisadores da área. É possível, portanto, que me depare, no presente, com variantes diferentes das até aqui catalogadas, visto que a variação pode estar condicionada a fatores dialetais. Assim, questiono-me: como se dá a realização do ditongo <ej> no Pará, tendo em vista as especificidades regionais e sociais dos habitantes deste Estado? Que fatores estruturais teriam direta ou indireta ligação ao fenômeno da monotongação ou da manutenção da semivogal deste ditongo neste Estado? Haveria possibilidade de se determinar regularidades para o fenômeno neste ponto do Brasil? É o que, sem pretensões de esgotar o assunto, me proponho a responder neste trabalho.

Objetivos

Geral

Partindo do pressuposto de que só se consegue respeitar aquilo que se valoriza e só se pode valorizar aquilo que se conhece, o principal objetivo deste trabalho é o de colaborar na compreensão da ampla, sistemática e multifacetada realidade lingüística do falar no português brasileiro, de um modo geral, e observar, em especial, um elemento de variada concepção entre especialistas da área, o ditongo decrescente <ej>, visto configurar uma das formas que mais sofrem variação, em especial do ponto de vista de suas restrições estruturais. Pretendo, dessa forma, contribuir para a problematização do fenômeno – primeiro passo da investigação científica – e discussão efetiva – já iniciada e muito bem promovida por outros autores, dos quais tratarei quando oportuno – sobre a variável em foco. Assim, para me direcionar, defini os seguintes objetivos específicos:

⁶ A esse respeito, tratarei em outro ponto do trabalho (item 1.2)o.

Específicos

- Analisar a distribuição fonética do ditongo <ej> por meio do corpus ALiB-Pará, focalizando as localidades de Belém, Bragança, Soure e Jacareacanga;
- Verificar que fatores estruturais mais influenciam na realização ditongada ou na monotongação da variável neste território;
- Apontar em que medida a variável está condicionada a fatores sociais, tais como escolaridade, sexo, origem;
- Propiciar uma visão espacial da realidade fonética de <ej> nestas localidades, mapeando os resultados e comparando-os entre as localidades.

Hipóteses

Pareceu-me conveniente trabalhar com a variável <ej> por ser muito fácil de observar que, em ambientes e situações menos monitoradas, os falantes tendem a realizá-la de forma monotongada. Entretanto, parece haver alguma motivação de ordem estrutural (fonética, em especial) para tal comportamento, o que me motivou a buscar explicações para o fenômeno. Além disso, fatores sociais também parecem importantes para essa realização. Com isso, registro as seguintes hipóteses:

- a. O ambiente fonético subsequente é determinante na manutenção da semivogal ou na supressão desta; o que se destaca em dois principais fatores polarizantes: a vogal posposta ao ditongo favorece a ditongação e o tepe em contexto igual bloqueia a realização da semivogal;
- b. Quanto maior a palavra, mais chances esta terá de sofrer monotongação;
- c. A classe de palavras que propicia a manutenção da semivogal no ditongo <ej> é o verbo, em particular na forma de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (**falei, olhei, acordei**);

- d. Quando se encontra em posição final, o ditongo tende a ser realizado plenamente e não na forma simplificada, ao passo que, no início ou meio da palavra, é influenciável pelo contexto fonético, sofrendo maior variação;
- e. Quanto maior o nível de escolaridade, mais chances de o informante promover a semivogal;
- f. As mulheres tendem a manter os traços prescritos pela norma culta;
- g. Os mais jovens apresentam tendência à promoção de mudanças na língua de forma mais regular que os mais velhos, por isso, monotongam mais;
- h. A produção de <ej> se aproxima da norma culta quando efetivada via leitura, tendo em vista a natureza artificializada desta; e se distancia em contexto de fala espontânea;
- i. Com relação à localidade, a capital parece ser mais facilmente atingida pelas mudanças lingüísticas em decorrência das relações comerciais e/ou de trocas culturais de forma mais fluida com outras metrópoles. Desse modo, Belém poderia apresentar mais variações no que tange ao comportamento da semivogal na fala dos seus moradores.

Há de se perceber que algumas dessas hipóteses foram construídas de forma apriorística, ou seja, por meio da observação empírica; outras, ao contrário, têm base nas leituras de trabalhos respeitantes ao assunto em foco, portanto, formuladas a posteriori. Essas assertivas poderão ser comprovadas ou refutadas a partir da revisão bibliográfica, o que virá exposta em momento oportuno.

Além desta introdução, o trabalho está estruturado em quatro capítulos e de anexos. O primeiro, no qual explano acerca das problemáticas que impulsionaram a pesquisa e dos objetivos aos quais almejo alcançar, ainda traço algumas hipóteses, o que me norteará no decurso da atividade.

O segundo capítulo apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da Geo-Sociolingüística e dos estudos acerca da variável proposta no país, destacadamente; o que está disposto em duas sessões. A primeira expõe estudos que foram importantes para explicar a variação e a mudança nas línguas, obras estas que apontam causas de fenômenos lingüísticos desde o advento das pesquisas na área ciência até a contemporaneidade. A segunda apresenta um breve histórico das mais recentes abordagens acerca do fenômeno a que me proponho

estudar e explicita as especificidades fonético-fonológicas dos ditongos, de modo geral, e dos ditongos decrescentes, em particular, mais detidamente em relação ao <ej>. Esta seção apresenta ainda as particularidades do fenômeno no Brasil e está subdividida em três subseções: a que exhibe especificamente o ditongo <ej> sob a perspectiva dialetológica, apresentando estudos realizados no Brasil sobre a variável; a sociolinguística, também fazendo um apanhado sobre alguns dos trabalhos que me foram disponibilizados; e a que exponho os resultados de pesquisa realizada por mim com base nos atlas regionais brasileiros sobre o ditongo <ej>.

O terceiro capítulo trata das questões metodológicas do trabalho. Apresento neste ponto detalhadamente as etapas que orientaram a pesquisa: levantamento do *corpus*, estabelecimento de grupos de fatores (variáveis independentes), tratamento dos dados, o programa de depreensão estatística VARBRUL – base da análise quantitativa, etc.

No quarto capítulo, disponibilizo análises e resultados, expostos sob a forma de gráficos, tabelas e cartas fonéticas, nos quais apresento as variantes encontradas, bem como os respectivos resultados dos pontos de inquérito aqui tratados.

Em seguida, explano minhas considerações finais, além das referências bibliográficas. Nos anexos, apresento os históricos do Estado do Pará e das localidades que compõem a pesquisa, algumas cartas fonéticas e um exemplo de transcrição e triagem dos dados.

1 – Revisão Bibliográfica

Os ditongos orais decrescentes do português no Brasil têm sido analisados com base em diversas perspectivas. Os trabalhos foram implementados, fundamentalmente, a partir de quatro principais princípios: **Teoria Autossegmental**, sob as representações fonética e fonológica (Bisol, 1989); **Sociolingüística** e sua análise sobre a utilização de <ej>, <ow> e <aj> na fala (Paiva, 1986); **Dialetologia**, a partir da construção dos Atlas Regionais⁷; e **Teoria da Otimidade**, tendo como foco o processo de aquisição de núcleos complexos (Bonilha, 2003). Outras proposições apresentam estudos sobre o ditongo, mas o fazem de forma genérica, abordando-os com outros fenômenos da língua portuguesa, como a perspectiva **Histórica** (Bueno, 1967; Câmara Jr., 1979), por exemplo.

Antes de me aprofundar sobre o ditongo <ej> em sua realização na fala de paraenses, é preciso que o leitor fique ciente dos caminhos teóricos percorridos por outros autores para se chegar ao estudo da variação, em geral, e dos elementos segmentares da língua, em particular. Para tanto, busco salientar os de cunho Dialetológico e Sociolingüístico.

Conforme sinalizei no capítulo introdutório, a pesquisa implementou-se a partir dos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia – ou Geografia Lingüística, método desta – e da Sociolingüística, por partilharem de vários pontos de contato. Essa aproximação é justificável na medida em que ambas se detêm na *prática lingüística*, estabelecendo as relações existentes entre determinados fatos da língua e os grupos de indivíduos que dela fazem uso.

Salmoni (1978) afirma que não há fenômeno social mais completo e universal que a linguagem, que traduz quase perfeitamente o pensamento e os anseios humanos. Observa também que qualquer estudo que tenha como foco a linguagem só será válido se relacionado à cultura, à história, à sociedade e ao comportamento humano dentro do seio de sua comunidade.

Observa a autora que “Desde tempos imemoriais, os homens servem-se de sons articulados para comunicarem entre si as próprias instituições...” (Salmoni, 1978, p.49). Mas se pergunta: como o homem aprende a falar? Por que as mudanças acontecem e por que as línguas se transformam?

⁷ Ver referências na Bibliografia deste trabalho.

Destaca que o homem tem a capacidade física de produzir e de articular sons, mas o sentido só é possível de ser veiculado a esses sons por imitação. Corroborando esse pensamento, temos em Preti (1974, p. 02) a seguinte assertiva:

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de *signos* lingüísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas *mensagens*. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal.

Salmoni (1978) assevera que as palavras têm certidão de nascimento e de óbito, dependendo dos interesses de quem detém o poder na língua – que é, por sua vez, definido pelo poder social –, o que se desdobra à fonética – o eco dos sons – que, por vezes, é responsável pela criação de novas palavras.

Ao traçar um caminho da história das línguas, afirma que a primeira gramática (de Pānini) surgiu em função da necessidade de uma pronúncia adequada dos hinos sagrados – os Vedas. Os indianos tinham verdadeira adoração pela palavra, e a pronúncia inadequada desta, especialmente nesses hinos, poderia significar a perda da salvação. Mais uma justificativa para se estudarem os sons em variação nas línguas, objetivando justamente à quebra de tabus e/ou de preconceitos advindos de conceituações inadequadas e provenientes da ignorância sobre as regras sociais vernaculares das comunidades, que por si só refletem e defendem o forte senso de identidade grupal, que não precisa ser aceito, mas deve ser respeitado.

Essa problemática se torna ainda mais evidente quando se trata de países com raízes coloniais, que, até hoje – não obstante à evolução do pensamento científico – mantém-se arraigados a conceitos obsoletos e ainda “legitimam” a divisão entre cultura de massa (considerada por muitos uma deformação) e cultura elitizada (canonizada e moralmente superior àquela). Hall (2006), corroborando Gramsci, fala da contradição dessa cultura colonial e de como isso pode destruir subjetivamente o homem, tornando-o sombra ou arremedo de um cidadão, deveras longe de seu sentido pleno. O autor afirma que é necessário lutar pela libertação desse domínio por meio da busca de respostas a questões complexas que grupos e sociedades se fazem. Trata-se de um processo em que sempre se está no ponto de partida, isto é, a resposta encontrada abre espaço para a próxima indagação. Esse movimento, aparentemente paradoxal, caracteriza-se pelo *jogo da diferença*, hibridizada por natureza, de um lado, mas identitária e homogênea, de outro. Por isso, o elitismo cultural – e a língua, por

ser um fator cultural, não fica fora dessa discussão – vem perdendo espaço e se tornando coisa do passado, apesar de ainda fazer parte do senso comum nas manifestações da contemporaneidade.

Hall (2006, p. 57) articula que

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a ‘proliferação subalterna da diferença’. Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si (...). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das diferenças ‘locais’, as quais o ‘global-vertical’ é obrigado a considerar. (...) um novo tipo de ‘localismo’ que não é auto-suficientemente particular, mas que surge dentro do global, sem ser simplesmente um simulacro deste.

Essa visão pressupõe o multiculturalismo, bastante forte no Brasil, devido a suas raízes multirraciais. Isso não significa, no entanto, perda de identidade, mas “(...) o fortalecimento das identidades existentes pela abertura de novas possibilidades...” (HALL, 2006, p 83), dando margem a uma visão não reducionista entre o social e simbólico – que caracteriza a língua.

Em função disso, tem-se a noção de variação e/ou de mudança nos comportamentos sociais – e lingüísticos, considerados como impulsionados e impulsionadores de variação –, que constituiriam força da “(...) vontade coletiva [que] se desintegra em elementos contraditórios, para que os elementos subordinados entre eles possam se desenvolver socialmente.” (GRAMSCI, apud HALL, 2006, p. 112). Não se trata, portanto, de um modelo que pressupõe comportamentos sociais impulsionados por determinismo em razão de uma finalidade teleológica, mas da vontade popular, que se adapta à sua realidade e às suas necessidades.

No que respeita especificamente à variação na língua, existem várias perspectivas de análise, como outrora mencionado. A presente pesquisa tem como base os conceitos de dois paradigmas: A Dialetoлогия e a Sociolingüística, sobre as quais explanarei a seguir.

1.1 – Dialetoologia e Sociolingüística

A Dialetoologia veio à luz na segunda metade do século XIX com Ascoli, filólogo italiano, tendo como foco o estudo sobre a multiplicidade lingüística no espaço geográfico, isto é, objetivava a apreensão das regularidades e irregularidades da língua vistas a partir do *topos*. Estas, até então, somente eram explicáveis a partir dos princípios neogramáticos, que visavam fazê-lo por intermédio da aplicação de leis fonéticas universais, configurando, em lingüística, a visão filosófica positivista das manifestações de fala.

Antoine Meillet, em 1908, publica *Les dialects indo-européen* (Cf. Rector, 1975), que constituíram mola propulsora de discussões aprofundadas sobre as línguas mundiais e os dialetos. Surgem, assim, os dialetólogos, que tinham por fim comparar as várias áreas dialetais pesquisadas, bem como a expansão destas, explicitadas com o auxílio do recurso cartográfico, denominado Geografia Lingüística, método da dialetoologia tradicional e que constitui uma particularização desta. Passa-se, então, à construção de atlas lingüísticos, um complexo de mapas – as cartas lingüísticas – em que são dispostas as realizações lingüísticas no espaço geográfico analisado. Os dialetos são, pois, determinados por meio de isoglossas, linhas virtuais utilizadas para delimitação de especificidades terminológicas ou fonéticas; nesse último caso, são chamadas de isófonas.

Uma outra problemática vem à baila: mesmo em área específica e não obstante às limitações espaciais, não se podia deixar de ter em conta que a variação lingüística continuava a existir. A Dialetoologia, como lidando preferencialmente com áreas rurais, consideradas como ambientes menos passíveis a interferências – comuns a espaços urbanos – não se propunha a se estender ao anseio que surgia. Além disso, delimita-se a uma classe social única, composta pela população sem escolaridade ou de pouco letramento, considerando somente os idosos, compreendidos como aqueles que mais mantêm marcas dialetais passíveis de modificações, como arcaísmos e/ou expressões congêneres.

A materialização lingüística – a fala, portanto – há muito é foco de pesquisas, empreendidas sob perspectivas variadas, cuja principal finalidade é a de registrar e analisar as diversas nuances idiomáticas. Estas mesmas manifestam uma velocidade crescente das mudanças lingüísticas, em razão de fatores sócio-político-econômico-culturais também em constante modificação, na medida em que o ser humano é – e sempre foi – condicionado pela

sociedade de que é partícipe. É fato também que as mudanças nesses interesses implicam transformações de tudo que faz parte desta. A própria visão do sujeito, como tal, passa por questões de aceitabilidade individual e coletiva, posto que vive num eterno paradoxo *indivíduo X coletivo*.

Em princípio, a variação da língua falada pode ser considerada um caos, tendo em vista a multiplicidade de interesses envolvidos no ato de falar ou em razão da natureza multifacetada da própria fala. Entretanto, em análise mais profunda, há de se perceber que, subjacente a essa aparente desordem, existe uma regularidade sistematizada. Essa tendência é tão forte que grande parte dos estudos atuais, mesmo que não sejam exatamente de cunho lingüístico, tem como base a fala ou o comportamento humano via oralidade. A exemplo disso, podem-se destacar análises comportamentais em Psicologia, Antropologia ou Sociologia.

Surge, então, uma nova forma de se observar os fenômenos lingüísticos que, já em Saussure – considerado o pai da Lingüística Moderna –, apresenta notoriedade, mas não é tida como foco, nem por este nem pelos que a ele seguem. A sociolingüística – uma das primeiras teorias que dão primazia ao estudo da fala – como a parte da lingüística que estuda a variação, se inter-relaciona com os outros aspectos da linguagem, especialmente em relação ao uso da língua em sociedade. Objetiva-se, por meio dela, evidenciar os diferentes empregos atribuídos à língua em certos espaços sociais, demonstrando-se, dessa forma, o quão variável no emprego do cotidiano de fala – e até mesmo no escrever – é a língua. Portanto, sua finalidade seria a de comparar a estrutura lingüística com a estrutura social, manipulando, em princípio, três dimensões, segundo Bright (1966, apud PRETI, 1974): a dimensão do emissor – que envolve a identidade social deste (dialetos de classe) –, a do receptor – envolvendo sua identidade social (com quem nos relacionamos e o modo como nos comportamos lingüisticamente com nossos interactantes) – e a da situação (elementos importantes no contexto de comunicação).

Mc. David (1966, apud PRETI, 1974, p. 09) informa que

Modernamente, estudiosos como William Bright, Dell Hymes, Raven I. Mc David Jr., William Labov, Roger Shuy, entre outros, têm conduzido a Sociolinguística aos mais diversos caminhos, no estudo do que os especialistas americanos costumam chamar de *dialeto social*, ‘uma habitual subvariedade da fala de uma dada comunidade, restrita por operações de forças sociais e representantes de um grupo étnico, religioso, econômico ou educativo específico’ (DAVID, 1966, apud PRETI, 1974, p. 09).

Gadet (1971, apud PRETI, 1974) expõe que, se um traço linguístico difere de um falante a outro, a sociolinguística tentará responder a três indagações: esta diferença é esporádica ou se evidencia sistematicamente? É presente em certa situação ou no convívio de um grupo social específico? É passível de significação social?

Segundo Bright (1966, apud PRETI, 1974, p. 21),

O termo Sociolinguística é razoavelmente novo. Como suas irmãs mais velhas, Etnolinguística e Psicolinguística, não é um termo fácil de ser definido com precisão; aliás, estes três termos tendem a se entrecruzar, quando tratam do mesmo assunto, e de certo modo refletem diferenças nos interesses e na abordagem dos investigadores ao invés de material (BRIGHT, 1966, apud PRETI, 1974, p. 21).

Considerando como causas dessas variações fatores diatópicos (físico-geográfico), diastráticos (fatores sociológicos e situacionais⁸) e demais; e tendo em vista, especialmente, que no Brasil, como em todos os países de grandes extensões geográficas, a variação resulta em oposições bem particularizantes, principalmente em níveis fonético e fonológico – que, aparentemente, estão mais no domínio da Dialetologia que da Sociolinguística –, chegamos à intersecção entre Sociolinguística e Geografia Linguística. Por esse motivo, Rector (1975, p. 22) observa que

(...) a diferença básica entre a Dialetologia e a Sociolinguística está em que esta abrange os falantes de vários sistemas que representam substratos diferentes, mas que vivem na mesma comunidade, enquanto aquela é representante de vários dialetos, cujos falantes vivem em comunidades diferentes (RECTOR, 1975, p. 22).

As profundas transformações sofridas em toda a sociedade, o crescimento dos centros urbanos e o advento da Sociolinguística, em 1966, forçaram a Geolinguística – como também é conhecida a Geografia Linguística – a rever seu escopo. Passou, com isso, a manipular outros conceitos sociológicos, a saber: classe social, grau de escolaridade, sexo, faixa etária, culminando nesta nova forma de considerar os estudos linguísticos.

⁸ A esse respeito, Preti diz que “(...) não comportariam as diferenças causadas por hábitos localizados dentro de uma mesma comunidade, como por exemplo, costumes linguísticos próprios de certos bairros, corporações, ambientes de trabalho etc. Estas variações se incorporariam aos fatores sociológicos, porque estão ligadas muito mais a uma circunstância social, causada pela própria posição do indivíduo na sociedade.” (p. 23)

Essa abordagem se mostra abalizada por permitir que se tracem considerações a respeito de copiosas formas do comportamento humano e dos conceitos que engendram e impulsionam os indivíduos da sociedade contemporânea. A existência mesma de sujeito, dependendo muito da perspectiva que se tem dele e dos interesses que se tem nele, passa por questões sociais e epistemológicas que o definem e que lhe tem como foco. Assim, temos um sujeito que é, paradoxalmente, determinante em sua comunidade e determinado por ela. Parece existir, assim, um jogo de acordos e contratos que são, a todo o momento, estabelecidos e rompidos nas *relações intersubjetivas*, já que os indivíduos possuem valores morais, religiosos, políticos e econômicos diferentes e, portanto, assumem diferentes posturas sociais. E por que não dizer que, em se tratando de variação na língua, as pessoas são levadas a estabelecer e quebrar esses contratos, que não são legalmente acordados, mas, ainda assim, legitimados?

Para entrar nesse mérito, é preciso que se entenda em que consiste a variação fonética e, por conseguinte, quais os padrões sonoros da língua – em particular os da língua portuguesa – para que se possa ter uma clara idéia dessa problemática. Por isso, apresento algumas elucidadoras considerações feitas por autores renomados da variação em língua portuguesa.

1.2 – O Ditongo <ej> na Fonética e na Fonologia e as Características Vocais da Língua Portuguesa

A Fonética e a Fonologia – que têm objetivos de análise distintos, mas o mesmo objeto de pesquisa, o *som* (fone/fonema) – aparecem de forma mais marcante nos estudos acerca dos elementos acústico-articulatórios da língua. Tratarei aqui da importância dessas perspectivas na interpretação do ditongo em português, focalizando no que melhor auxiliaria neste estudo.

Embora este estudo não se detenha no arcabouço fonológico propriamente dito do português, é importante entendermos a estruturação do ditongo sob a análise fonológica, comparando-o à fonética, uma vez que ambas depreendem de formas distintas o principal problema para esta interpretação: os *glides*.

Segundo Matzenauer (2005), a Fonética tem por escopo os sons da fala em sua realização física do ponto de vista articulatório, acústico e/ou auditivo, sem se preocupar com suas abstrações, isto é, sem levar em conta os conceitos neles impressos. Já a Fonologia

apresenta-se como aquela que procura uma sistematização conceitual dos sons da língua, ou seja, aqueles que demonstram diferenciações de significado quando da comunicação via fala.

Os estudos com base fonológica acerca dos sons têm base em diferentes teorias, que podem ser enquadradas em duas grandes áreas: modelos lineares ou segmentais – que estudam a fala como sendo um feixe não ordenado de elementos (traços) distintivos, delimitados pela morfologia ou pela sintaxe da língua; e não-lineares – cuja visão se pauta na organização fonológica dos traços como em uma relação de camadas ('tiers'), que faz parte da própria hierarquia da língua.

Principais representantes do Modelo Linear, Chomsky e Halle, na década de 50 (Cf. MATZENAUER, 2005) propõem que o indivíduo adquire sua língua no meio em que vive, baseando suas escolhas nas diferenças dentro de um mesmo conjunto. Até aqui se considerava o fonema a menor unidade significativa da língua, mas se começou a perceber que esta poderia ser o traço, considerado tanto para sons vocálicos quanto para consonantais. Assim, por exemplo, a única diferença entre /p/ e /b/ seria a sonoridade.

As línguas basear-se-iam, pois, para a estruturação de suas respectivas gramáticas em uma gramática universal. Os níveis de representação sonora – fonético e fonológico – estariam relacionados de forma intrínseca por meio de regras que motivam as mudanças fonéticas, que interferem no nível lexical, uma vez que, criado um termo pela morfologia ou pela sintaxe, as regras fonológicas poderão derivá-la por meio de uma fonologia subjacente.

Ao exercerem função de unidades fonológicas, alguns sons tendem a sofrer agrupamentos e a modificarem-se da mesma forma, constituindo, pois, classes naturais. Isso só ocorrerá se, segundo Hyman (1975, apud MATZENAUER, 2005), um ou vários dos critérios a seguir forem verificados: sofrerem, juntos, regras fonológicas; funcionarem nos mesmos ambientes; converterem-se reciprocamente por intermédio de uma regra fonológica; e derivarem-se mutuamente (como em casos de assimilação). Tem-se, assim, por exemplo, a reunião de vogais, líquidas e glides em uma classe única.

Nos modelos não-lineares, houve uma evolução desse pensamento, especialmente em se tratando dos traços – que passaram a ser fundamentais nesses modelos. Têm-se esses segmentos como uma combinação, de variadas maneiras, na formação dos sons da língua, agora não mais organizados somente em classes. Essa visão deu margem à criação das

fonologias não-lineares **Autossegmental**, **Métrica**, **Lexical**, da **Sílaba** e **Prosódica**. Destas, destaco as que, de forma direta ou indireta, contribuem para a análise do ditongo em foco⁹.

Na Fonologia Autossegmental, a idéia de que os sons podem caracterizar-se por meio de matrizes inteiras de traços é estabelecida como princípio, acrescentada ao pensamento de que são definidos também por auto-segmentos, podendo ser segmentado com base no traço isolado e não somente a partir de uma relação bijectiva (pares mínimos). Com isso, duas conseqüências importantes são destacadas: os traços podem estar além ou aquém dos segmentos; a relação de similaridade desaparece, culminando em que, ao desaparecimento do segmento, não implica a perda dos traços que o compõem, podendo estes espriar-se aos segmentos contíguos.

Com relação à Teoria da Sílabas, Colloschonn (2005, p. 101) diz que

A noção de sílaba não é nova em fonologia, entretanto, apenas recentemente ela foi incorporada à fonologia gerativa. Nos anos 70, a discussão girava em torno do status fonológico da sílaba. A partir dos trabalhos de Hooper (1976), a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas.

Segundo a autora, há algumas condições universais para a formação adequada de uma sílaba, as quais destaco:

1. A **seqüência de sonoridade**, a qual preconiza que, no primeiro ponto, o elemento mais sonoro ocupará o lugar central da sílaba e que os menos sonoros se posicionarão nas margens (ataque e coda); e, no segundo, quando em seqüência de elementos dentro destas, a sonoridade também se apresenta como seqüencial em ordem decrescente (na coda) e crescente (no ataque) para se chegar ao núcleo. Assim, temos nos ditongos a vogal (foneticamente, sonora por excelência) como elemento central da sílaba e a semivogal (levemente menos sonora do ponto de vista da fonética acústica) como marginal.
2. O **Licenciamento Prosódico**, decorrente do princípio de que o rol fonológico vem sempre dividido em sílabas e que qualquer segmento deverá obrigatoriamente associar-se a uma delas. A exemplo disso, destaca-se a semivogal no ditongo, que pode

⁹ E importante destacar que este trabalho e de cunho fonético. Portanto, não pretendo fazer abstrações da variável, mas considerá-la em sua distribuição espacial – horizontal – e em sua realização social – vertical.

associar, em algumas situações, ao elemento vocálico anterior a ela ou ao posterior, propiciando a classificação tradicional do ditongo como crescente ou decrescente.

3. A **Ambissilabidade** – princípio relacionado ao anterior –, que tem como premissa a formação de duas sílabas com uma única consoante (ou, no caso do presente trabalho, uma semivogal), na medida em que se associa tanto a anterior quanto a posteriormente contígua. É o caso de meia, em que a semivogal (ou seria consoante?) se alia tanto a /me-/ quanto a /-a/, apresentando, pois, foneticamente, a palavra como /mej^ha/, como um eco; o que configuraria ditongação, ou seja, a transformação de uma vogal simples em outro ditongo.

Em se tratando do português, temos o que Câmara Jr. (2000) chama de molde silábico, que determina as possibilidades de formação de uma sílaba. Para esse autor, a sílaba é formada por um aclave, um ápice e um declive, que podem ter um ou vários elementos. Observe esse padrão, a partir da visão do autor:

V – <u>é</u>	CVC – <u>mar</u>	CCVCC –	CCVV – <u>pleito</u>
VC – <u>ar</u>	CVCC – <u>construção</u>	<u>transpiração</u>	CCVVC – <u>claustro</u>
VCC – <u>instante</u>	CCV – <u>primeiro</u>	VV – <u>eito</u>	
CV – <u>já</u>	CCVC – <u>Cristo</u>	CVV – <u>sei</u>	

Há de se perceber, a partir dos exemplos, que as consoantes (e semivogais) não podem ocupar indistintamente as posições de aclave ou de declive da sílaba. Para essa utilização, passam por um filtro, que, por sua vez, é consequência do molde silábico da língua. Para Lopez (1979, apud COLLOSCHONN, 2005), a seqüência de consoantes permitidas no ataque é: plosiva+líquida; e na coda: /s/, /r/, /l/, /j/, /w/ ou /N/ (arquifonema nasal – Cf. CÂMARA JR., 2000).

A partir disso, chega-se à problemática dos ditongos: seriam eles de fato compostos por duas vogais; ou, ao tratá-lo, o pesquisador estaria lidando com uma estrutura cujo núcleo é ramificado?

Barbosa (1994, apud LOPES, 2002), por razões de estrutura silábica, acredita na natureza consonântica dos *glides*, por nunca constituírem núcleo de sílaba. Desse modo, não existiriam ditongos em português, já que este, tradicionalmente, é concebido como a reunião

de duas vogais em uma única sílaba. Câmara Jr. (1979), no entanto, afirma que considerá-las fonemas consonantais implicaria acrescentar dígitos ao número de consoantes em português. Para o autor, elas devem ser consideradas alofones posicionais vocálicos, pois sempre há possibilidade de ocorrer um tepe depois do ditongo, posto que esta consoante só se realiza em português depois de vogal (ou semivogal, por conseguinte, como em *er*, por exemplo)¹⁰. Afirma ainda que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes, visto que os crescentes alternam sobremaneira com hiatos, visão corroborada por Bisol (1989).

Com relação, especificamente, aos ditongos decrescentes, registra-se o problema na interpretação de sua estrutura e, em especial, à posição ocupada pela semivogal. Tratar-se-ia, portanto, de uma sílaba travada (VC) ou uma sílaba aberta (VV)?

Câmara Jr. (1992, apud COLLOSCHONN, 2005) advoga em favor da natureza vocálica do *glide*, dizendo que esta ocuparia, com a vogal, o núcleo silábico e que esse elemento não comutaria com consoante, mas o ditongo todo comutaria com o monotongo, como, por exemplo, /**lej**/ VS /**le**/. Já para Bisol (1989), a vogal assilábica ocuparia posição típica de consoante e, portanto, comutaria com consoante, como, por exemplo, /**lej**/ VS /**leh**/. Assevera ainda que existem ditongos pesados (que não passam a monotongo, portanto verdadeiros) e ditongos leves (que sofrem monotongação, portanto falsos). Assim, há, em *peixe/peixe*, *ameixa/amexa*, *caixa/caxa*, *pouco/poco*, *touro/toro*, falsos ditongos; e, em *pauta*, *reitor*, *coitado*, *Couto*, *maio*, *peito*, etc., ditongos verdadeiros.

Outro problema surge quando se trata da vocalização do /l/ em posição pós-vocálica, isto é, em situação de coda. A esse respeito, também há visões várias e que se fazem fundamentais para a interpretação dos ditongos do português.

Câmara Jr. (1985) elenca as consoantes pós-vocálicas do português, quais sejam: /S/, /N/, /l/ e /r/¹¹. Destas, /l/ e /r/, por serem líquidas, apresentam características muito próximas as das vogais, o que facilita a promoção de vocalizações. Não se pode deixar de destacar que, na atualidade, a vocalização do /l/ posvocálico no português do Brasil apresenta-se como padrão,

¹⁰ O autor se refere à palavra; portanto, utiliza o critério mórfico. É preciso, entretanto, considerar as questões relacionadas à junção vocabular, como em *sei realmente*, em que o *r* localizado no início da segunda palavra não se realiza como tepe em função da semivogal.

¹¹ Lembrando que, aparentemente, existem algumas oclusivas que exercem essa função, como em *pacto*, *rpto*, que, na verdade, estão amparadas por uma vogal, não presente na escrita, mas produzida via oral. Não se pode esquecer de que estruturas congêneres promoveram a criação de ditongos em português, como por exemplo, *lacte* > *laite* > *leite*.

guardadas as restrições dialetais, enquanto a do /r/ continua estigmatizada, principalmente na fala popular interiorana, como em *árvore/álvore, carvão/calvão*.

Vários autores, como Lopes (2002), consideram que, em palavras como *olvidar, polvilho, polvo, anel, final, solteiro*, haveria um tipo especial de ditongo, e que este estaria menos passível de sofrer simplificação em razão de a semivogal advir de uma vocalização da lateral em posição de coda; acrescenta-se a isso o fato de que o /l/ posvocálico está fortemente presente na ortografia da língua, o que motivaria a manutenção deste em contexto de vocalização, em especial por indivíduos letrados.

No entanto, é preciso ter cuidado no tratamento desses dados, visto que, sob a ótica da Fonologia Lexical (Cf. COLLOSCHONN, 2005), há possibilidades de – seja em função do componente lexical, a partir de derivações, por exemplo; seja em função do componente pós-lexical, por meio de ressilabação – essa consoante ser resgatada, como em *anel/anelado* e *mal/mal educado*, respectivamente; embora esta última só possa ser sentida em lugares específicos do Brasil, evidenciando-se, portanto, uma forte motivação dialetal envolvida nessa realização. Além disso, observamos, a partir estudos de cunho dialetal, que ainda há muita variação no que tange à realização da lateral nesse contexto. A exemplo disso, Barros et al (2005) apresentam variadas realizações de /l/ posvocálico no Nordeste do Pará, em cidades do interior, tais como: *balde/barde, caldo/cardo, soldado/sordado, terçol/terçó*; fato que evidencia a percepção de que, se há variação, é porque a vocalização ainda está em processo de variação, e, portanto, construções como as apresentadas por Lopes (2002) não configurariam realizações de ditongo, mas da lateral em contexto particular.

Embora importantes para a compreensão dos ditongos no português do Brasil, e apesar de acreditar que configuram um essencial suporte à percepção da fonologia da língua portuguesa, não tratarei dos ditongos crescentes. Aqui, meu olhar se volta para uma análise propriamente fonética e sincrônica do ditongo decrescente <ej>, limitando-me a observar a variação deste num local específico do Brasil¹². Para tanto, faz-se necessário entender as origens desse ditongo em língua portuguesa, o que exporei a seguir.

¹² Ver cap. 3 – Metodologia.

1.3 História do ditongo <ej>

Silveira Bueno (1967) dá uma importante contribuição para o entendimento das origens do ditongo <ej> no português. Para tanto, remete-nos à separação entre o galego e o português, evidenciando o fato de que o desenvolvimento político e nacional de Portugal foi cabal neste processo de ruptura entre os idiomas, mas que, não obstante a isso, muitos traços se mantiveram. Uma dessas características é exposta na seguinte assertiva: “e as (línguas) de Galliza e Portugal, as quais ambas erã[m] antigamente quase hũa mesma, nas palauras, e nos diphthongos, e pronunciação que as outras partes de Espanha não tem...” (sic LIÃO, 1606 apud BUENO, 1967, p. 11).

Assevera este autor que a conquista da Península Hispânica começou em 193 a. C., terminando somente em 25 d. C. A partir daí, paulatinamente, o latim vulgar passou a ser falado pelos povos que ali já habitavam ou os que colonizaram a península, tais como: *iberos, fenícios, célticos, púnicos e gregos*; que deixaram uma importante contribuição à formação do português. A esse fator, acrescenta-se a chegada dos povos pré-românicos, como os germanos e os árabes, chegados entre os séculos V e VIII, e que, apesar de não terem contribuído na formação da fonética, muito contribuíram no léxico.

Bueno (1967) observa ainda que uma das principais contribuições para a formação dos ditongos no português está na influência do substrato ibero-celta ou celtibero, por causa da “(...) conseqüente ditongação numerosa do português pela aproximação de vogais, antes separadas pela consoante que sofreu síncope, pela atração do yod, pela vocalização da gutural surda *c(ct)*, da velar *l...*” (BUENO, 1967, p. 06). Afirma ainda que

As assimilações recíprocas que se verificam nos ditongos *ai*, *au*, que se transformam em *ei*, *ou*, são fenômenos fonéticos de profunda importância, pelo característico próprio que dão ao idioma português, em face dos demais românicos e que, descontadas as infalíveis discrepâncias de certos autores, pertencem à influência do substrato celta na romanização da Lusitânia. Por estas influências fonéticas do celta, a língua portuguesa aproxima-se muitíssimo da francesa, quer pela nasalidade, quer pela ditongação, afastando-se do castelhano e do catalão. Desta forma, o celta foi, na Lusitânia pre-romana, o elemento de maior valor lingüístico para a estrutura íntima do nosso idioma (BUENO, 1967, sic p. 06).

Em seguida, ressalta a influência do Cristianismo, quando muitos helenismos penetraram no latim, e, por conseguinte, nos idiomas românicos. “O característico principal desta fase foi o iotacismo, isto é, o valor *i* atribuído ao ditongo *ei*, *oi*, às vogais *ê*, *y...*” (BUENO, 1967, p. 08). Expõe, a título de exemplificação da ditongação no período, o seguinte:

A gutural *g*, que passou a palatal com valor de *j*, segundo alguns vocaliza em *i*: *regem* = *rey*, *rei*; *legem* = *ley*, *lei*; *corrígiam* = *correia*. Segundo outros, não se dava a vocalização em *i*, mas sofria simplesmente síncope como atestam as formas arcaicas (...). O aparecimento do *i* em *rei*, *lei*, formando ditongo, deve-se ao esforço muscular por ser tônica a sílaba, tanto que em ital., *regem* é *ré*... (BUENO, 1967, sic p. 12).

O autor afirma que a dialeção do latim se deu, fundamentalmente, em função da crescente ditongação do português, mas que a assimilação já se nota centro do próprio ditongo, num fenômeno de *reciprocidade*, como em: *ai=ei*; *au=ou*; *factum=faito=feito*; *aurum=auro=ouro*. Itera ainda que

(...) A tendência da fala rústica é de chegar até a monotongação como já está na língua espanhola: o povo diz *ôro*, *tôro*, *lôro*. O nome próprio Laura é dito pelo vulgo Lora como já no latim vulgar se dizia e se escrevia Clódio de Claudio (BUENO, 1967, p. 13)

Há ditongos, segundo ele, em palavras de origem gótica: *aleive*, *parreira*, etc., mas acrescenta a importante influência do dialeto moçárabe na formação do idioma luso. A esse respeito, destaca que

No vocalismo, mantinha (...) os ditongos *ai*, *ei*, *au*, *ou* (*carraira*, *Genáir*, *lauxa*, *fouxil* = *carreira*, *janeiro*, *lousa*, *foucil*, *fouce*). Não ditongava as vogais abertas *e*, *o*, como fez o castelhano. Somente em Toledo, por influência deste dialeto, é que começou a ditongar o *e*. (...) O grupo *ct* não se palatizava em *ch* como em castelhano, mas se aproximava do português, dizendo *note*, *lete* e não *noche*, *leche*... (BUENO, 1967, p. 41)

O latim lusitano pré literário apresentava as seguintes características a respeito do ditongo <ej> e <ow>: “(...) O sufixo *ario* alterna-se com *airo* e êste já passa a *eiro* em muitas palavras. (...) Em documentos do século XI, o ditongo *au* já passa a *ou* e *ai* a *ei*: *outeiro*, *eiras*, *carreira*, *soutos*, *Loureiro*...” (BUENO, 1967, p.41). Com o contato com a Provença, desde o século IX, surgiram os primeiros galicismos, como *freire*, *greu*, *cousir*, etc.

Ao apresentar os aspectos do galego-português, com relação à eliminação dos hiatos, enfatiza que

Os hiatos eram também numerosíssimos e não será temeridade afirmar que somente agora, no século XX, foi que a língua portuguesa conseguiu eliminar bom número deles, mandando pronunciar e grafar *eia*, *eio*, *meneio*, *plateia*, *ideia* que até pouco tempo vacilavam entre *meneo*, *ansêa*, *platea*, *idea* e as formas últimas. No período arcaico os hiatos eram a regra comum: *caente*, *acaecer*, *moesteiro*, *veo*, *mía*, *feo*, *meogo*, etc. (BUENO, 1967, p. 59).

Especificamente sobre os ditongos em sua evolução, apresenta-os também como um processo de eufonia, necessário em função da síncope das consoantes *d*, *g*, *l*, *n* que aproximou as vogais. Assim, temos: *arena=area=areia*; *sirena=serea=sereia*; *corrigea=correa=correia*; etc. Além disso, observa que “(...) A ditongação da vogal (...) simples (...) é (...) conseqüência

natural do acento intensivo, [ou seja], ‘Ditongação por efeito da acentuação enfática’ (p.61). Em alguns termos, tem-se ainda o resultado da vocalização de consoantes, como em *lacte=laite=leite*; e de hipérese, como em *rabia=raiva*. Sobre o ditongo <ej>, explica que

A vocalização da gutural c antes de dental t, não precedida de nasal, produziu normalmente ei: feito (factum=*feito=feito), leite (lectum), eito (actum), peito (pectum). A síncope da intervocálica não produziu ditongo no começo da língua, contando-se cada vogal por sílaba independente, no tempo clássico: cea (coenam), fea (fedam), tea, (telam), mea (mediam). Posteriormente foi que se deu a ditongação: ceia, feia, teia, meia (BUENO, 1967, p.63).

No aspecto morfológico, BUENO (1967) discorre sobre a utilização de <ej> na formação do plural de algumas palavras, em especial as terminadas em /l/. Para isso, distingue os terminados em *il* tônico e os terminados em *il* átono:

(...) com a síncope do l (*gentiles=genties*) dava-se a assimilação (*gentiis*) e conseqüentemente crase *gentis*. Nos segundos, *amábiles=amávies=amávees=amáveis*,– dava-se também assimilação mas em lugar da crase, vinha a dissimilação: *ee=ei*. A grafia nem sempre está de acôrdo com a fonética, pois, certamente, pronunciando *perduráveis*, escreviam *perduravees* ou *perduraviis*... (BUENO, 1967, p.111).

Com relação ao ditongo <ej> presente em numerais do português, BUENO, (1967) diz que *seis*, por exemplo, deriva de *sex*, mesmo processo de *rex=rei*. No que respeita aos ordinais, assinala que eram pouco utilizados no português arcaico, com exceção dos cinco primeiros. Assim, encontram-se *primeiro* (*primarium*), *terceiro* (*tertium*), *quarto* (*quartarium*), etc.

Outro contexto importante de se ressaltar é tangente ao <ej> em posição final, especialmente em formas verbais na 1ª pessoa do singular do futuro do presente do modo indicativo. Sabe-se que construções desse tipo advêm de uma junção de dois verbos: o auxiliar *haver* (no caso *hei*) + o verbo principal¹³. Sobre o fenômeno, o autor nos mostra que “Em português, o latim **aio* passou a *ei*: primeiro pela apócope do *o*, dando **ai*; depois, como é da regra da língua, o ditongo *ai* por mútua influência das vogais, passou a *ei* (...) (*factu/*feito/feito*) (BUENO, 1967, p.136)” Verbos como *querer*, *morrer*, *vir*, tinham, no período arcaico, as seguintes formas: *querrei*, *morrei*, *verrei*; assim como *valrrei* (*valerei*), *ferrei* (*ferirei*), *porrei* (*porei*) *terrei* (*terei*), etc.

Outra categoria especial tem base nos perfeitos. BUENO (1967) mostra “Distinguem os gramáticos latinos duas classes de perfeitos: fortes e fracos, *dedi*, *amavi*...” (BUENO, 1967, p.140), que, com a queda das consoantes *d* e *v*, surgem *dei* (e derivados) e *amai=amei*. Ainda

¹³ Esse fenômeno é que propicia a mesóclise em português.

com relação aos verbos, é importante mencionar alguns que têm a forma nominal do participípio como irregular, como *aceito*, que se apresentava, em sua forma arcaica, como *exete*, *exetes*, *exeite*.

Silveira Bueno (1967) dá ainda uma importante visão acerca da dialeção da língua portuguesa, dizendo que

Desenvolveu-se o português, destacando-se do galego, à medida em que as conquistas do território desciam do norte para o sul (...). Era natural que os diversos substratos lingüísticos imprimissem no português as suas diferenciações peculiares, de que a expressão central, de Lisboa a Coimbra, ficou como um meio termo, representando, hoje, o tipo oficial do idioma. O norte (...) e o leste (...) apresentam as variedades conservadoras (...). nas partes do sul, (...) os vestígios de moçárabe ainda são visíveis, dando diferenciações fonéticas... (BUENO, 1967, sic p. 281).

No transmontano, <ej> passa a <aj>: *maio=meio*; no Alentejo, como em quase todo o território português, há a simplificação: *caxa=caixa*, *faxa=faixa*; no dialeto algarvio, assim como no açoriano, apresenta-se condensado: *pêto=peito*, *pêxe=peixe*, *quêjo=queijo*; no madeirense, nos verbos como *quereis*, *fazeis*, reduz-se a *q'rás*, *fazâs*; o dialeto de Goa se caracteriza pelas formações *azête*, *bêjo* e *direto*; o de Macau, reduzem-se a monotongos: *bebedera*, *cuzinhera*, *babuzera*; e no mirandês, o ditongo é conservado: *queiso*, *beiso*.

BUENO (1967) destaca ainda a realização fonética particularizante do Brasil, o que destaca: “Os ditongos tendem todos à perda da subjuntiva: *caxa*, *pexe*, *rôpa*, *rôbar*...” (BUENO, 1967, p.299); “(...) o povo rústico diz apenas *madera*, (...) *manteiga* é pronunciado como *mantega*...” (BUENO, 1967, p. 302).

Especifica ainda mais, dando exemplos do que ele chama de fala rústica por Estados. Para o Pará e Amazonas, com relação ao ditongo <ej>, exemplifica da seguinte forma: “Sô pé frio... **Pêxe** num pega na minha linha. Num dô uma frechada qui acerte. (...) us outros **parcêrus** só paravam contra mim, cuchichando, rindo. U **banquêru**, danado comu uma unca, dizia istu: vá se defumá **primêro**, cunhado...”¹⁴ (BUENO, 1967, p. 305-306).

Acredito que a contribuição de Bueno (1967) tenha ajudado a entender o processo por que passou e tem passado o português, e, mais especificamente, o ditongo <ej> no nosso idioma. Isto posto, procurarei expor, nas seções seguintes, o ditongo tratado em sua perspectiva sincrônica, evidenciando posições que contribuam para a análise deste no estudo a que ora me proponho.

¹⁴ Grifos meus.

1.3.1 – Estudo do <ej> no Brasil

Nesta seção, explico de forma bastante ampla resultados de pesquisas implementadas por pesquisadores da área de Dialetologia e Sociolingüística que ajudaram na compreensão e compreensão da variável no Brasil. Quando de minha análise, compararei detalhadamente os resultados alcançados em relação a cada grupo de fatores considerados no presente estudo com os anteriormente promovidos. Por isso o caráter generalizante desta apresentação.

Além disso, apresento os resultados de um estudo promovido por mim sobre o comportamento da variável no território nacional, tendo em vista os Atlas Regionais Brasileiros já publicados no país¹⁵.

1.3.1.1 – Na perspectiva Sociolingüística

Rector (1975) apresenta um estudo sobre a linguagem da juventude do Rio de Janeiro e de São Paulo, em uma perspectiva Geo-Sociolingüística, com base em questionário específico, o qual visa às especificidades de gírias utilizadas por jovens do primário, do secundário e do ensino superior. A autora procedeu à entrevista a jovens entre 15 e 25 anos de idade, estudantes do centro e da periferia desses estados. Chega às seguintes conclusões acerca do fenômeno da monotongação: há alteração na pronúncia da linguagem de jovens brasileiros, como a redução dos ditongos <ow> a /o/ e <ej> a /e/, como em TROUXA/TROXA, INTERESSEIRA/INTERESSERA, o que se verifica também na escrita desses jovens.

O estudo de Veado (1983) na fala da região metropolitana de Belo Horizonte mostrou que de um total de 737 ocorrências de <ej> e de <ow>, em apenas 7 (0,95%) não houve monotongação, seja por fatores intralingüísticos ou extralingüísticos.

Bisol (1994) verificou a realização de <ej> em porto Alegre, levando em conta o contexto pré-consonântico. Percebeu que diante de consoante palatal¹⁶ e da vibrante simples¹⁷ a semivogal é, quase na totalidade dos dados, suprimida.

Paiva (1996) estudou a supressão de /j/ e /w/ na fala do Rio de Janeiro. A autora diz que "(...) sob determinadas condições fonéticas, a supressão de /j/ pode ser (...) quase

¹⁵ Ver referências na seção 1.3.1.3.

¹⁶ Ex.: beijo, queijo, etc.

¹⁷ Ex.: feira, cheiro, etc.

categórica..." e que se pode "(...) concluir que a não-articulação de /w/ constitui a norma do português falado no Rio de Janeiro”.

Cabreira (1996) analisou <ej>, <aj> e <ow> no Sul do Brasil, com o *corpus* do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil) e verificou que 32% das ocorrências de <ej>, 4% das de <aj> e 96% das de <ow> foram monotongadas.

Silva (1997) estudou a variação de <ej>, <aj> e <ow> em João Pessoa (PB) e percebeu que dos 12.590 dados (num total geral), em 58 % houve monotongação.

Mollica (1998) observou a supressão das semivogais /j/ e /w/ nos ditongos <ej> e <ow> em escolas do Rio de Janeiro e percebeu que a simplificação do ditongo <ow> é mais difícil de ser “corrigida” na escrita, o que reforça o que de início falamos a respeito da distância entre a realização de alguns ditongos e a sua configuração em termos de grafema.

Araújo (1999) analisou a alternância entre /ej/ e /e/ na cidade de Caxias, Maranhão. Concluiu que os fatores estruturais são os que mais fortemente influenciam na realização do ditongo, dentre os quais se destaca o tepe alveolar no que tange à supressão da semivogal.

Lopes (2002) estudou a realização de <ej> e <ow> em Altamira, Pará. Observou que em 95% das ocorrências do ditongo <ow> houve a supressão da semivogal, enquanto que, nas realizações do ditongo <ej>, houve um relativo equilíbrio entre o apagamento e a manutenção da semivogal, 54% para o primeiro e 46% para a última, o que, por si só, já configura um diferencial com relação aos outros falares do Brasil.

Pereira (2004), promoveu estudo acerca dos ditongos <ej>, <ow> e <aj> em Tubarão-SC a partir de textos orais recortados de programas de televisão (telenovelas e publicidade) comparados a textos escritos por alunos do Ensino Fundamental. Observou, após análise de variáveis linguísticas e extralingüísticas, que estas últimas não são condicionantes da variação entre a forma plena e a monotongada desses ditongos, e que os fatores pós-ditongo têm preponderância na efetivação ou supressão da semivogal dos ditongo neste município catarinense.

1.3.1.2 – Na perspectiva Dialetológica

Em 1920, Amadeu Amaral publicou “O Dialeto Caipira”, no qual afirma que a população interiorana

ei – Reduz-se a *ê* quando seguido de r, x ou j: *isquêro, arquêre, chêro, pêxe, quêjo, bêjo, berada*.

Nos vocábulos em que é seguido de *o* ou *a*, como **ceia, cheio, veia**, também aparece às vezes representado por *ê*: *chêo, vêa, cêa*. Cp. a evolução destas palavras em português: **cheio<chêo<che"o<*cheno<plenu(m); veia<vêa<ve"o** etc. (AMARAL, 1920, p. 50).

Em 1945, *A Língua do Brasil* apresenta o estudo de Gladstone Chaves de Melo, do qual destaco a página 82, em que se observa a seguinte assertiva:

[Acreditam alguns] que foi por influência africana que os ditongos *ei* e *ou* se reduziram no Brasil a *e* e *o* (...). Não nos parece tal. Reduções são fatos comuníssimos no latim (...) e nas línguas românicas. O francês reduziu sistematicamente os antigos ditongos *ai, au, eu, e ou*, e o mesmo fez o espanhol, desde a época pré-literária, com os ditongos românicos *ei* e *ou*, transmutados em *e* e *o*, o que produziu as formas *primero, toro, oro, poço, he, beso, Caldera* etc., exatamente como sucede no Brasil (MELO, 1945, p. 82).

Mota (1989) analisou /ej/ e /e/ em Ribeirópolis, Sergipe, e percebeu que os contextos que mais favoreceram a manutenção da semivogal são os pré-vocálicos, como em **meia** e **correia**, e para os ambientes pré-consonânticos a supressão ou manutenção da semivogal iria depender da natureza¹⁸ da consoante seguinte.

Aragão (2002) analisou fatos fônicos característicos do português do Brasil, com base no *corpus* experimental do Atlas Lingüístico do Brasil. Dentre estes, destaco a monotongação de <ej>. De acordo com os dados, há uma especificidade na localidade de Vitória da Conquista produz-se /e/ diante de africada, como [pre^lfejtu]~ [pre^lfetʃu]¹⁹.

1.3.1.3 – O Ditongo <ej> nos Atlas Lingüísticos Brasileiros

Os Atlas Lingüísticos Regionais há muito são uma realidade no Brasil, os quais vêm discutindo acerca da variação linguística neste país e trazendo inegável contribuição aos estudos lingüísticos nacionais, especialmente no que se refere à quebra de tabus e preconceitos infundados que só servem para aumentar o fosso imaginário que separa os falantes da norma culta e os ditos incultos ou não detentores de uma cultura letrada de elite.

Rector (1979) fornece um bom material acerca dos Atlas Lingüísticos no Brasil e no mundo. Afirma a autora que Gilliéron (França) foi um dos precursores da construção desse tipo de registro da língua falada com a publicação do Atlas Linguistique de la France (1902-1910), ao qual vários outros se seguiram, como o Atlas Lingüístico da Córsega (GILLIÉRON;

¹⁸ Modo de articulação, ponto de articulação, etc.

¹⁹ Somente esse item lexical foi encontrado pela pesquisadora. No entanto, considere necessário expor essa ocorrência, visto corroborar a assertiva de Mota (1989) – ver página 62.

EDMONT, 1914-15), o Atlas Lingüístico da Catalunha (GRIERA, 1923-1939 e 1962-64), o Atlas Lingüístico da Itália e da Suíça Meridional (JABERG & JUD, 1928-1940), o Atlas Lingüístico-Etnográfico Italiano da Córsega (BOTIGLIONI, 1933-1942), o Linguistic Atlas of New England (KURATH et al., 1939-1943), o Atlas Linguistique de la Wallonie (1953-1987), o Atlas Lingüístico da Península Ibérica (TOMÁS, 1962), o Atlas Linguistique de la Gascogne (SÉGUY et al., 1954-1973), o Atlas Lingüístico Galego (GARCIA; SANTAMARIA, 1990), o Atlas Lingüístico de Castilla y León (ALVAR, 1999), o Atlas Lingüístico-Etnográfico de Andaluzia (ALVAR, 1961-1967), o Atlas Linguistique Roman (1996) e o Atlas Linguarum Europae (1998), são os que mais se destacam. A eles, seguiram-se os estudos dialetais na América, como: Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (THUN, FORTE; ELIZAINCIN, 1989), o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Colômbia (OLIVER & FLÓREZ,), o Atlas Lingüístico-Etnográfico do Sul do Chile (ARAYA et al.) e o Atlas Lingüístico-Etnográfico do Norte do Chile (PEÑA et al.), etc.

No Brasil, atualmente, contamos com a publicação de oito Atlas Lingüísticos em âmbito local: Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (ZÁGARI, 1977), Atlas Lingüístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO, 1984), Atlas Lingüístico de Sergipe (ROSSI 1987), Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (KOCH, 2002), Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALSII (CARDOSO, 2002), Atlas Lingüístico Sonoro do Pará – ALISPA 1.1 (RAZKY, 2003) e Atlas Lingüístico do Amazonas (CRUZ, 2004). O país espera pela publicação das pesquisas ainda em andamento; e, destacadamente, pelos resultados do projeto nacional de construção do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB-CARDOSO).

Com o intuito de auxiliar em minhas considerações e de verificar como a variável <ej> se comporta no país, implementei um estudo sobre esse ditongo nos Atlas Regionais publicados do Brasil até 2004²⁰. Considerei, para tanto, os mesmos critérios aqui utilizados, com algumas diferenças em virtude das especificidades das publicações, obtendo os resultados estatísticos por intermédio do Pacote VARBRUL²¹. O número de dados manipulados totalizou 3.395. Apresento, pois, alguns resultados a seguir.

²⁰ Excetuando o Atlas Lingüístico do Amazonas, a que não tive acesso antes de concluir a pesquisa.

²¹ A esse respeito tratarei na Metodologia.

Das variáveis estruturais utilizadas como base para a análise quantitativa dos dados, a que se mostrou mais produtiva, tanto para determinar a monotongação quanto para inibir a supressão da semivogal /j/ do ditongo <ej> nas áreas ora estudadas foi o contexto fonético subsequente.

Observando os dados, percebi que os resultados apontaram a monotongação de <ej> como determinada pela presença do tepe posposto à variável (.86, ex. **beira**), seguido pelos resultados referentes à fricativa labiodental sonora (.84, ex. **ceiva**). Há, no entanto, de se tomar cuidado ao afirmar que esta última se comporta como bloqueadora da realização da semivogal em foco, já que todas as ocorrências de <ej> diante desse segmento se restringiram à palavra **aleive**, podendo, pois, configurar uma particularidade do item lexical. Os demais segmentos que se mostraram favorecedores à aplicação da regra de monotongação, nesse grupo de fatores, foram a fricativa palatal surda (.55, ex. **queixo**), e a oclusiva velar sonora (.55, ex. **manteiga**). Já a fricativa palatal sonora parece estar em um patamar intermediário, tendendo à manutenção da semivogal (.31, ex. **beija-flor**).

Com relação aos fatores que se mostraram importantes para a manutenção da semivogal, destacam-se os referentes a /a/ (.11, ex. **meia**) e /u/ (.01, ex. **seio**) pospostos ao ditongo. Conforme os dados, tanto a oclusiva alveolar surda (.05, ex. **peito**) quanto sua variante africada (.10, ex. **leite**) agem como bloqueadoras da regra, sendo esta última mais passível de variação em razão da palatalização por que passa quando localizada diante de /i/ – fenômeno percebido em grande parte do território nacional –, o que a torna foneticamente muito próxima da semivogal /j/, tendo, esta última, maiores chances de harmonização a /tʃ/.

Quanto ao fator tonicidade da sílaba na qual se localiza o ditongo, dos 3.388 dados da amostra, a variável ocorreu 2.964 vezes em sílabas tônicas e somente 150 em sílabas átonas²², para as quais encontrei os resultados de .51 e .37 para a regra de monotongação, respectivamente. Acredito, no entanto, que essa deva estar relacionada muito mais à qualidade do segmento posterior ao ditongo do que exatamente à tonicidade da sílaba em que este se encontra.

Com relação ao tamanho da palavra que contém o ditongo, observei que quanto mais sílabas contiver o termo mais chances teremos de nos deparar com a monotongação, já que, de

²² Excetuando-se os fatores não selecionados pelo VARBRUL, a saber: tônica oxítônica e átona postônica, que foram retiradas da amostra pelo programa por insuficiência de dados.

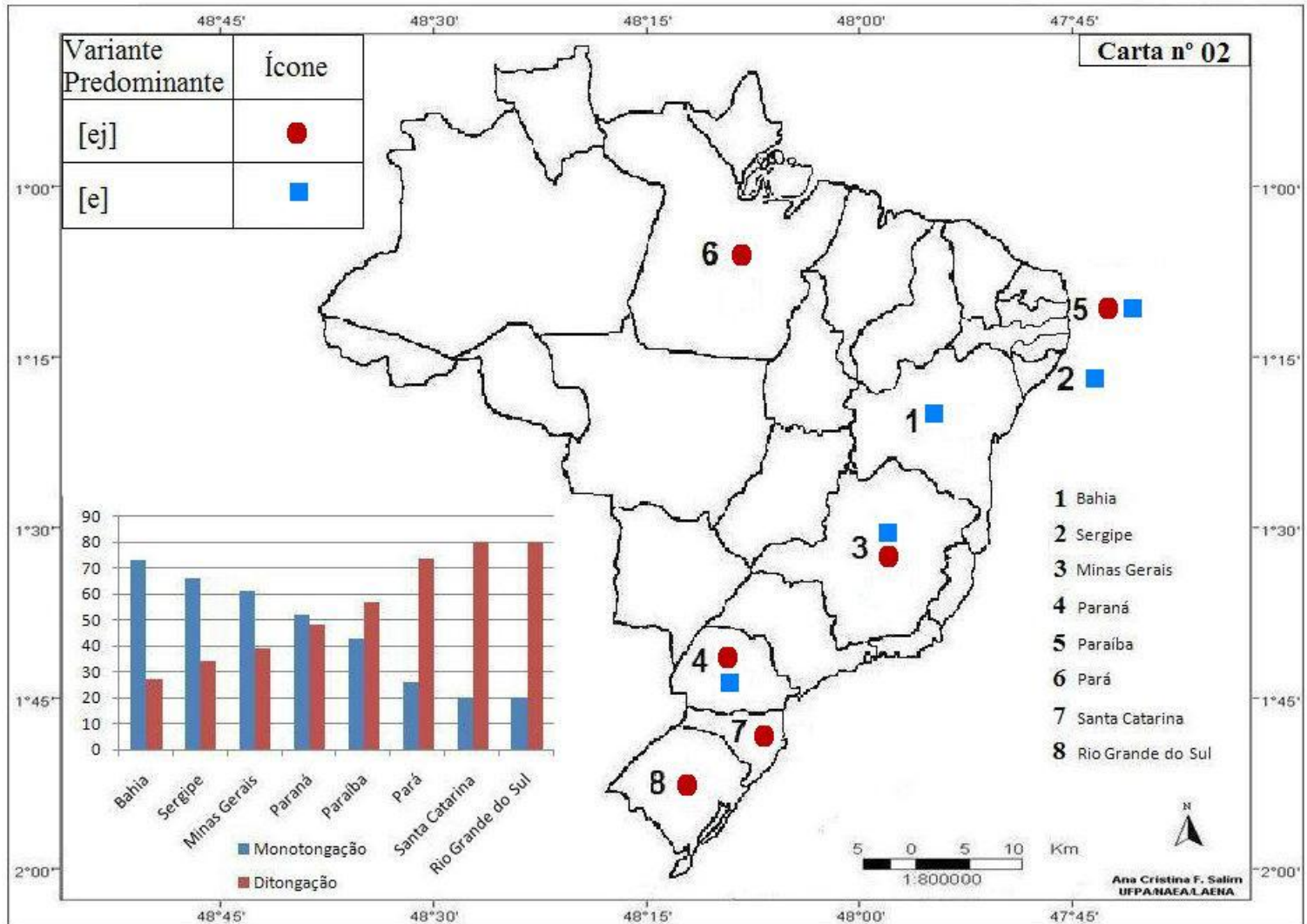
um pólo a outro, temos: .81 para polissilábicas e .01 para monossilábicas. Isso talvez se dê pelo fato de que palavras menores historicamente sofrem menos variação, já que sempre há possibilidade de, ao promovermos apagamentos, permutas ou mudanças na qualidade dos sons que compõem a palavra, criarmos homônimos (Ex. lei/lê, sei/se, meio/meu, seio/seu), o que não ocorre com palavras maiores (Ex. manteiga/mantega, parteira/partera).

Respeitante à posição do ditongo na palavra, o programa não selecionou o fator final de palavra por não haver variação (knock-out²³). Ainda assim, podemos afirmar que, em ambientes fronteiros, há menos tendência à monotongação, e que no meio da palavra, há uma maior possibilidade à aplicação da regra. Não podemos esquecer, no entanto, que isso pode ter relação direta com o silêncio, já que, por se tratar de uma metodologia unívoca para todos os Atlas – qual seja: o uso de questionário –, as respostas, em geral, ocorrem em forma de itens isolados, não sofrendo, portanto, interferência de segmentos fonéticos anteriores ou posteriores ao ditongo, quando estes se encontram no início (.22) ou no fim da palavra. Já quando se encontra no interior da palavra, sofre o ditongo influência do elemento fonético subsequente.

Um dos grupos de fatores mais importantes na depreensão da regra na fala do brasileiro foi a que considerou a diferença espacial, ou seja, a análise das realizações nos Estados, na medida em que, conforme se pode observar no mapa apresentado em seguida, os Estados em que houve mais monotongação são muito próximos e se polarizam em termos espaciais dos que apresentaram um nível de manutenção da semivogal mais elevado, o que parece indicar um condicionamento dialetal do ditongo <ej> no Brasil.

²³ Este é o termo – do próprio programa – utilizado para referir-se a fatores em cuja variação é inexistente.

Mapa 01: Distribuição da Monotongação do Ditongo <ej> no país a partir dos Atlas Regionais Brasileiros



Assim, evidenciam-se o *Nordeste* – especificamente Bahia (.73) e Sergipe (.66) – como maior promotor da monotongação no país e o *Sul* – Santa Catarina (.20) e Rio Grande do Sul (.20) – como provedor do ditongo no país.

Deve-se, no entanto, ter muito cuidado para se afirmar que há uma regionalização em se tratando do ditongo <ej> no país, uma vez que Minas Gerais faz parte da região Sudeste e também tem um elevado índice de monotongação (.61), e Pará se localiza ao Norte e apresenta somente .26 para a aplicação da regra, mesmo situando-se tão longe da área que se mostrou com maior tendência à utilização da forma ditongada da variável.

Provável explicação para o fato encontra-se nas características sócio-econômico-históricas de cada Estado ou da região em que este se encontra. Sabe-se que as regiões

Amazônica e Sul do Brasil tiveram como colonizadores portugueses oriundos da mesma região lusa: os açores. Além disso, o tipo de povoamento foi o mesmo, isto é, os Jesuítas se alojaram primordialmente nesses pólos, visando à exploração da matéria-prima e à catequização dos índios. As coincidências não acabam por aí: sabemos também que, em razão das relações comerciais menos estreitas com a metrópole por serem duas áreas pouco cobertas pelas forças portuguesas, Portugal, paulatinamente, vinha perdendo espaço para outros países, como Holanda, Inglaterra e França, o que lhe obrigou a expulsar os Jesuítas dessas regiões – por intermédio de Marquês de Pombal, então, primeiro ministro do reino – e a construir fortes ao longo de toda a costa brasileira, em especial nessas duas áreas.

Os resultados apontam (especificadas as restrições) para a proposta de Nascentes (1953), “(...) que divide o território nacional em seis subfalares (amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista), reunidos em dois grupos (norte e sul).” (apud BRANDÃO, 1991, p. 46).

Partindo dessa leitura, fica, contudo, a interrogação quanto aos motivos de termos encontrado Paraná (Sul) como um dos que apresenta um dos mais elevados índices de monotongação, já que se encontra em ilha de ditongação, e Pará (Norte) como propiciador da manutenção da semivogal, já que fica tão distante da área de não aplicação da regra.

Dessa forma, pode-se afirmar que, em uma macro análise, é possível fazer uma divisão binária no que tange à questão dialetal no país, mas em uma micro análise, essa divisão fica prejudicada, e, portanto, não se sustenta. Somente com um estudo mais amplo e manipulando mais variáveis independentes, pode-se ter uma noção mais clara da realização do ditongo <ej> no Brasil, assim como de outros fenômenos do português brasileiro.

Com base nas pesquisas apresentadas e levando em consideração a proposta do ALiB, exponho, a seguir, os passos metodológicos efetivados no presente trabalho.

2 Metodologia

Neste capítulo, apresento os caminhos percorridos por mim na produção desta pesquisa. Por isso, importante se faz que se conheçam os pontos de inquérito em que foi promovida a aplicação das entrevistas, para se ter uma visão do que se poderá encontrar nos dados, com base nas especificidades locais.

2.1 – Os Pontos de Inquérito do ALiB e o Estado do Pará

Sabe-se que o Norte do Brasil é marcado por desníveis sociais bastante graves e são altos os índices de analfabetismo em comunidades interioranas²⁴, assim como é marcada por áreas de imigração, especialmente em áreas de garimpo, pelas minorias lingüísticas e sociais, como povos indígenas e comunidades quilombolas.

O Pará, como um dos mais importantes Estados da região, apresenta características sociais, econômicas e históricas não muito diferentes dos outros Estados, mas se percebe aqui a forte influência do elemento indígenas nas produções lingüísticas.

O levantamento dos aspectos sociais e estruturais do Estado do Pará e dos municípios que constituiriam pontos de inquérito para esta pesquisa foi implementado a partir de buscas na *Internet*, no site do Governo do Estado do Pará, do guia do eleitor e do IBGE, além da obra de José Pereira da Silva, produto de sua tese de doutoramento, na qual fez um estudo filológico do Primeiro Tratado de Geografia da Amazônia Escrito por um Brasileiro, Pe. Dr. José Monteiro de Noronha. Tais históricos enfatizam os seguintes tópicos: Aspectos históricos e Culturais (História, Cultura, População e Atividades Econômicas) e Aspectos Territoriais (Localização, Limites, Hidrografia, Vegetação e Clima). Esse levantamento será importante para que possamos conhecer as peculiaridades culturais, sociais, econômicas dessas localidades, o que poderá ajudar na compreensão de algumas variações encontradas nos dados²⁵.

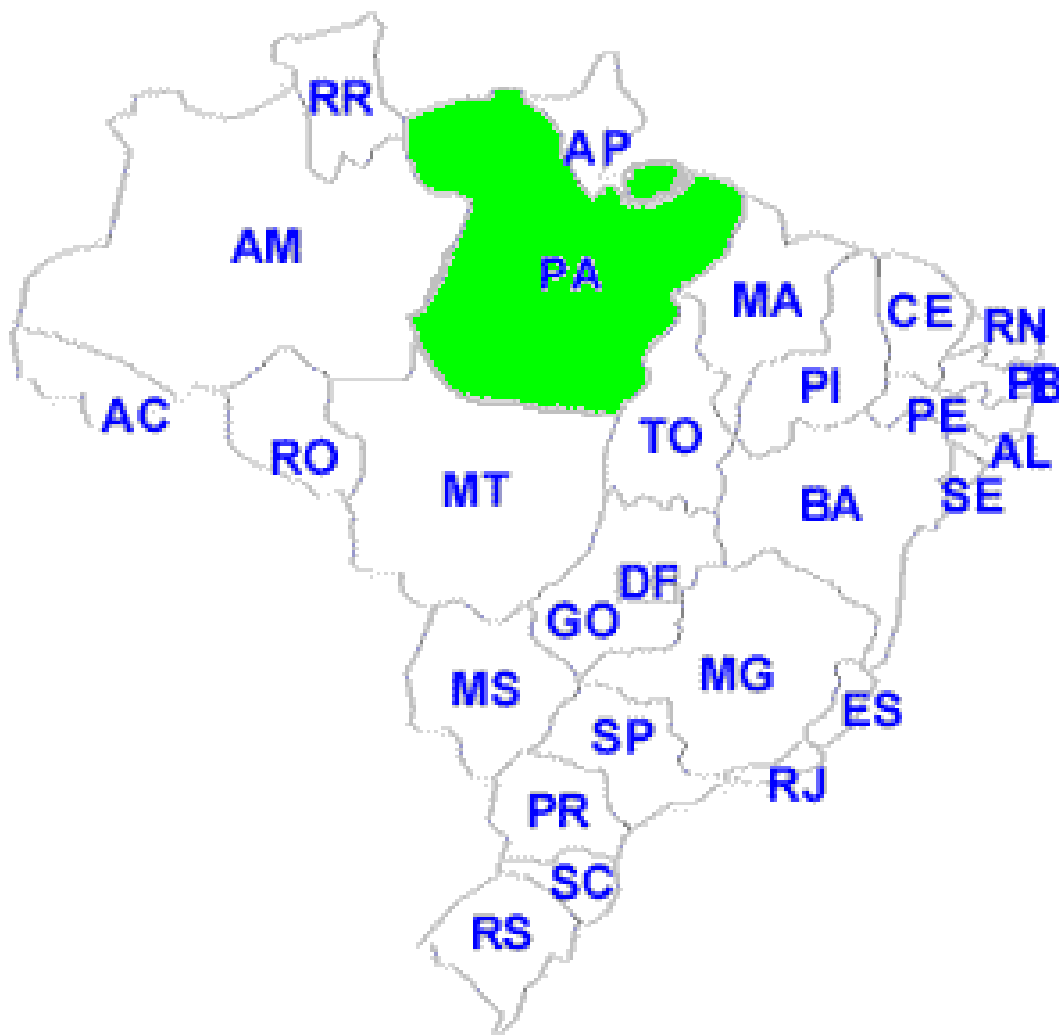
²⁴ Mesmo em áreas metropolitanas temos o chamado analfabeto funcional, aquele que teve assistência educacional, porém não adquiriu, em total, os subsídios para uma boa educação. Como consequência disso, verificamos os altos números de desempregados, ou simplesmente a ausência de mão-de-obra qualificada e/ou especializada na região. Não raro, as empresas locais têm de trazer especialistas do Centro-Sul do Brasil.

²⁵ A apresentação dos elementos sociais, geográficos e econômicos mais importantes expostos nestas fontes encontra-se em anexo, assim como informações mais detalhadas sobre cada localidade que constitui ponto de inquérito desta pesquisa.

Localização geográfica

O Estado do Pará faz fronteira com os Estados do Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, além de localizar-se de frente para o Oceano Atlântico, além de fazer fronteira com outros países do continente (Guiana e Suriname), como se verá a seguir:

Mapa 02 Localização Geográfica do Estado do Pará



Como já referido, os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa foram fornecidos pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)²⁶.

²⁶ O projeto começou a tomar corpo em 1996, quando do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, realizado na cidade de Salvador. Nos anos subsequentes, após a criação do Comitê Nacional – a saber: Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Socorro Aragão, Mário Zágari, Vanderci Aguilera, Walter Koch e, admitido recentemente, Abdelhak Razky –, a pesquisa no campo dialetológico no Brasil só vem crescendo e reunindo adeptos.

Tendo como objetivo principal descrever a realidade lingüística no território nacional, o ALiB traçou algumas metas a serem alcançadas no decurso das pesquisas:

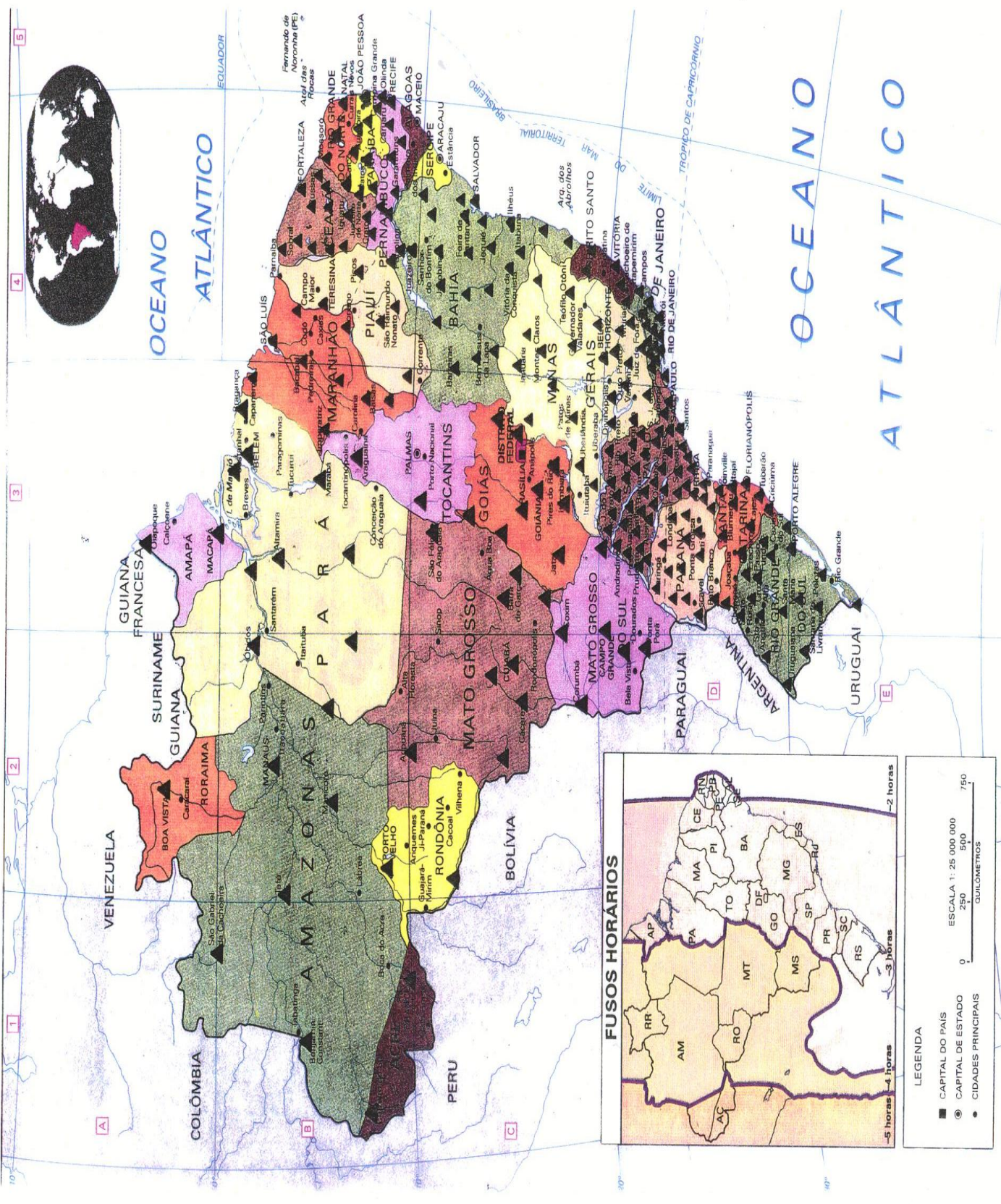
- Identificar as diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) em uma perspectiva Geolingüística;
- Disponibilizar material de pesquisa a quaisquer interessados na diversidade lingüística do país, tais como lingüistas, lexicólogos, pedagogos, antropólogos etc. por meio de um banco de dados extenso e rico, que permita a consulta rápida, fácil e eficiente de elementos lexicográficos, fonéticos e morfossintáticos, para a ampla pesquisa e/ou variadas perspectivas;
- Evidenciar diferenças regionais (dialetais, portanto) por meio de isoglossas em cartas lingüísticas e de estudos comparativos;
- Comungar de conceitos advindos de áreas afins, como Sociologia, antropologia, história, para melhor subsidiar os trabalhos particulares promovidos a partir da base ALiB;
- Contribuir na luta pela quebra da desigualdade, gerada por e geradora de preconceitos quanto aos usos da língua, em especial da norma culta, ressaltando que a língua portuguesa no Brasil, como instrumento de comunicação, possui varias normas de aplicação, mas que se mantém sistêmica, a despeito dos discursos contrários.

Os pontos de inquérito totalizaram **250** (duzentos e cinqüenta), distribuídos em todo o país, os quais apresentam especificidades como extensão, aspectos demográficos, culturais, históricos etc. são eles:

Mapa 03 pontos de inquérito do ALiB no Brasil

BRASIL POLÍTICO

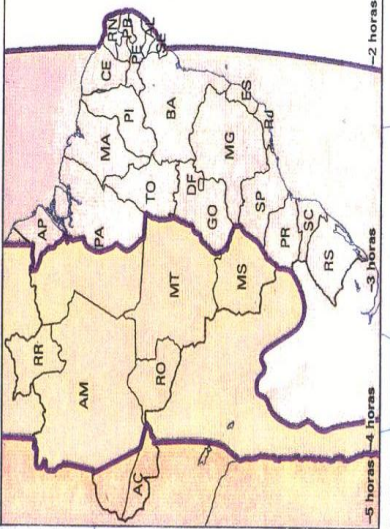
Assinalados, através de triângulos pretos, os 250 (duzentos e cinquenta) pontos do Projeto ALiB.



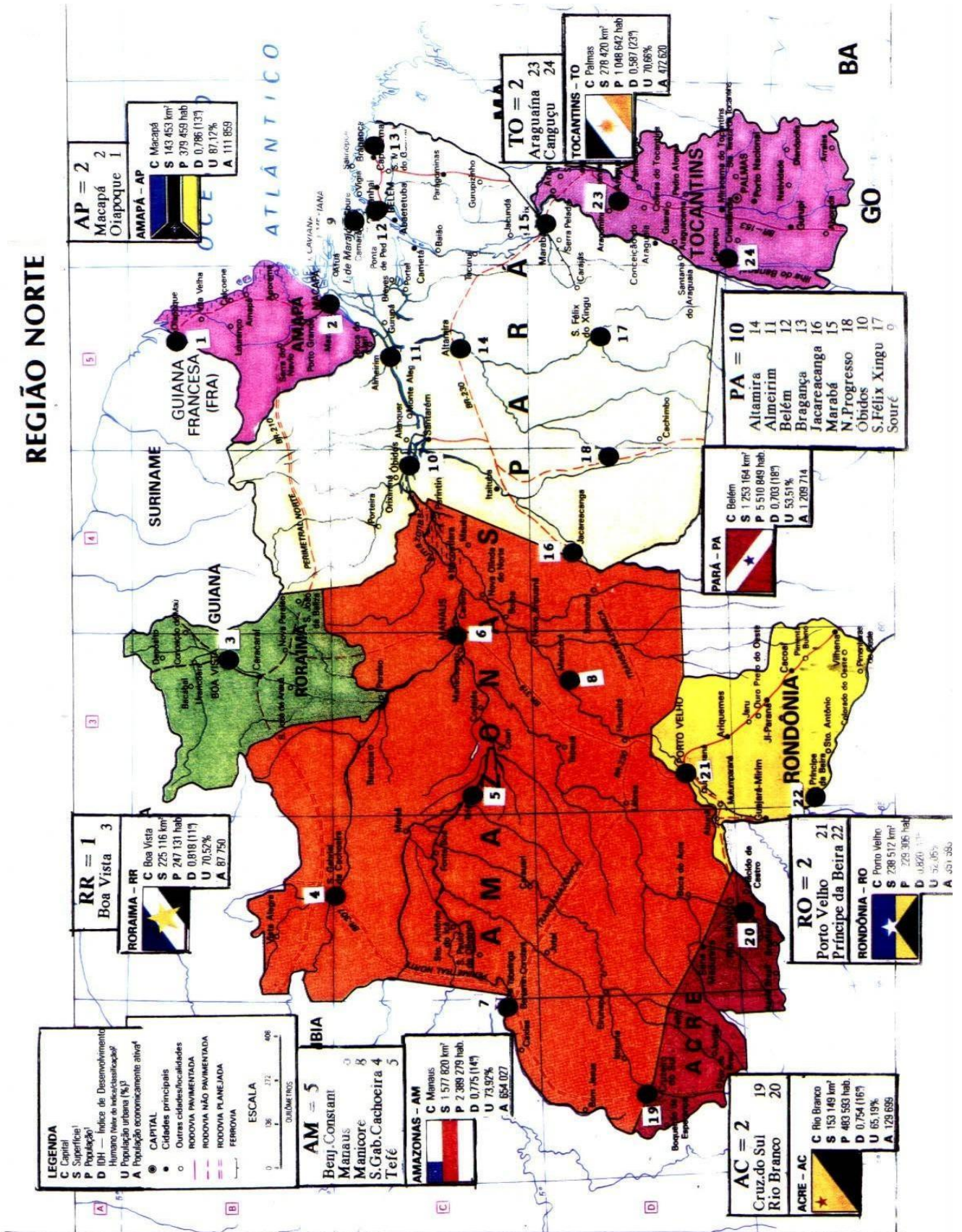
LEGENDA

- CAPITAL DO PAIS
 - CAPITAL DE ESTADO
 - CIDADES PRINCIPAIS
- ESCALA 1: 25 000 000
0 250 500 750
QUILÔMETROS

FUSOS HORÁRIOS



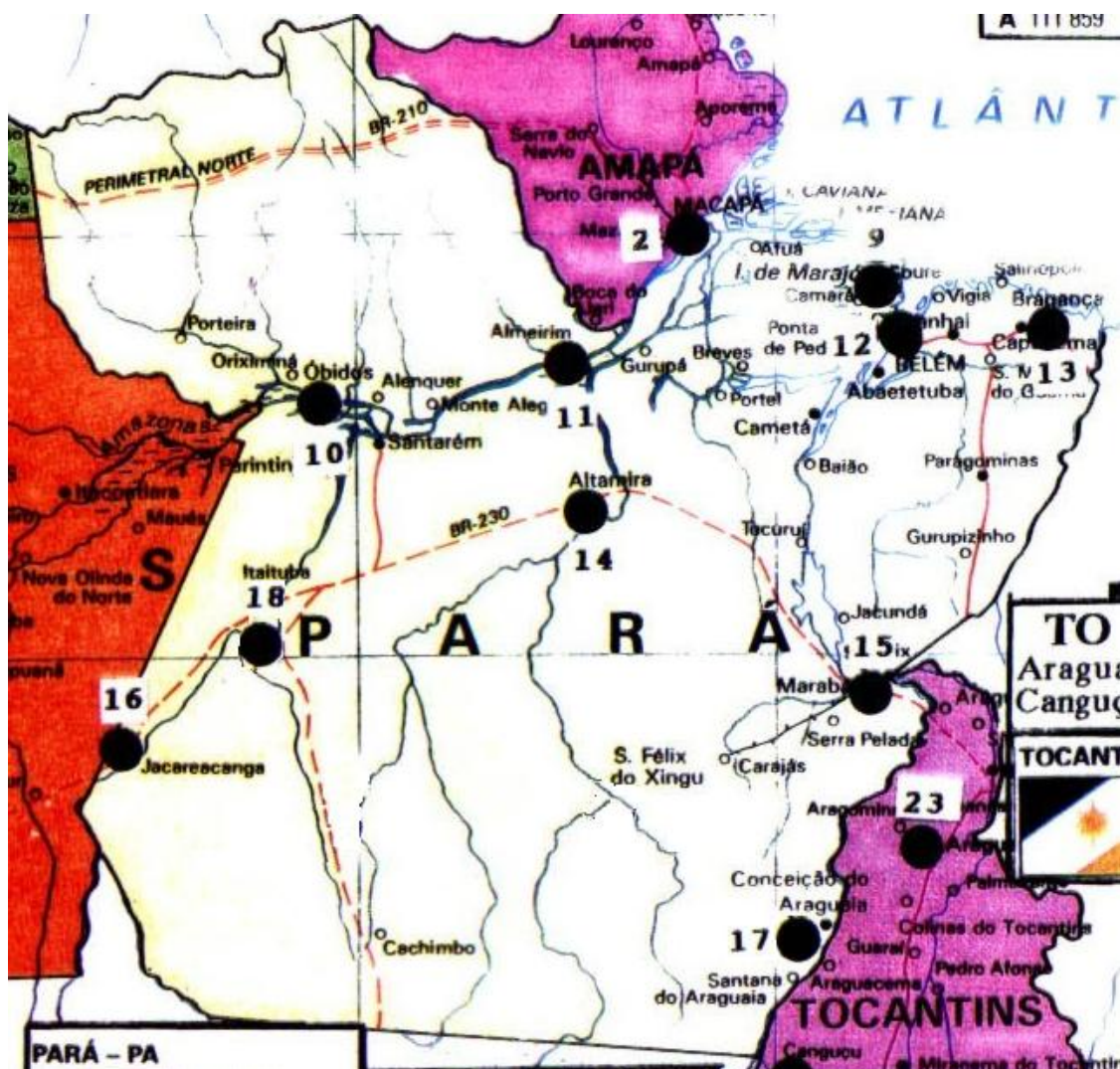
Mapa 04: Pontos de Inquérito para a Região Norte



Os pontos de inquérito selecionados para o Estado do Pará foram, como observado anteriormente no mapa, dez, a saber: Altamira, Almeirim, Belém, Bragança, Jacareacanga, Marabá, Novo Progresso, Óbidos, São Félix do Xingu e Soure. No entanto, esses pontos tiveram de ser retificados, por questões de especificidades locais, em especial a de cunho populacional. Assim, o município de Novo Progresso, por ser uma localidade com um número bem extenso de indivíduos oriundos do Nordeste ou Sul do Brasil e não se conseguir contatar informantes nascidos na localidade, foi substituído por Itaituba, que apresenta falantes paraenses de nascimento e não se distancia da cidade substituída. Além disso, a cidade de São Félix do Xingu, por ser uma localidade de difícil acesso, foi substituída por Conceição do Araguaia. Vale acrescentar que essa proposta foi apresentada aos coordenadores gerais do ALiB, os quais concordaram com a mudança.

Veja, a seguir, os pontos de inquérito a partir da redefinição:

Mapa 05: Pontos de Inquérito do ALiB no Pará

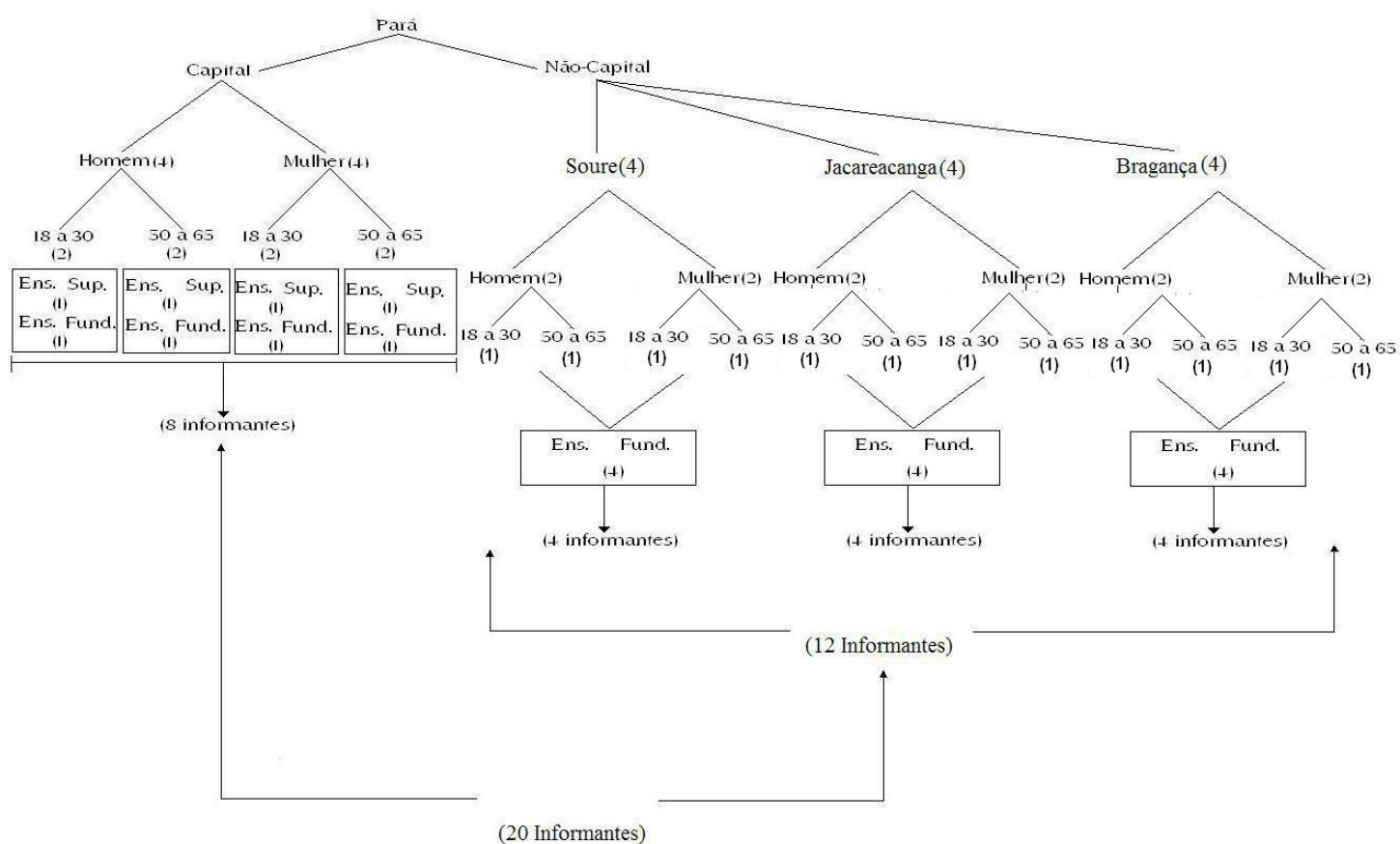


2.2 – Os informantes

Os informantes apresentam características congêneres às utilizadas na maioria dos Atlas regionais, com uma diferença em relação à capital dos Estados. Tem-se, portanto: oito nas capitais (sendo quatro com nível superior de ensino e os outros quatro com nível fundamental, assim como nas demais localidades) e quatro nas outras, distribuídos igualmente em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos de idade), que tenham aí nascido e, preferencialmente, que tenham pais também nascidos na localidade foco.

Assim se apresentam os informantes, conforme o esquema a seguir:

Esquema 01: Organização da Amostra



2.3 – Os Questionários

Com base nos resultados dos Atlas publicados dentro e fora do Brasil, e a partir da abstração desses resultados (que teriam, pois, um bom nível de previsibilidade e/ou estariam mais passíveis de variação na fala dos indivíduos desses lugares), determinou-se a aplicação de três questionários: o que objetiva à obtenção de normas fonéticas nos pontos de inquérito –

acrescido que questões de prosódia, o que manipula elementos semântico-lexicais e o que visa atingir as estruturas morfossintáticas dos falantes destas localidades; de questões de pragmática; e de perguntas metalingüísticas. Além desses, a título de sugestão, são apresentados os temas semidirigidos (para registro de fala espontânea) e o texto para leitura. A entrevista, aplicada ao informante pré-selecionado, tem duração média de três horas a três horas e meia, dependendo da interação entrevistado-entrevistador, e está estruturada da seguinte forma:

- **Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**, composto de 159 perguntas e de questões de prosódia de frases interrogativas, afirmativas e imperativas; visa, preferencialmente, depreender formas fonéticas em variação.
- **Questionário Semântico-Lexical (QSL)**, que apresenta 202 questões, divididas em 14 campos semânticos, referentes ao comportamento lingüístico do informante em seu meio social; objetiva a captação de vocabulário específico de cada região (várias formas de denominar a mesma coisa);
- **Questionário Morfossintático (QMS)**, com 49 perguntas respeitantes a concordância, a tempos verbais, a adjetivações, etc.; dirige-se a fenômenos frasais e mórficos em variação;
- **Questões de Pragmática (Qprag)** relacionadas ao comportamento dos indivíduos em relação ao papel social exercido por ele e pelos demais da comunidade, como, por exemplo, como ele relacionaria via língua como indivíduos mais velhos ou mais novos que ele, por exemplo;
- **Temas para discurso semidirigido (DS)**, momento em que o informante é estimulado a falar o mais próximo possível de como falaria em seu cotidiano; efeito alcançado por intermédio de relatos pessoais (situação alegre, triste ou anseios); método sociolingüístico por excelência;
- **Perguntas metalingüísticas (PM)**, que visam ao entendimento do grau de consciência do indivíduo sobre as questões de variação em sua própria língua e as várias nuances que esta mesma apresenta;

- **Texto para leitura** (TL), importante para o pesquisador proceder à comparação entre o discurso produzido por meio de questionários, fala espontânea e reprodução via leitura.

2.4 – A Entrevista

Os dados que compõem o *corpus* deste trabalho foram coletados por pesquisadores do ALiB/Norte. Para a pesquisa de campo os pesquisadores passaram por treinamento em workshops do ALiB e junto à equipe do ALiPA. Consistem esses treinamentos na aplicação de métodos de abordagem, comportamento do inquiridor frente ao entrevistado, técnicas de gravação e de transcrição dos dados, etc²⁷. Apresento, a seguir, os responsáveis pela coleta nos respectivos pontos do Estado do Pará. São eles:

Quadro 01: Quadro de Inquiridores

Localidade	Inquiridor(es) Principal(is)	Inquiridor(es) Auxiliar(es)
Belém-PA	Alcides Fernandes de Lima	Marilucia Oliveira, Arlon Martins e Adriana Feitosa.
Soure-PA	Alcides Lima e Simone Negrão	Abdelhak Razky
Brangança-PA	Alcides Lima	Abdelhak Razky, Arlon Martins e Adriana Feitosa.
Marabá-PA	Marilucia Barros de Oliveira	Adriana Feitosa
Altamira-PA	Alcides Lima	Raquel Lopes
Jacareacanga-PA	Alcides Lima	Raquel Lopes
Óbidos-PA	Alcides Lima	Arlon Martins
Almeirim-PA	Alcides Lima	Arlon Martins

Além desse suporte oferecido pelo ALiB, busquei pautar minhas análises nos conceitos da Sociolinguística Quantitativa, caracterizando-se, por isso, meu trabalho como de cunho Geo-Sociolinguístico, como apresentado em momento anterior. Com relação ao componente sociolinguístico, darei mais detalhes na seção seguinte.

²⁷ Os passos desses treinamentos podem ser encontrados em Aguilera, Mota e Milani (org. 2004).

2.5 – Variáveis sociolingüísticas

Para situar o leitor sobre os aspectos considerados nesta pesquisa, busquei alguns conceitos que julgo importantes à visão de teóricos da linguagem no que respeita aos fundamentos de análise lingüística sob o ponto de vista variacionista, os quais explico em seguida.

Para falar em variantes, é preciso, primeiramente, diferenciar variantes de variáveis. Tarallo (2001) afirma que variantes constituem-se das diversas formas de se falar a mesma coisa em um contexto, ou em vários, com a mesma verdade. Já variável é a constituição de um complexo de variantes, isto é, algo passível de variação. Para tanto, partimos do padrão lingüístico, para chegarmos ao padrão sociolingüístico.

Para o autor, "Em geral, a variante considerada padrão é ao mesmo tempo conservadora e aquela que goza de prestígio. (...) As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade" (TARALLO, 2001, p.12). Isso dá margem à possibilidade de identificar grupos dentro da sociedade e a diferença social na comunidade.

A esse respeito, Preti (1974, pp. 16-17) afirma que

(...) Nem sempre é possível dizer-se com precisão que um indivíduo de determinada região, cultura, posição social, raça, idade sexo etc., escolheria estruturas e formas que pudéssemos de antemão prever. (...) Mas tal ponto de vista não invalida a pesquisa (...) no campo da *diversidade*... (PRETI, 1974, pp. 16-17)

Mesmo porque o interesse popular pela diversidade é altamente sentido, em especial nos meios de comunicação de massa, como os programas de humor, que não raro têm usado figuras caricatas em forma de personagens que acabam legitimando o preconceito lingüístico, que é, antes, social. É de se lamentar que as pessoas estejam tão desinformadas a esse respeito, que acabem por propagar conceitos alheios aos seus próprios interesses sócio-culturais.

Para Mollica (1992), os padrões contextualizadores de variação e/ou mudança constituem-se numa estrutura de gênese e níveis diversos. Afirma a autora que as variáveis lingüísticas consistem em dois tipos: primeiro, as variantes internas que se dão nos campos morfo-fono-sintáticos, semânticos, discursivo e lexical; segundo, as variantes externas fazem relação com os fatores inerentes ao indivíduo (como sexo, idade, etnia, profissão), com os sócio-geográficos (como região, escolaridade, nível de renda), e com os contextuais (como

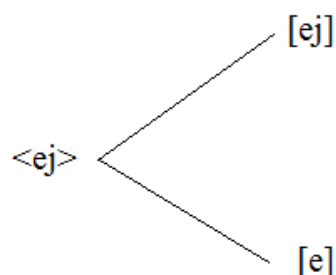
grau de formalidade e tensão discursiva). Os primeiros referem-se aos traços próprios dos falantes, enquanto os segundos referem-se às características circunstanciais. Tendo em vista a aplicação ou não dessas assertivas, determinei as seguintes variáveis.

2.5.1 – Variável dependente

Tarallo (2001) sugere uma comparação entre variável e um envelope em que estão elencadas as variantes do fenômeno estudado. Assim, o envelope no qual me deterei diz respeito ao ditongo <ej> no Pará, sendo suas possíveis realizações (variantes, portanto) a forma em manutenção da semivogal /j/, ou seja, o ditongo pleno; e sua forma monotongada, isto é, quando suprimida a vogal assilábica. Logo, estou considerando como aplicação da regra a MONOTONGAÇÃO do ditongo <ej>, por exemplo, em *beija-flor/beja-flor*, *teia/tea*, *manteiga/mantega*, *leira/lera*, etc.

Assim, temos o seguinte esquema

Esquema 02: Variável Dependente



2.5.2 – Variáveis independentes

Tarallo (2001) afirma que

A sistematização do ‘caos’ lingüístico demonstra, em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. A esses contextos daremos o nome de ‘fatores condicionadores’. Um grupo de fatores é o conjunto total de possíveis armas usadas durante a batalha... (TARALLO, 2001, p. 36)

Portanto, os grupos de fatores relacionados por mim na apreensão da variável no Pará são:

2.5.2.1 – Variáveis lingüísticas

Detenho-me aqui aos possíveis condicionadores lingüísticos, isto é, internos ao sistema da língua e que comumente vêm relacionados à produção acadêmica em lingüística na atualidade. Dentro desses grupos de condicionadores fazem parte somente os fatores considerados relevantes pelo programa de depreensão estatística VARBRUL. São eles:

- **Segmento Fonético Subseqüente:** É ponto pacífico entre os pesquisadores dos ditongos em língua portuguesa que o Segmento Fonético Subseqüente constitui elemento fundamental na realização plena do ditongo ou em sua forma monotongada. Neste grupo de fatores, trato como relevantes o tepe alveolar (**beira**), a oclusiva velar sonora (**manteiga**), a oclusiva alveolar surda (**peito**), a fricativa palatal surda (**queixo**), a fricativa palatal sonora (**queijo**), a vogal baixa (**meia**), a vogal alta (**seio**²⁸) e a africada surda (**leitfe**);
- **Tonicidade da Sílabas:** Destaco as átonas pretônicas (**beijar**) e as tônicas paroxítonas (**beira**);
- **Estrutura Silábica da Palavra:** Composto de palavras dissilábicas (**seio**), trissilábicas (**peneira**) e polissilábicas (**aleijado**);
- **Posição do Ditongo na Palavra:** Estruturado em início (**peito**), meio (**cadeira**) e fim (**acordei**);
- **Classe da Palavra que Contém o Ditongo:** Cujas relevâncias estão no Substantivo (**feira**), Adjetivo (**cachaceiro**), Verbo (**beijar**), e Numeral (**primeiro**).

2.5.2.2 – Variáveis sociais

Preti (1974) afirma que, para solucionar questões referentes à variação na língua, devem-se relacionar os fenômenos lingüísticos – que por si só já configuram princípio de classificação social – e os dados extralingüísticos, para observar em que medida há concomitância entre eles. Estas variações extralingüísticas são de ordem: Geográfica, Sociológicas e Contextuais.

Dessa forma, apresento alguns conceitos à medida que informo os fatores sociais por mim selecionados para a realização do trabalho.

²⁸ Levando em conta a assertiva de Câmara Jr. (1997), a qual diz que o /o/ átono final, em língua portuguesa, tende a sofrer alteamento, teríamos, então, a formação do par mínimo /'seju/ x /'seu/ (presença X ausência da semivogal).

Com relação a **SEXO**, Lemos, (2000) observa que mulheres utilizam formas associadas à escrita mais freqüentemente que homens, isto é, estariam mais propensas a manter as semivogais, em detrimento dos homens. Malgrado, por influência de Preti (1974), tem-se que ter em conta que é possível encontrar disparidades a essa assertiva, uma vez que,

De acordo com a comunidade, a oposição linguagem do *homem*/linguagem da *mulher* pode determinar diferenças sensíveis, em especial no campo léxico, devido a certos tabus morais. Essa oposição, no entanto, vem perdendo, gradativamente, sua significação, mormente nas grandes cidades, onde os *meios de comunicação de massa* (também o teatro, em proporção menor) e a transformação dos costumes e padrões morais (atividades exercidas pela mulher fora do lar; novas profissões; (...) etc.) têm exercido um papel nivelador importante... (PRETI, 1974, p. 24)

O maior interesse para a sociolinguística é a influência do fator sexo sobre o fenômeno de variação estável e de mudança linguísticas, pois, segundo Paiva (1992), as mulheres parecem tender a liderar o processo de mudança, quando esta é prestigiada socialmente. Já os homens implementam a forma de mudança desprestigiada.

A interação entre sexo e idade, evidencia que a forte tendência feminina à obediência das normas é relativa, sendo mais salientes entre os falantes idosos. (...) E a maior aproximação entre linguagem de homens e mulheres nas faixas etárias mais jovens pode ser explicada como uma consequência da ruptura das barreiras" (Paiva, 1992: p.72 e 73).

Numa tentativa de averiguação, e até para estar em acordo com as propostas do ALiB, manipularei a fala tanto de informantes masculinos quanto de informantes femininos, isto é, 10 homens e 10 mulheres.

Respeitante à **IDADE**, a fala do jovem, por seu caráter inovador, tende a implementar variações e mudanças na língua com mais freqüência que a dos mais velhos. Há de se supor, por conseguinte, que os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, enquanto os jovens estão mais abertos a novas mudanças linguísticas.

(...) a mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo, onde costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução. Isto apesar do fato de que a longo prazo - normalmente no espaço de várias gerações - a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas. (Naro, 1992: p.81).

É evidente que só será possível verificar se isso constitui verdade fazendo um estudo por etapas com um mesmo indivíduo, procedendo à comparação das mudanças ocorridas ao longo de sua vida num processo que Labov (apud TARALLO, 2001) chama de estudo em tempo real, mas isso ainda é bem difícil de tornar aplicável; faz-se, portanto, um estudo em tempo aparente (LABOV apud TARALLO, 2001), procedendo à comparação entre vários indivíduos de idades diferentes, guardadas as devidas restrições de cunho social. Assim,

analisarei a fala de indivíduos entre 18 a 30 anos (faixa etária 1) e 50 a 65 anos de idade (faixa etária 2).

Com relação à **ESCOLARIDADE**, o ALiB selecionou, nas capitais, oito informantes: quatro homens (dois com ensino fundamental e dois com ensino superior) e quatro mulheres com a mesma especificidade. Acredito, pois, ser importante analisar meus dados também com base nesse critério, uma vez que este estudo objetiva apresentar discussões outrossim relacionadas a estruturas sociais a que se expõe o falante.

Para a análise da variável escolaridade faz-se necessário voltar aos conceitos sobre o não-estigmatizado e o estigmatizado, forma de prestígio e forma neutra. As formas estigmatizadas tendem a despertar a reação negativa na maioria dos usuários da língua. A esse respeito, Votré (1992, p.77) propõe três tipos básicos de ensino da língua padrão: ensino produtivo, ensino descritivo e ensino prescritivo.

O ensino produtivo está centrado na aquisição de novos hábitos lingüísticos, na incorporação de modos de dizer, de fórmulas estereotipadas, enfim de codificações que a gramática escolar considera de prestígio. (...) O ensino descritivo está para o conhecimento das características estruturais das formas em uso, tanto as características regulares quanto as excepcionais. (...) está marcado pelo aspecto normativo, porque descreve o que é prestigiado, o que deve ser utilizado. (...) O ensino prescritivo está centrado na diminuição e eventual eliminação dos vícios de linguagem. (...) ao mesmo tempo se procura garantir o uso da forma padrão e extirpar a forma estigmatizada. (VOTRÉ, 1992, p.77)

Dessa forma, tentei fazer uma diferenciação entre os falantes com as seguintes formações: Com nível Fundamental de Ensino e com Superior Completo. Assim, pretendo verificar em que medida os falantes de nível Fundamental apresentam especificidades quanto à realização do ditongo em relação a falantes com nível acadêmico, que podem procurar se aproximar ao máximo do padrão culto escrito, para que não tenham sua imagem, de alguma forma, afetada perante o entrevistador, por exemplo.

O último grupo de fatores sociais a ser analisado diz respeito à **LOCALIDADE**. Quanto a esse critério, destaco, no Pará, as cidades de Belém (Mesorregião Área Metropolitana), Soure (Mesorregião Marajó), Bragança (Mesorregião Nordeste Paraense) e Jacareacanga (Mesorregião Sudeste Paraense).

2.5.2.3 – Variáveis Situacionais

Com o intuito de verificar como o ditongo se comporta quando realizado via **QUESTIONÁRIO**²⁹ e a partir da **FALA ESPONTÂNEA**³⁰, comparei as realizações quanto à natureza do suporte metodológico utilizado na entrevista. Por acreditar que os questionários propiciam uma padronização da variável, visto serem compostos de palavras isoladas, e, por isso, menos influenciáveis pela contigüidade; e por entender que a fala espontânea, por sua vez, motivaria a quebra de padrões, seja em função da velocidade imprimida a ela quando em situações menos monitoradas, seja pela possível interferência de segmentos fonéticos vizinhos, distingui os seguintes elementos: **Questionário X Fala Espontânea**.

2.5.2.4 – Cruzamento de dados

Tendo em vista observar a fala de cada informante, bem como tentar formular um perfil sócio-geográficos para o comportamento da semivogal /j/ na fala do paraense, manipulei os dados referentes a cada informante, levando em conta suas especificidades individuais, sociais e toponímicas. Assim, atribuí um signo para cada um dos informantes que fizeram parte da pesquisa, codificando-o no VARBRUL.

No próximo ponto, exponho os procedimentos utilizados para atingir meus objetivos na presente tarefa.

2.6 – Tratamento dos Dados

De posse dos dados, procedi à transcrição, triagem e análise dos mesmos, como elucidarei a seguir:

2.6.1 – A transcrição dos dados

Foi transcrita fonética e grafematicamente toda a entrevista, como explicitado a seguir:

QFF – transcrição fonética isolada do item lexical desejado para a depreensão de fenômenos fonéticos que o ALiB pretende analisar; triagem dos itens constituídos pelo ditongo <ej>.

²⁹ Composto por Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Morfossintático (QMS) e Questionário Semântico-Lexical (QSL).

³⁰ A partir das questões para Discurso Semidirigido (DS), Perguntas Metalingüísticas (PM), Questões de Prosódia (QP) e Questões de Pragmática (QPrag).

QSL – transcrição grafemática das respostas do informante e perguntas do pesquisador caso suscitasse alguma dúvida na resposta do entrevistado; triagem das palavras que promoviam o ditongo em foco e transcrição fonética tanto do item quanto das palavras anterior e posteriormente contíguas.

QMS – transcrição grafemática de toda a resposta dada pelo informante, ressaltando o termo que contém o <ej>, que foi transcrito foneticamente, bem como a palavra anterior e posterior a esta.

Fala espontânea – transcrição grafemática de todas as declarações e fonética do item lexical que apresentar a variável e dos seus devidos vizinhos.

Teste de leitura – transcrição ortográfica; triagem das ocorrências e transcrição fonética do termo e de seus vizinhos.

2.6.2 – A triagem das ocorrências e a codificação dos dados

Todos os itens lexicais continentes do ditongo <ej> foram selecionados e transcritos foneticamente em fonte SILDoulosIPA Regular (True Type), bem como os elementos vizinhos (anterior e posterior). Em seguida, foram codificados em seus respectivos grupos de fatores³¹ (Cf. quadro 02 resumitivo) no programa VARBRUL, que apresentado em seguida.

³¹ Alguns fatores não foram selecionados como relevantes à aplicação da regra de monotongação ou sofreram KNOCKOUT; por isso, foram eliminados. Nas análises, tratarei daqueles que foram considerados relevantes para a pesquisa.

Quadro 02: Grupo de Fatores (Resumitivo)

Ditongo <ej> Grupos de Fatores
<p>Coluna 1 (um): Variantes do ditongo realizadas A monotongo /e/ (aplicação da regra de monotongação); e B ditongo pleno /ej/ (não aplicação da regra de monotongação)</p>
Variáveis Linguísticas
<p>Coluna 2 (dois): A importância do segmento fonético subsequente para a aplicação da regra de monotongação r tepe alveolar (beira); g oclusiva velar sonora (manteiga); t oclusiva alveolar surda (peito); x fricativa palatal surda (queixo); j fricativa palatal sonora (queijo); a vogal baixa (ceia); u vogal alta (seio); e z africada surda (leite).</p>
<p>Coluna 3 (três): A importância da tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo para a aplicação da regra de monotongação a átona pretônica; e b tônica paroxítona.</p>
<p>Coluna 4 (quatro): A importância da estrutura silábica da palavra que apresenta o ditongo para a aplicação da regra de monotongação d dissílaba; t trissílaba; e p polissílaba.</p>
<p>Coluna 5 (cinco): A importância da posição do ditongo na palavra para a aplicação da regra de monotongação i início; m meio; e f fim.</p>
<p>Coluna 6 (seis): A importância da classe da palavra que contém o ditongo para a aplicação da regra de monotongação s substantivo; a adjetivo; v verbo; e n numeral.</p>
Variáveis Sociais
<p>Coluna 7 (sete): A importância do Sexo do informante para a aplicação da regra de monotongação de <ej> m masculino; e f feminino.</p>
<p>Coluna 8 (oito): A importância da faixa etária do informante para a aplicação da regra de monotongação 1 18 a 30; e 2 50 a 65.</p>
<p>Coluna 9 (nove): A importância da escolaridade do informante para a aplicação da regra de monotongação f Fundamental; e s Superior.</p>
<p>Coluna 10 (dez): A importância da origem do informante para a aplicação da regra de monotongação B Belém; R Bragança; S Soure; e J Jacareacanga.</p>
Variáveis Situacionais
<p>Coluna 11 (onze): A importância da natureza do suporte para a aplicação da regra de monotongação q Questionário; e e fala espontânea.</p>
Cruzamentos
<p>Coluna 12 (doze): A importância do sexo, idade, escolaridade e procedência para a aplicação da regra de monotongação a M1FB – Homem, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Belém; b M2FB – Homem, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Belém; c M1SB – Homem, de 1ª faixa etária, como nível superior e oriundo de Belém; d M2SB – Homem, de 2ª faixa etária, com nível superior e oriundo de Belém; e M1FR – Homem, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Bragança; f M2FR – Homem, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Bragança; g M1FS – Homem, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Soure; h M2FS – Homem, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Soure; i F1FB – Mulher, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Belém; j F2FB – Mulher, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Belém; k F1SB – Mulher, de 1ª faixa etária, com nível superior e oriunda de Belém; l F2SB – Mulher, de 2ª faixa etária, com nível superior e oriunda de Belém; m F1FR – Mulher, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Bragança; n F2FR – Mulher, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Bragança; o F1FS – Mulher, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Soure; p F2FS – Mulher, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Soure; q M1FJ – Homem, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Jacareacanga; r M2FJ – Homem, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriundo de Jacareacanga; s F1FJ – Mulher, de 1ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Jacareacanga; t F2FJ – Mulher, de 2ª faixa etária, com nível fundamental e oriunda de Jacareacanga.</p>

2.6.3 – Análise Quantitativa – O Pacote VARBRUL

A análise dos dados estabeleceu-se a partir dos resultados fornecidos por intermédio do pacote de programas computacionais VARBRUL, que depreende regras variáveis. Os cálculos estatísticos são executados e os valores probabilísticos fornecidos pelos programas IVARB, TVARB, MVARB. Os PR's (Pesos Relativos, como são chamados esses valores) “indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes da variável dependente, levando-se em consideração todas as variáveis independentes sob análise” (Brasil & Scherre, 2000, apud Lima, 2003). Para análise dos dados, é necessário, antes, criar, no programa MAKECEL, um arquivo de células compatível aos seguintes programas: o IVARB, que executa rodada binária, isto é, a partir de arquivos de células de duas variáveis dependentes com as quais os fatores se relacionam³²; o TVARB, que executa rodada ternária (três variáveis dependentes); e o MVARB, eneária (com mais de quatro variáveis dependentes)³³. É possível que, durante a preparação do arquivo de células, haja KNOCKOUTs, o que será preciso desfazer, já que os programas específicos não rodam arquivos que contenham esses resultados. É possível ainda que, devido a pequenos números de dados, alguns fatores ou grupos de fatores determinados sejam eliminados da amostra. Caso o pesquisador considere muito importante os dados, poderá amalgamá-los a fatores congêneres ou utilizar-se de dados fictícios que não deverão prejudicar a análise³⁴. A partir disso, é necessário criar arquivos de células compatíveis com o programa estatístico MVARB. A primeira rodada faz a triagem dos grupos de fatores relevantes ou irrelevantes, como: *classe gramatical da palavra, sexo* ou *escolaridade*. Isso poderá ocorrer na segunda, ou na terceira, até que se tenham apontados como relevantes à análise pelo programa os fatores ou grupos de fatores. A partir de então, são criados arquivos de condição, agora sem os grupos considerados irrelevantes, para que, enfim, possa-se efetuar as rodadas no programa MVARB, obtendo-se os resultados definitivos para a análise final.

Com base no exposto, apresento a seguir os resultados equivalentes à produção da semivogal ou sua supressão no ditongo <ej> na fala de informantes das cidades de Belém, Bragança, Soure e Jacareacanga, localizadas na Área Metropolitana, Nordeste, Marajó e Sudeste do Pará, respectivamente.

³² No caso deste trabalho, as variáveis são: realização plena do <ej> e sua forma monotongada /e/.

³³ Os programas supramencionados apresentam limite máximo de células para poder rodar – mais ou menos até 1.000.

3 – Análises dos Resultados

Tratarei aqui da exposição dos resultados alcançados neste estudo, o que farei a partir de três grandes áreas: aquela em que abordo os fatores lingüísticos; a que trata dos fatores sociais; e a que leva em conta os fatores situacionais. Destaco dentre estes os mais e menos condicionantes do fenômeno, evidenciando os índices mais altos e os mais baixos e os grupos de fatores em que houve maior ou menor oscilação, expostos com o auxílio de gráficos e tabelas, e, no caso dos fatores lingüísticos, ainda apresentando cartas fonéticas, com base, fundamentalmente do QFF, questionário do ALiB específico para depreensão de regras fonético-fonológicas.

Foram computados, a partir da análise computacional do pacote VARBRUL, 869 dados³⁵, dos quais 58% (.58) foram resultado da monotongação de <ej> na fala de indivíduos oriundos das localidades ora estudadas. Ao que, em princípio e ainda de forma tímida, se percebe que os resultados apresentados em meu estudo sobre esse ditongo encontrados nos atlas publicados no Brasil não vão se confirmando, ressaltando-se o fato de que o ALiSPA³⁶ foi implementado com base em uma metodologia de questionário, em que os itens lexicais tendem a sofrer menos influência de termos contíguos. Assim, em uma macro visão, a partir dos Altas Regionais, podemos entender a fala do paraense como uma ilha de ditongação de <ej> em relação a outros Estados do Brasil, mas em uma micro visão, isto é, levando em conta outros suportes além de questionário, esse ditongo parece não se comportar da mesma forma; o que, é óbvio, talvez só se confirme ao final deste estudo.

A partir desses dados gerais, apresento análises pormenorizadas da variável em questão, seguindo a trilha anteriormente exposta.

3.1 – Análise das Variáveis Lingüísticas

Farei, a seguir, a exposição dos resultados no que se refere aos grupos de fatores que se mostraram mais relevantes na depreensão da regra de monotongação na fala do paraense. Assim, apresento, em princípio, os grupos de fatores lingüísticos, isto é,

³⁴ (Cf. Paolilo, 1999, apud LIMA, 2003).

³⁵ Em uma primeira análise, foram codificados no BARBRUL 1.522 dados, dos quais muitos resultaram em knockouts e foram eliminados pelo próprio programa.

³⁶ Base para minhas análises sobre o ditongo <ej> no Pará em relação a outros Estados do Brasil.

estruturais, que aparecem na dianteira, tanto no que se refere ao fenômeno da monotongação quanto à manutenção da semivogal <j> no ditongo <ej> na fala dos indivíduos que colaboraram com a pesquisa.

3.1.1 – Segmento Fonético Subseqüente

Após análise quantitativa, o programa VARBRUL selecionou o segmento fonético subseqüente como o fator mais relevante na depreensão da regra de monotongação na língua falada no Estado do Pará, ao que se conclui o seguinte:

Nesse grupo de fatores, pode-se observar que, em termos de quantidade de ocorrências, há uma escala de produtividade, isto é, o ditongo <ej> se realiza potencialmente, diante de: tepe /r/ (506 ocorrências); oclusiva alveolar surda /t/ (80); fricativa palatal surda /ʃ/ (70); fricativa palatal sonora /ʒ/ (58); vogal baixa /a/ (55); (africada palato-alveolar /tʃ/ (33) e oclusiva velar sonora /g/ (23).

Os resultados mostram que, dentre os fatores estruturais, o que mais propicia o apagamento da semivogal no ditongo <ej> é o **tepe** quando localizado após a variável. Das 506 ocorrências de <ej> diante dessa consoante, 82% (.79) foram monotongadas (num total de 416 dados contra 90 de manutenção), como em *janeiro/janero*, o que vem confirmar os resultados de outros estudos, como é o caso de Veado (1983), Bisol (1994), Paiva (1996), Cabreira (1996), Mota (1998), Araújo (1999) e Lopes (2002). De acordo com Bisol (1989), nesse ambiente, o <ej> constitui um ditongo leve, pois alterna com o monotongo, sem implicar mudança de sentido. Nesse contexto, seria, pois, um ditongo puramente fonético. Segue-se a esse fator a oclusiva velar sonora /g/ com 68% (.64 – 17 ocorrências contra 8 de manutenção). Deve-se, no entanto, usar de cuidado em relação a esse fator, pois a maioria absoluta de ocorrências nesse ambiente foi da palavra *manteiga*, o que pode configurar uma particularidade do item lexical.

Também merecem destaque as fricativas palatais surda e sonora, que apresentam ocorrências de: /ʃ/ 51% (.47) para o apagamento da semivogal quando o ditongo lhe precede, como em *queixal/quexal*, timidamente propiciador da supressão (36 ocorrências para a monotongação contra 34 para a manutenção); e /ʒ/ 47% (.42) em mesma situação (27 ocorrências para a monotongação e 31 para a manutenção), como em *beija-flor/beja-flor*. Os resultados para a manutenção nesses ambientes causam

estranheza, visto que muitos autores têm registrado apagamento recorrente e em grande escala da semivogal nesse contexto. O estudo de Cabreira (1996), por exemplo, mostra que 99% das ocorrências de <ej> monotongadas no Sul do Brasil são diante de tepe e de fricativas palato-alveolares no contexto seguinte ao ditongo. Segundo Bisol (1989), o *glide* vizinha à palatal pode ser retirado ou não, o que não afetará o sentido da palavra, pois não há exemplo de pares mínimos neste contexto, configurando-se, pois, num “falso” ditongo. Para Bagno (2001), o *glide*, sendo um som alto, diante de consoante palatal é assimilado a este último segmento, configurando, pois, não uma simplificação de <ej> em /e/, mas uma assilimilação de /j/ à consoante palatal posteriormente contígua, o que também é confirmado por Silva (1997). Esses resultados ratificam também Bisol (1989), Paiva (1996), Silva (1997) e Lopes (2002). Acredito, no entanto, que os resultados por mim alcançados podem estar relacionados a fatores extralingüísticos, como escolaridade e procedência do informante.

As oclusivas e africadas (estas variantes daquelas) pospostas ao ditongo parecem, de um modo geral, estimular o falante a manter a semivogal, com é o caso do /tʃ/ (12% – .10 para aplicação da regra), com em *mãe de leite*, por exemplo; e do /t/ (como em *peito, prefeito, aceito*), que apresentou um dos mais altos níveis de manutenção da semivogal: 99% contra 1% (.01) para monotongação. Vale observar que, no estudo feito por Aragão (2002) com o *corpus* experimental do ALiB, pode-se encontrar, na localidade de Vitória da Conquista, informantes realizando vogal simples diante de consoante africada, como em [pre'fejtu]/[pre'fetʃu], resultado que corrobora a afirmação de Mota (1989), de que diante do /t/ ocorre tanto /ej/ ou /e/ se a realização for africada palatal; o que não se observa no português falado no Estado do Pará, conforme os dados apresentados. Quanto às oclusivas, em especial o /t/, esses resultados confirmam o que foi observado por Mota, em Ribeirópolis, ao afirmar que, diante desse som acontece <ej> quando se realiza como oclusiva dental.

Com base nos dados, observamos que as vogais, quando pospostas ao ditongo <ej> propiciam a manutenção da semivogal. Assim, os maiores promotores do ditongo pleno parecem ser o /a/, com 2% (.02) para a aplicação da regra (ex. *meia, leia, teia*), e o /u/, cujos dados resultaram em knockout, isto é, em que há inexistência de variação (ex. *seio, leio, creio*); o que é confirmado por Paiva (1996), Silva (1997) e Lopes (2002).

Esse fenômeno parece bastante peculiar, já que *vogal* e *glide* são sons homorgânicos, o que poderia influenciar no sentido de haver uma harmonização e, conseqüentemente, um apagamento da semivogal, por ser esta mais fraca. Segundo Paiva (1996), porém, o *glide* entre duas vogais parece configurar uma tentativa histórica de se evitarem os hiatos, pois a semivogal, nesse ambiente, seria um som de transição. Couto (1994) assevera que, em seqüências como *meia* e *seio*, quando se localiza a vogal depois do elemento semivocálico, este parece se associar tanto a ela quanto à vogal anterior ao *glide*. Assim, o ditongo crescente se forma depois de formado o decrescente. Nessa perspectiva, há o processo da *ambissilabidade*, em que dois ditongos são formados com a mesma semivogal. Nos estudos de Mota (1986), verificou-se uma relação entre <ej> e /e/ e a qualidade da vogal seguinte: quando baixa central /a/ ocorrem as duas variantes, mas quando alta posterior /u/ há uma manutenção categórica.

Cabe aqui ressaltar que, concernente aos itens *seio*, *meio*, *leio*, ocorridos sistematicamente no *corpus*, pode-se dizer, por extensão ao que asseverou Bisol (1989), com relação ao que chama de “ditongos verdadeiros” e “ditongos falsos”, que o ditongo nesses lexemas configura-se como um “ditongo verdadeiro”, pois podemos encontrar, em língua portuguesa, par mínimo para essas palavras³⁷, encontrando o ditongo menos chances de se efetivar a monotongacao, pois se encontra na estrutura profunda da língua.

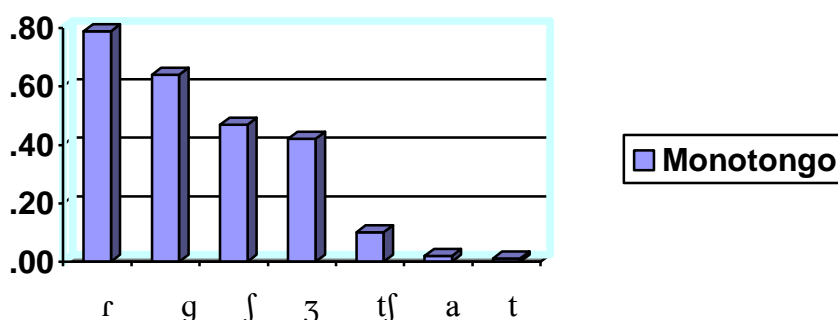
Demonstrativamente, observe a tabela e, em seguida, o gráfico, nos quais se verifica a escala de monotongação neste grupo de fatores:

³⁷ Levando em conta a assertiva de Câmara Jr. (1997), a qual diz que o /o/ átono final, em língua portuguesa, tende a sofrer alteamento, teríamos, então, a formação do par mínimo /'seju/ x /'seu/, /'meiu/ x /'meu/, /leiu/ x /leu/ (presença X ausência da semivogal).

TAB 01: A Importância do Segmento Fonético Subseqüente para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>

Variáveis	Monotongo (%)	Exemplo	Peso Relativo
[r]	416 de 506/82%	Prateleira (QFF)	.79
[g]	17 de 25/68%	Manteiga (QFF)	.64
[ʃ]	36 de 70/51%	Queixal (QSL)	.47
[ʒ]	27 de 58/47%	Beijar (QFF)	.42
[tʃ]	4 de 33/12%	Mãe de Leite (QSL)	.10
[a]	1 de 55/2%	Seio (QSL)	.02
[t]	1 de 80/1%	Peito (QSL)	.01
Total	502 de 827/61%		

Gráfico 01: A Importância do Segmento Fonético Subseqüente para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>



3.1.2 – Tonicidade da sílaba

Aqui se observa que, quantitativamente, as ocorrências de <ej> apresentam mais produtividade em sílabas tônicas paroxítonas (742 ocorrências), seguidas de átonas pretônicas (85)³⁸. Isso não causa surpresa, já que, segundo Câmara Jr. (1979, p. 35), em

³⁸ Seleccionei também para esta análise sílabas átonas postônicas (em que não houve ocorrências), tônicas oxítonas e monossílabos tônicos (ambos excluídos pelo programa por não se acharem em variação); além disso, as ocorrências referentes a estes últimos se restringiram às palavras *sei* e *dei*, o que pode estar relacionado também à classe da palavra (verbo), como veremos em momento oportuno.

nosso idioma, “(...) a acentuação grave é a mais freqüente (...) e a língua [portuguesa] pode ser considerada de ritmo grave predominante”³⁹.

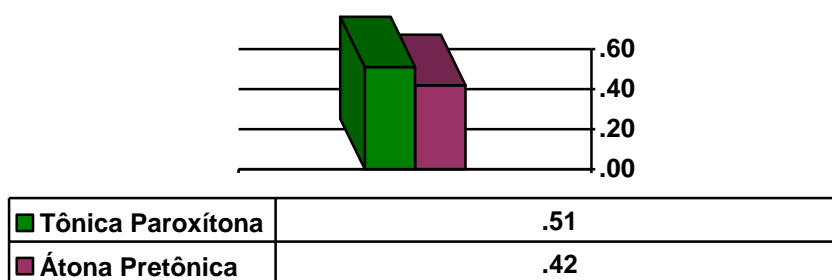
Nas ocorrências respeitantes a esses dois contextos, não houve um distanciamento significativo entre a simplificação do ditongo e sua realização monotongada: (.51) de monotongação para tônicas paroxítonas e (.42) para átonas pretônicas, o que confirma os resultados dos estudos de Paiva (1986) na cidade do Rio de Janeiro. A análise de Veado (1983), entretanto, mostra que na região metropolitana de Belo Horizonte o traço (+ acento) favorece consideravelmente a simplificação de <ej>. Já Silva (1997) afirma que em João Pessoa/PB, nas sílabas tônicas, a semivogal no ditongo <ej> tende a se manter, em detrimento das pretônicas.

A partir da tabela abaixo, podemos verificar essas realizações:

TAB 02: A Importância do Acento para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>

Variáveis	Monotongo (%)	Exemplo	Peso Relativo
Tônica paroxítona	457 de 742/62%	Prateleira (QFF)	.51
Átona pretônica	45 de 85/53%	Beijar (QFF)	.42
Total	576 de 827/52%		

Gráfico 02: A Importância do Acento para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>



É válido ressaltar que os dados do presente mostram que o grupo *tonicidade* se mostrou fundamental à realização plena do ditongo <ej> quando este está localizado em sílaba tônica oxítona. É possível, no entanto, que este fator esteja relacionado à posição em que se encontra o ditongo no vocábulo, visto que, em contexto *fim de palavra* o

³⁹ Sobre o acento, o autor fala que existem línguas com pauta acentual (ritmo) de três tipos: aguda (acentuação predominante na última sílaba), grave (na penúltima) e esdrúxula (na antepenúltima).

ditongo parece se manter categoricamente, o que se poderá verificar em momento oportuno.

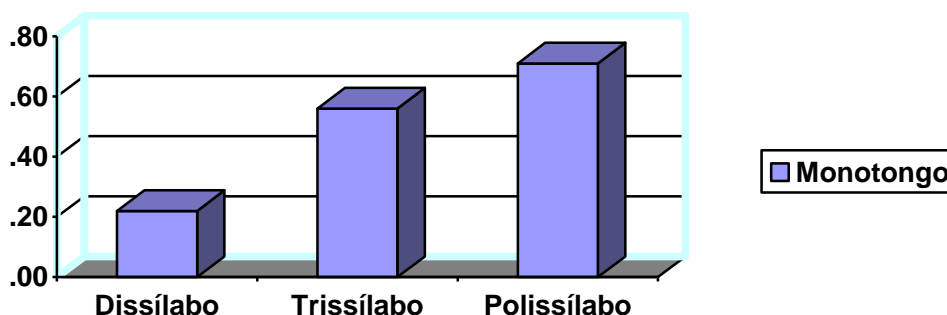
3.1.3 – Estrutura Silábica da Palavra

No que tange ao número de sílabas da palavra em que se encontra o ditongo, minha hipótese de que, quanto maior for a palavra, mais chances haverá de ocorrer monotongação de <ej> nesta, foi confirmada; acrescenta-se a isso o fato de que o fenômeno se dá de forma gradual, ou seja, à medida que se aumenta o número de sílabas, aumentam-se as chances de supressão da semivogal. Assim, podem-se observar os seguintes resultados: para palavras dissilábicas (.22) de apagamento, para trissilábicas (.56) de supressão e para polissilábicas (.71) de monotongação⁴⁰; conforme se observa no gráfico a seguir.

TAB 03: A Importância do Tamanho da Palavra para a Aplicação da Regra de Monotongação de <ej>

Variáveis	Monotongo (%)	Exemplo	Peso Relativo
Polissílabos	212 de 273/78%	Macaxeira (QFF)	.71
Trissílabos	217 de 340/64%	Acordei (DS)	.56
Dissílabos	73 de 256/29%	Leite (QSL)	.22
Total	502 de 869/58%		

Gráfico 03: A Importância do Tamanho da Palavra para a Aplicação da Regra de Monotongação do <ej>



Esses resultados confirmam os estudos de Paiva (1996). Afirma esta autora que uma provável explicação para esse fato seria que palavras monossilábicas estariam menos sujeitas a apagamentos em decorrência da alta probabilidade de se encontrar homônimos após a supressão, conforme já referido anteriormente.

⁴⁰ Conforme sinalizado anteriormente, palavras monossilábicas foram excluídas da amostra pelo VARBRUL por não ocorrer variação do <ej> com relação a esse fator, o que ratifica ainda mais minha hipótese inicial.

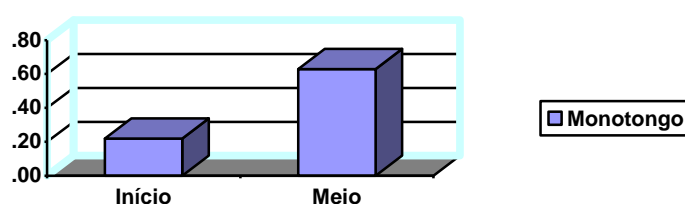
3.1.4 – Posição do ditongo no interior da palavra

Observe a tabela e o gráfico a seguir:

TAB 04: A Importância da Posição do Ditongo na Palavra para o Processo de Monotongação do <ej>

Variáveis	Monotongo	Exemplo	Peso Relativo
Início	77 de 249/31%	Leite (QSL)	.22
Meio	425 de 578/74%	Macaxeira (QFF)	.63
Total	502 de 827/61%		

Gráfico 04: A Importância da Posição do Ditongo na Palavra para o Processo de Monotongação do <ej>



Os resultados mostram que no que tange à posição ocupada pelo ditongo no item lexical há uma preponderância da realização do ditongo no meio da palavra (578 ocorrências), seguida de contexto inicial (249)⁴¹. Dessas realizações, o fator medial parece se relacionar diretamente à monotongação, já que, 74% dos dados apresentaram tendência à aplicação da regra (.63), ao que o fator inicial: (.22/31%) se mostrou propiciador da realização absoluta de <ej>. Pode-se, dessa forma, afirmar que, em ambientes fronteiros, há menos tendência à supressão da semivogal; e que, no meio da palavra, há uma maior possibilidade à aplicação da regra de monotongação, justamente por receber influências da contigüidade, o que raramente acontece quando o ditongo se encontra em outras posições.

Dos estudos a que tive acesso somente o de Veado (1983) mostrou relevância da posição em que se encontra o ditongo <ej> na palavra para a sua realização. A autora menciona a posição final como extremamente relevante para a manutenção da semivogal, fato também observado aqui.

⁴¹ O contexto final não foi selecionado pelo programa VARBRUL por também não estimular a variação do ditongo <ej>, promovendo, pois, uma categorização do ditongo pleno.

3.1.5 – Classe da Palavra que Contém o Ditongo

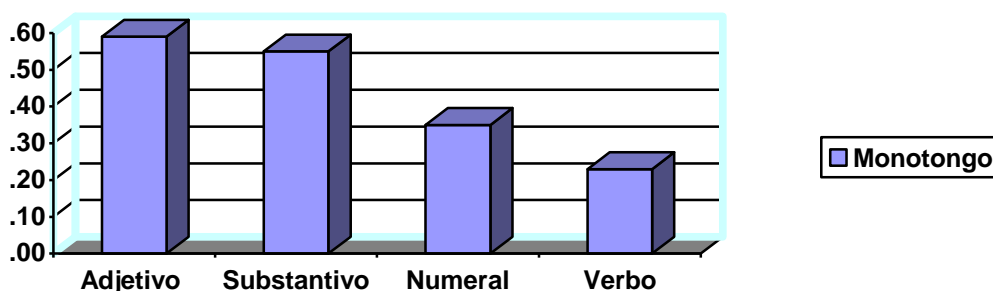
Os resultados concernentes a este grupo de fatores ratificam minha hipótese de que o verbo estaria relacionado à manutenção da semivogal – apesar de o ditongo <ej> mostrar-se, na amostra, mais produtivo em substantivos (579 ocorrências), seguido de verbos (118), adjetivos (141) e numerais (31).

Observemos, no entanto, a tabela e o gráfico abaixo:

TAB 05: A Importância da Classe da Palavra para o Processo de Monotongaço do <ej>

Variáveis	Monotongo	Exemplo	Peso Relativo
Adjetivo	94 de 141/67%	Caloteiro (QSL)	.59
Substantivo	361 de 579/62%	Macaxeira (QFF)	.55
Numeral	13 de 31/42%	Primeiro (QMS)	.35
Verbo	34 de 118/29%	Falei (DS)	.23
Total	502 de 869/58%		

Gráfico 05: A Importância da Classe da Palavra para o Processo de Monotongaço do <ej>



É possível verificar, por meio do gráfico e da tabela acima, que, no topo das classes de palavras que mais propiciam a monotongaço, está o adjetivo, com .59 de apagamento da semivogal no ditongo <ej> na fala do paraense. No entanto, não se pode afirmar que esse fator seria decisivo para essa realização, visto que, no *corpus*, a ocorrência de palavras pertencentes a essa categoria está restrita a termos como *pata traseira* (QSL), *pata dianteira* (QSL), o que pode estar relacionado ao sufixo, que é constituído por um tepe posposto ao <ej>, fato que se mostrou determinante à supressão do *glide*. Essa mesma visão pode ser estendida ao substantivo, que apresentou .55 de simplificação do <ej> (ex. *prateleira* – QFF, *parteira* – QSL).

Respeitante à classe numeral, há de se considerar que a maioria as ocorrências nesse fator são da palavra *primeiro*, em que, estranhamente, o ditongo se apresenta em boa parte (porém, não significativa) na forma ditongada (.35). Esse comportamento causa estranheza porque o ditongo está precedido por *tepe*, que propicia a monotongação. Talvez isso esteja relacionado à questão situacional ou mesmo à profissão do informante, perguntas que só poderão ser respondidas com pesquisas mais detalhadas e que manipulem essa particularidade.

No que se refere ao verbo, é importante destacar que os dados relativos ao ditongo nessa categoria gramatical, em sua maioria, estão nas formas verbais de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo, portanto estariam menos passíveis à monotongação, já que fazem parte da estrutura morfológica da língua. Além disso, deve-se observar que há, aqui, concomitância de grupos de fatores, quais sejam: posição do ditongo na palavra (fim) e tonicidade (tônica oxítone), que se mostraram categóricas na produção ditongada da variável.

Lopes (2002) observou que a variável *classe morfológica da palavra* não influencia a monotongação do ditongo <ej> em Altamira-PA; mesmo resultado a que Araújo (1999) chegou em seu estudo.

3.2 – Análise das Variáveis Sociais

Conforme os resultados, é possível observar que fatores sociais parecem ser pouco relevantes para o apagamento ou manutenção da semivogal no ditongo <ej>. Note-se que as frequências correspondentes a cada um dos fatores são muito aproximadas, confirmando a hipótese inicial de que a redução de ditongos é um fenômeno basicamente estrutural e pouco influenciado por fatores sociais. Entretanto, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca de cada grupo de fatores extralingüísticos aqui observados.

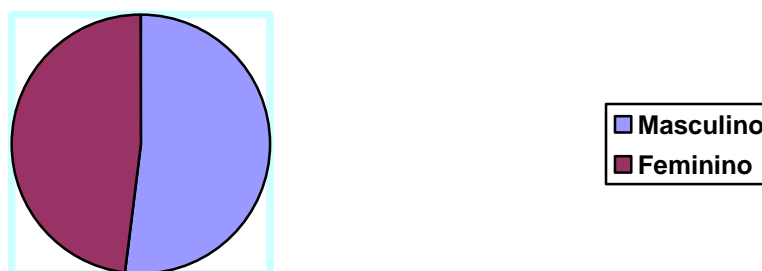
3.2.1 – Sexo

Percebe-se, que nos resultados relacionados a **sexo**, tanto homens quanto mulheres apresentam um grau considerável de supressão da semivogal – 59% para homens e 56 % para mulheres. Mas, em termos de diferenças entre si, é possível perceber – apesar de que se apresenta de forma muito tímida – que as mulheres parecem utilizar (partindo da norma culta escrita) a forma preconizada pela norma tradicional (.48 contra .52 para os homens), conforme tabela e gráfico apresentados a seguir.

TAB 06: A Importância do Sexo do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>

Sexo	Monotongo	Peso Relativo
Homens	259 de 436/59%	.52
Mulheres	243 de 433/56%	.48
Total	502 de 869/58%	

Gráfico 06: A Importância do Sexo do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>



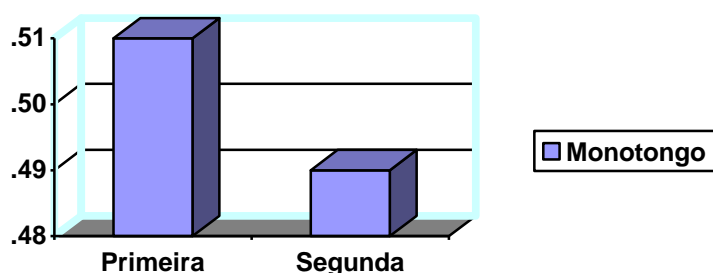
3.2.2 – Faixa etária

Minha hipótese inicial de que os mais jovens tenderiam a promover mudanças na língua de forma mais sistemática que os mais velhos foi confirmada neste trabalho, visto que, das 869 ocorrências, os indivíduos mais jovens promoveram a monotongaço de 59% (.51) contra 57% (.49) do mais velhos, embora essa diferença seja pouco relevante, como exposto do gráfico e na tabela abaixo.

TAB 07: A Importância da Faixa Etária do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>

Idade (Faixa Etária)	Monotongo	Peso Relativo
1 – 18 a 30 anos	229 de 388/59%	.51
2 – 40 a 65 anos	273 de 481/57%	.49
Total	502 de 869/58%	

Gráfico 07: A Importância da Faixa Etária do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>



É preciso, no entanto, levar em conta que este fator pode estar relacionado à escolaridade e à procedência do informante, uma vez que o indivíduo pode apresentar tendência à monotongaço ou à manutenção dependendo desses critérios. Ou seja, é possível que o informante mais jovem, com escolaridade maior e residente na capital manifeste um comportamento diferenciado de um mais velho, com menor escolarização e morador de outra localidade, por exemplo. Acredito, pois, que precisarei manipular concomitantemente esses grupos de fatores, cruzando os dados referentes a eles, para chegar a conclusões mais expressivas.

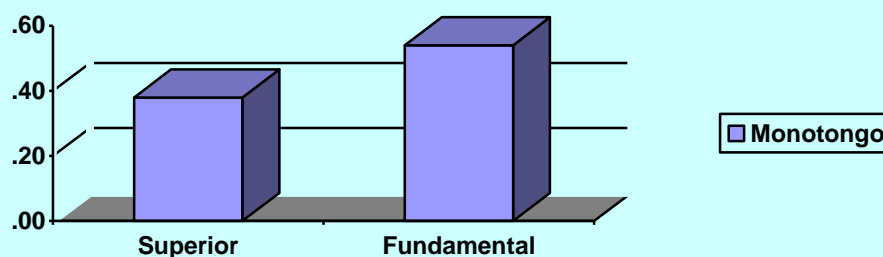
3.2.3 – Escolaridade

De acordo com a tabela abaixo e o gráfico que se segue, a simplificação do ditongo <ej> mostrou-se suscetível a esse grupo de fatores. Os resultados mostram que informantes com menor escolaridade aplicam mais a regra de monotongaço do que os que têm mais anos de estudo. Verifica-se, pois, a influência do contato com a escola, mais especificamente com relação à escrita da língua, na realização da variável.

TAB 08: A Importância da Escolaridade do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>

Escolaridade	Monotongo	Peso Relativo
Nível Fundamental	394 de 635/62%	.54
Nível Superior	108 de 234/46%	.38
Total	502 de 869/58%	

Gráfico 08: A Importância da Escolaridade do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>

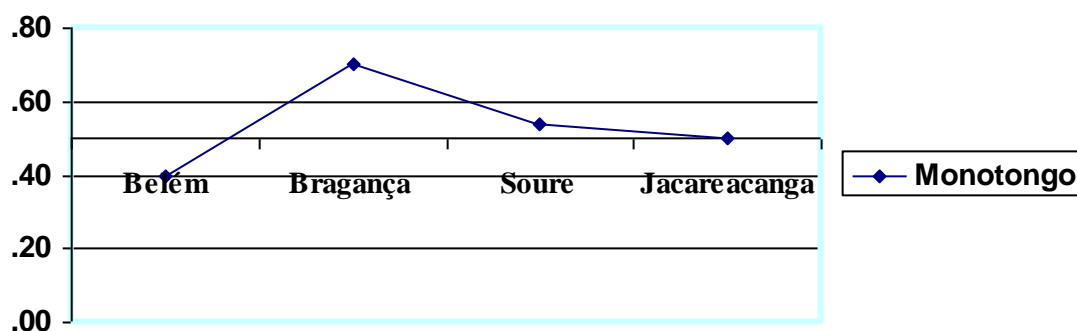


A esse respeito, Paiva (1996) observou que, entre os falantes com primário, fundamental e médio, há uma relativa produção escalonada do monotongo, para cujos resultados se verificam: (.59), (.42) e (.45), respectivamente; resultados que se aproximam dos alcançados por Cabreira (1996), que chegou à conclusão de que falantes com o primário monotongam (.76) em relação àqueles com o ginásial (.30) ou o segundo grau (.43). Ressalte-se, aqui, o fato de que falantes com escolaridade mais alta bloqueiam menos a monotongaço que os que têm nível ginásial. Seria isso uma regra do português brasileiro?

3.2.4 – Localidade

O último – mas não menos importante – dentre os grupos de fatores sociais a serem considerados nesta pesquisa é o referente à procedência do informante. Das dez localidades do Pará em que foi aplicada a coleta de dados pela equipe ALiB/Norte, apresento os resultados referentes a quatro: Belém, Bragança, Soure e Jacareacanga. Observe o gráfico e a tabela expostos abaixo:

Gráfico 09: A Importância da Procedência do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>



TAB 09: A Importância da Procedência do Informante para o Processo de Monotongaço do <ej>

Localidade	Monotongo	Peso Relativo
Bragança	110 de 144/76%	.70
Soure	120 de 192/63%	.54
Jacareacanga	92 de 159/58%	.50
Belém	180 de 374/48%	.40
Total	502 de 869/58%	

Como se pode verificar, os dados de monotongaço são bem expressivos na cidade de Bragança – 76% (.70), ao que se verifica, em pólo oposto, uma inexpressiva produção de monotongo em Belém – 48% (.40). Já Soure – 63% (.54) – e Jacareacanga – 58% (.50) – apresentam-se num nível intermediário de simplificação do ditongo <ej>.

No entanto, mesmo verificando essa tendência à monotongaço apresentada em Bragança, é preciso considerar que, da totalidade dos dados trabalhados nos municípios manipulados, em 42% não houve a supressão da semivogal no ditongo <ej>, contra 58% para a não manutenção (.59 de monotongaço), o que mostra um aparente equilíbrio e se aproxima dos resultados de Lopes (2002) em Altamira-PA. Com isso, não seria imprudente afirmar (pelo menos de antemão) que o Pará parece encaminhar-se à configuração de uma *ilha* do ditongo pleno no Brasil, especificado o fato de que, ao longo de seu espaço territorial, existiriam pontos de monotongaço – visão que só poderá ser corroborada ou refutada ao final da pesquisa promovida pela equipe ALiB nacional, com a manipulação dos pontos do Estado em comparação aos demais que foram e estão sendo inquiridos no Brasil.

3.3 - Análise das Variáveis Situacionais

Com o objetivo de verificar em que medida a produção do ditongo <ej> de forma plena ou suprimida de sua semivogal está relacionada ao modo de comunicação, ou seja, a situações de interação diversificadas, necessário se fez observar a efetivação do ditongo comparando sua realização quando em fala espontânea, via leitura e/ou questionário. Para tanto, amalgamei os dados referentes a todos os questionários trabalhados pelo ALiB e comparei-os aos efetivados via discurso semidirigido e texto para leitura. Cheguei, assim, aos seguintes resultados.

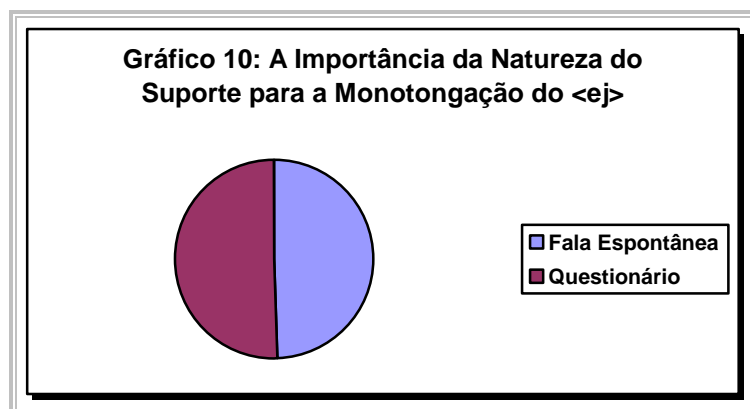
3.3.1 – Natureza do Suporte

Este se mostrou dos grupos de fatores mais intrigantes em razão de que, segundo a hipótese inicial, a produção de <ej> se aproximaria da norma culta escrita quando efetivada via leitura – tendo em vista sua natureza artificializada; e se distanciaria desta em contexto de fala espontânea. Essa idéia pode ser confirmada em parte nesta pesquisa, na medida em que o fator **leitura** – apesar de excluído pelo programa por ter sofrido *knockout*, ou seja, por não apresentar variação (todas as ocorrências são do ditongo pleno⁴²) – ratifica o que foi hipoteticamente exposto de início; os fatores **fala espontânea** e **questionário**, por sua vez, mostraram-se relativamente inclinado à monotongação – 57% (.49) e 58% (.50), respectivamente; o que se pode figurar visualmente a partir da tabela e do gráfico abaixo:

TAB 10: A Importância da Natureza do Suporte para a Monotongação do <ej>

Suporte	Monotongo	Peso Relativo
Fala Espontânea	72 de 126/57%	.49
Questionário	430 de 743/58%	.50
Total	502 de 869/58%	

⁴² Deve-se ressaltar que pequena parte dos informantes promoveu a leitura do texto proposto, a saber: “Parábola dos Sete Vimes”. Os que não o fizeram – ou somente em parte – alegaram problemas de visão e/ou não saberem ler de forma fluida.



Esses resultados surpreendem, pois o argumento de que, ao responderem a questionários, os indivíduos tenderiam a manter especificidades da norma culta escrita, em geral, e do ditongo <ej>, em especial – por haver menos possibilidades de sofrer influências de termos contíguos – me parecia bastante contumaz. Ao passo que, ao reproduzi-lo em narrativa espontânea, promoveriam a monotongação de forma mais sensível, também se manifestava real, inclusive com base em outros de trabalhos de cunho sociolinguístico.

No entanto, conforme observado, no gráfico acima, essa hipótese não foi confirmada, evidenciando a forma característica como o ditongo é realizado no Pará, fato que só poderá ser confirmado – ou, pelo menos, esclarecer-se um pouco mais – ao final da pesquisa do grupo em território nacional. Pode-se, com isso, entender que o ditongo não é estigmatizado na fala, podendo ocorrer tanto a forma monotongada (**bera**) ou ditonga (**seio**).

Não se pode deixar de ressaltar que, por tratar-se de uma entrevista, o resultado da conversa com o informante sempre é passível de produzir uma fala monitorada, pois, segundo Labov (apud TARALLO, 1997), ao promover a coleta de dados, embora procure depreender a fala vernacular da comunidade observada, o pesquisador será um estranho naquele meio, e, cabalmente, estará influenciando na produção oral desses indivíduos (Paradoxo do Observador). Assim, é possível que se trate aqui de uma artificialização da fala em função do método de abordagem. Não obstante a isso, reitero o fato de ser necessário um estudo mais aprofundado para que se possa asseverar isso de forma mais segura.

3.4 – Cruzamento de dados

Com o intuito de verificar se existe um perfil de informante que tenderia à monotongação ou à manifestação da forma plena do ditongo <ej> no Estado do Pará, especifiquei-os tendo em vista buscar resultados particularizantes dos sujeitos da pesquisa, o que será detalhado a seguir com o auxílio da tabela e do gráfico subscritos.

TAB 11: Perfil de Informante para a Monotongação de <ej> (Cruzamento de Dados)

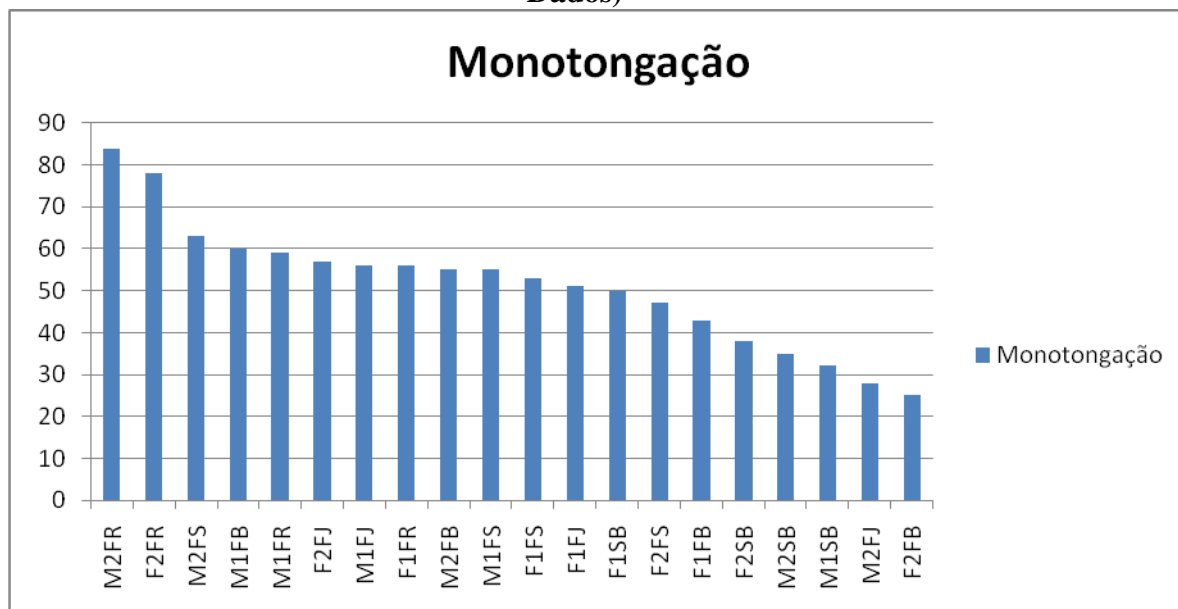
Informante⁴³	Monotongo	Peso Relativo
M2FR	36 de 41/88%	.84
F2FR	31 de 37/84%	.78
M2FS	32 de 45/71%	.63
M1FB	21 de 31/68%	.60
M1FR	20 de 30/67%	.59
F2FJ	28 de 43/65%	.57
M1FJ	31 de 48/65%	.56
F1FR	23 de 36/64%	.56
M2FB	21 de 33/64%	.55
M1FS	38 de 60/63%	.55
F1FS	13 de 21/62%	.53
F1FJ	22 de 37/59%	.51
F1SB	25 de 43/58%	.50
F2FS	37 de 66/56%	.47
F1FB	15 de 29/52%	.43
F2SB	34 de 74/46%	.38
M2SB	27 de 62/44%	.35
M1SB	22 de 55/40%	.32
M2FJ	11 de 31/35%	.28
F2FB	15 de 47/32%	.25
Total	502 de 869/58%	

Seguindo essa linha, é possível observar que, ao se tentar traçar um perfil de informante que utilizaria a variante optimal, ou seja, a forma simplificada de <ej>, tem-se um **homem**, da segunda faixa etária (**50 a 65 anos de idade**), com nível **fundamental** de ensino e oriundo de **Bragança** como o indivíduo da amostra que MAIS MONOTONGA; ao passo que, em outro pólo, uma **mulher** da mesma faixa etária (**50 a 65 anos de idade**), também com o mesmo nível de ensino (**fundamental**), mas advinda da capital do Estado (**Belém**), constitui a que MENOS MONOTONGA.

⁴³ As diferenças de cores dizem respeito aos 10 que monotongaram mais (em azul) e os 10 que monotongaram menos (em vermelho), conforme a apresentação das cartas fonéticas que exporei mais tarde.

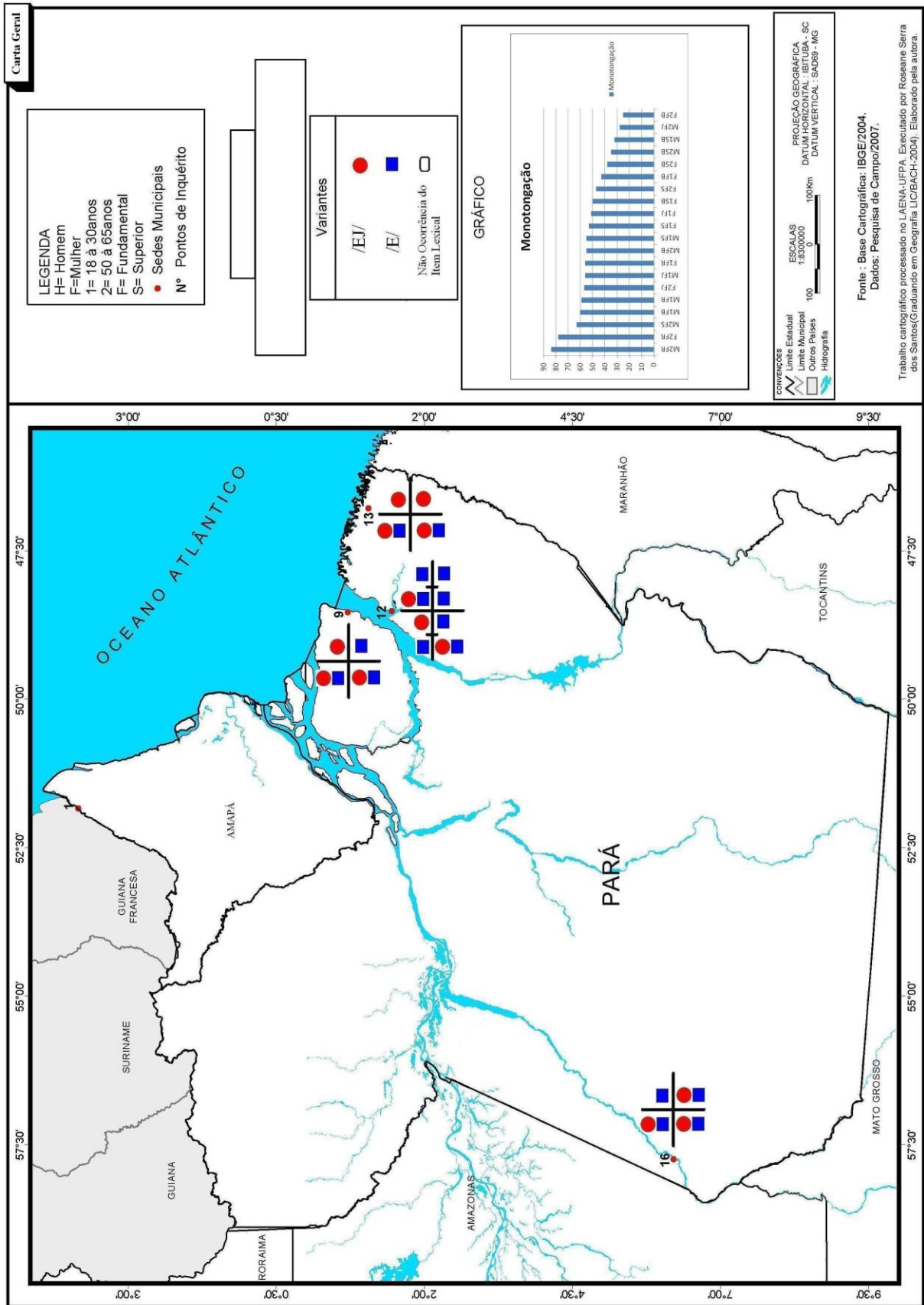
Esses resultados só vêm confirmar o que hipoteticamente tracei de início com relação ao sexo; e o que já foi exposto com relação à localidade de nascimento do informante. Assim, conforme o gráfico abaixo, chega-se ao seguinte efeito.

Gráfico 11: Perfil de Informante para a Monotongação de <ej> (Cruzamento de Dados)



Essa distribuição fica mais visível a partir da **Carta Geral** apresentada abaixo.

Carta 01: Carta Geral⁴⁴



⁴⁴ Observar Carta Explicativa na página 81.

3.5 – Outras Observações

Seguindo uma *Escala de Relevância* dos grupos de fatores que mais propiciariam a monotongação de <ej> na fala do paraense, é possível se deparar com resultados nada surpreendentes, já que, conforme dados gerais apresentados a seguir, as principais hipóteses levantadas inicialmente foram confirmadas, quais sejam:

a) Os fatores estruturais são os que mais sensivelmente propiciam a simplificação do ditongo <ej>, dos quais se pode destacar a posição do ditongo na palavra e a tonicidade (.62), seguido pelo fator tamanho da palavra (.59) e pelo fator classe da palavras em que se encontra o ditongo (.58).

b) O fator Segmento Fonético Subseqüente apresentou-se como o elemento que mais propicia a variação dentre os fatores estruturais (.55), o que se pode observar por meio da tabela abaixo.

TAB 12: Grupos de Fatores Estruturais

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Posição do Ditongo na Palavra	.62
Tonicidade	.62
Tamanho da Palavra	.59
Classe da Palavra	.58
Segmento Fonético Subseqüente	.55

c) Os fatores sociais estariam pouco relacionados com a monotongação de <ej> na língua falada no Pará, segundo o que se vê exposto na tabela 12.

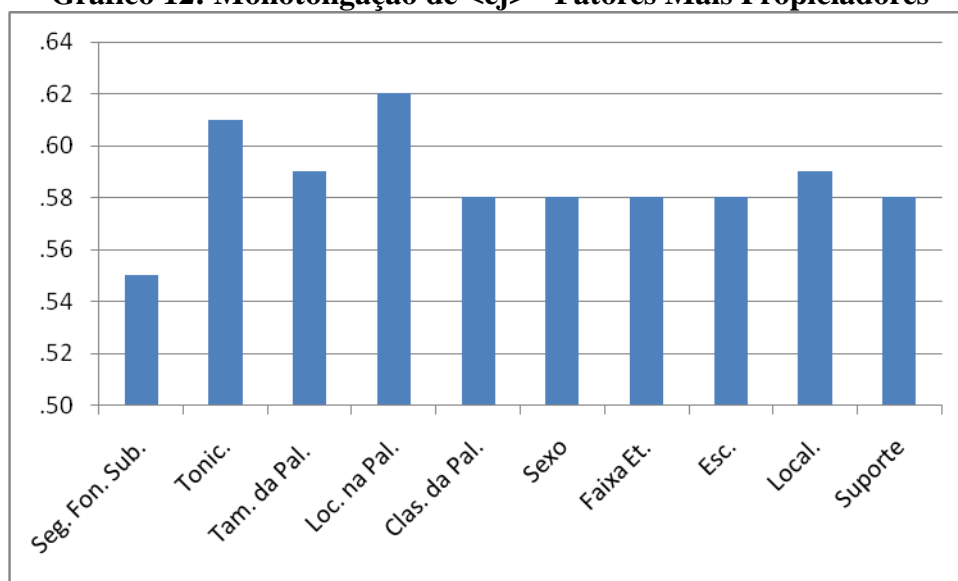
TAB 13: Grupos de Fatores Sociais

Grupo de Fatores	Peso Relativo
Localidade	.59
Escolaridade	.58
Sexo	.58
Faixa Etária	.58

OBS: Não foi possível fazer comparações internamente nos fatores situacionais, visto só apresentarem um grupo fatores, o qual já foi explorado anteriormente.

Analisando de um modo geral, pode-se perceber que os resultados para a variação de <ej> continuam a se confirmar, isto é, o segmento fonético subseqüente constitui condicionante fundamental seja para a manutenção do *glide* do ditongo <ej> seja para a supressão deste na fala dos paraenses, conforme vem explicitado no gráfico em seguida.

Gráfico 12: Monotongação de <ej> - Fatores Mais Propiciadores

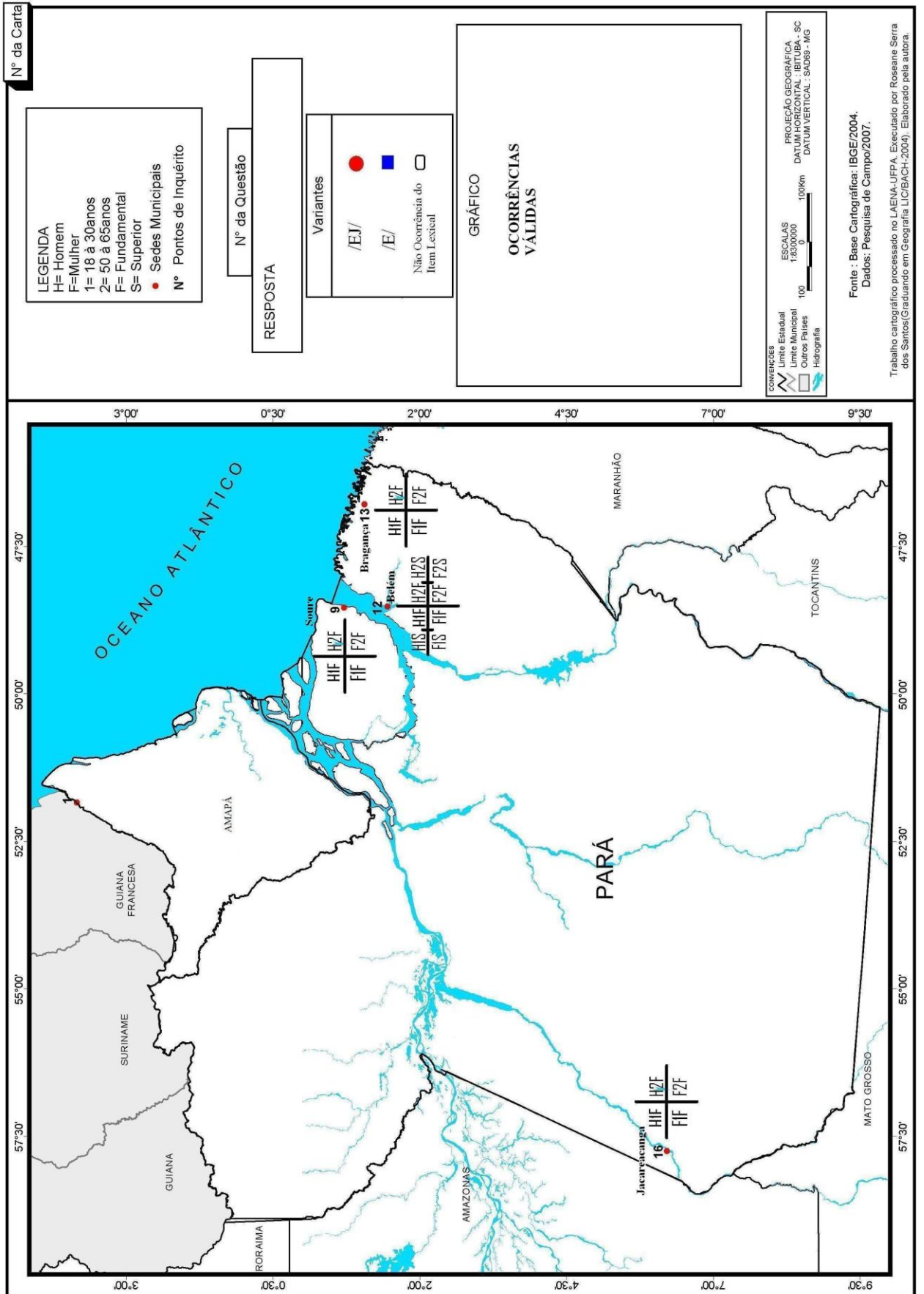


3.6 – Cartas Fonéticas

Neste ponto do trabalho, apresento as cartas fonéticas elaboradas por mim, mas que tiveram base nas discussões dentro do grupo ALiB-PA. Exporei aqui somente as que considero mais importantes para a distribuição do fenômeno ora estudado, como, por exemplo, a carta explicativa, que detalharei a seguir, e as que representam fenômenos que apresentaram maior variação do ditongo <ej> na língua falada no Estado do Pará.

A *carta explicativa* é específica para apresentar os símbolos, ícones e critérios da pesquisa, pois é por meio desta carta que se poderá identificar, nas demais, a variação no que tange tanto ao elemento geográfico quanto ao social, seja em uma mesma localidade entre os informantes – verificando o estrato social (sexo, idade, escolaridade e procedência) de cada um, no município selecionado pelo leitor – seja entre localidades diferentes. Foi, portanto, elaborada para se ter como base para a produção das cartas fonéticas.

Carta 02: Carta Explicativa



Na parte superior direita, pode-se visualizar a numeração da carta. Logo abaixo, observam-se os códigos dos informantes especificados por **H**=Homem, **F**=Mulher, **1**=1ª Faixa Etária (18 a 30 anos), **2**=2ª Faixa Etária (50 a 65 anos), **F**=Ensino Fundamental (completo ou incompleto), **S**=Superior (completo ou incompleto), sedes municipais e N° do ponto de inquérito (e nome da localidade para melhor identificação pelo leitor).

Em seguida, tem-se outro quadro que contém o n° da questão (do QFF ou do QSL)⁴⁵ e a resposta esperada pelo ALiB quando da entrevista. Em quadro posterior, as variantes encontradas (ou ausência dela), simbolizadas por cores e formatos específicos para cada tipo de ocorrência.

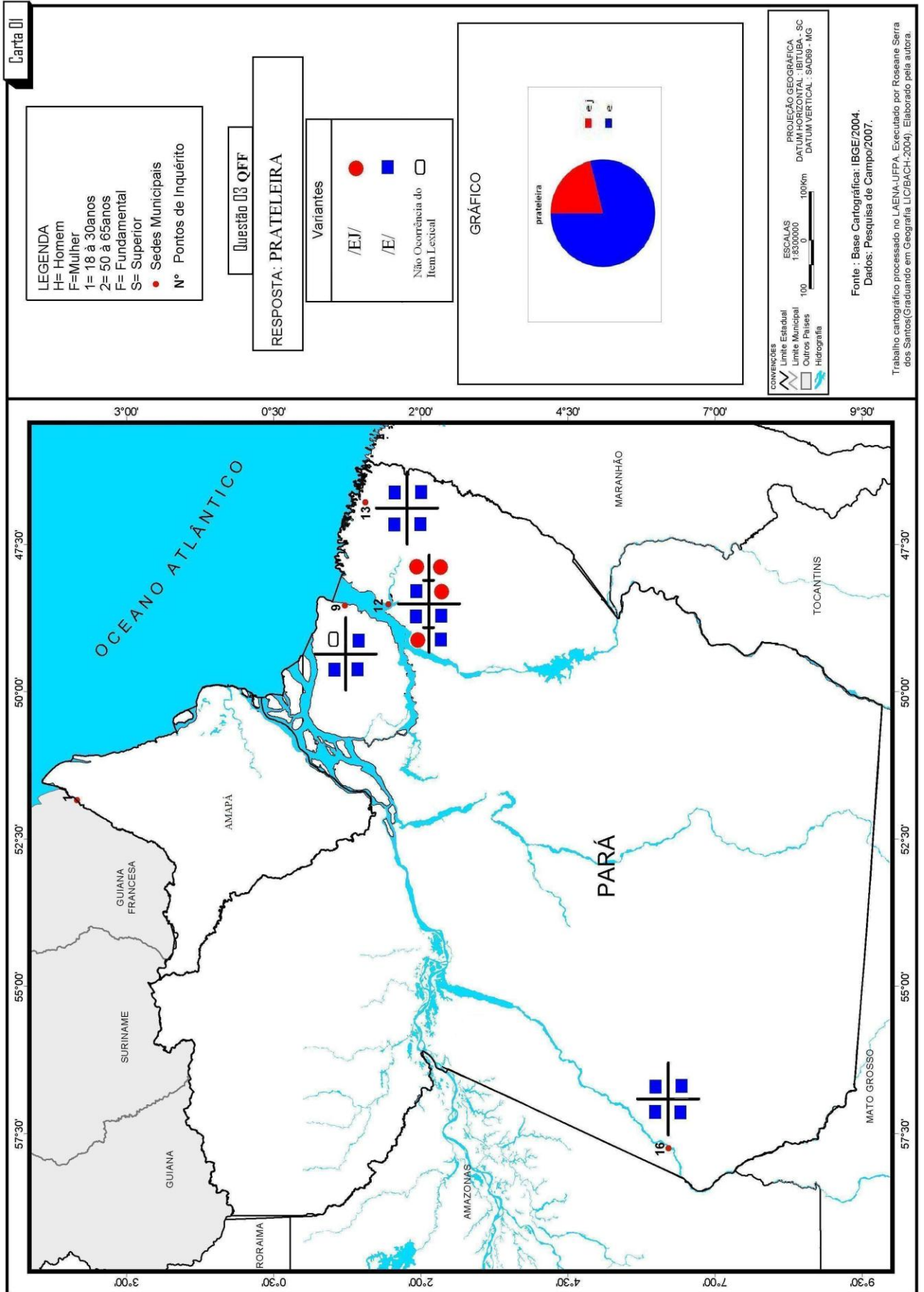
No espaço reservado para o gráfico, prevê-se a inserção da variação em termos numéricos, ou seja, a visualização das ocorrências válidas e, em casos em que não houve variação, das não-válidas (somente em categorizações e em algumas cartas do QSL, haja vista que, no QFF, a ocorrência do item lexical é obrigatória, mas no QSL não).

Com o intuito de facilitar a leitura das cartas fonéticas, está inserido um quadro em forma de cruz em cada localidade – o que é apresentado tanto na *carta explicativa* quanto nas demais cartas, informando as variantes realizadas por cada informante, seguindo a sua própria especificação. Por exemplo: Soure – **H1F**: Homem, de 18 a 30 anos com nível fundamental (Cada ocorrência do informante virá apresentada neste único lugar das cartas fonéticas). Em Belém, esse quadro é diferente, uma vez que a pesquisa do ALiB prevê 8 (oito) informantes nas capitais de Estado, incluindo os informantes com nível superior.

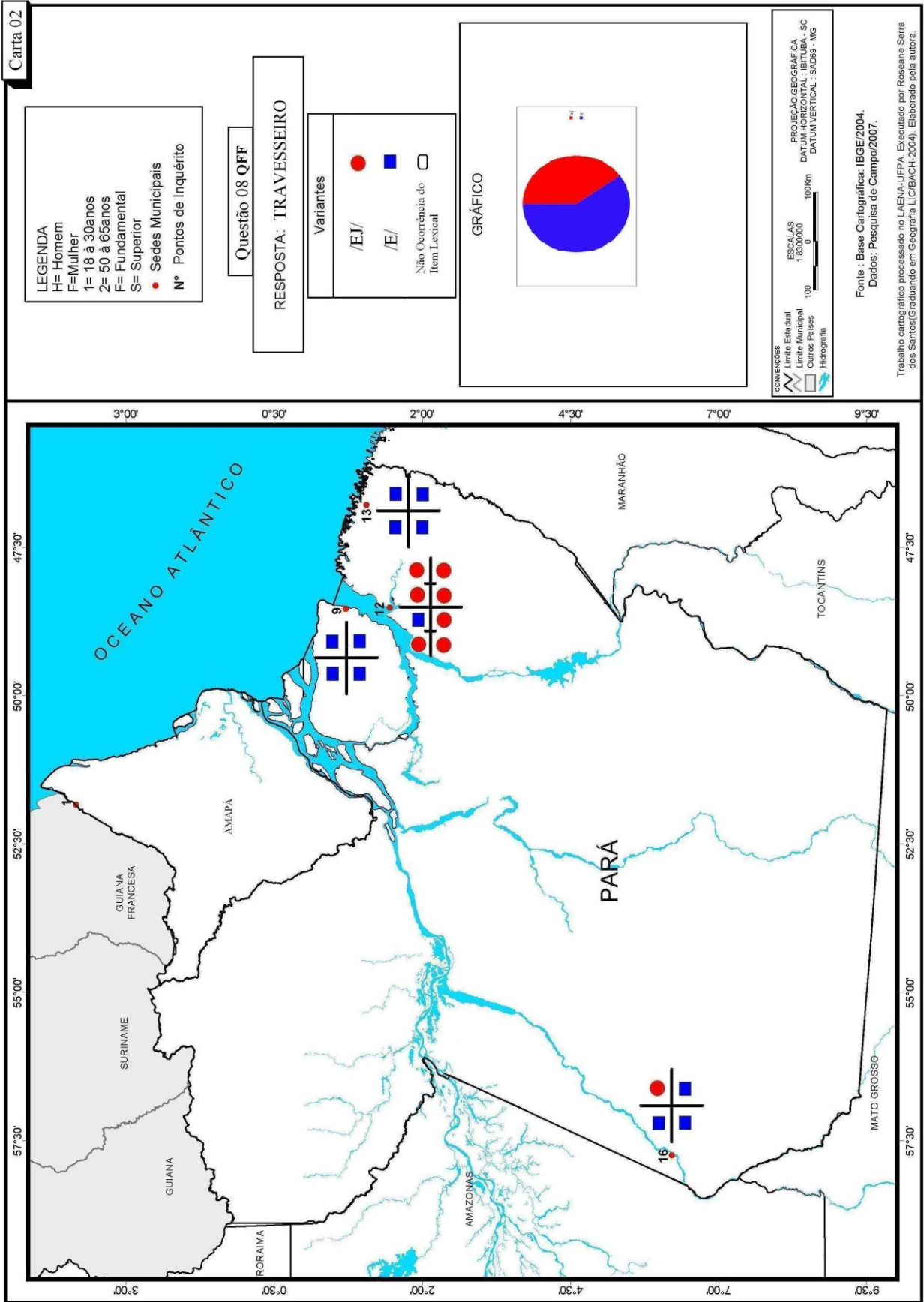
Isto posto, apresento algumas cartas fonéticas de itens lexicais cuja produtividade do ditongo <ej> foi bastante sensível entre os informantes. Aqui exporei somente as mais produtivas para a variação, monotongação e/ou não-aplicação da regra. As demais exponho em anexo.

⁴⁵ Selecionei somente os itens lexicais continentes de <ej> nos questionários QFF e QSL por apresentarem um alto grau de previsibilidade do fenômeno analisado.

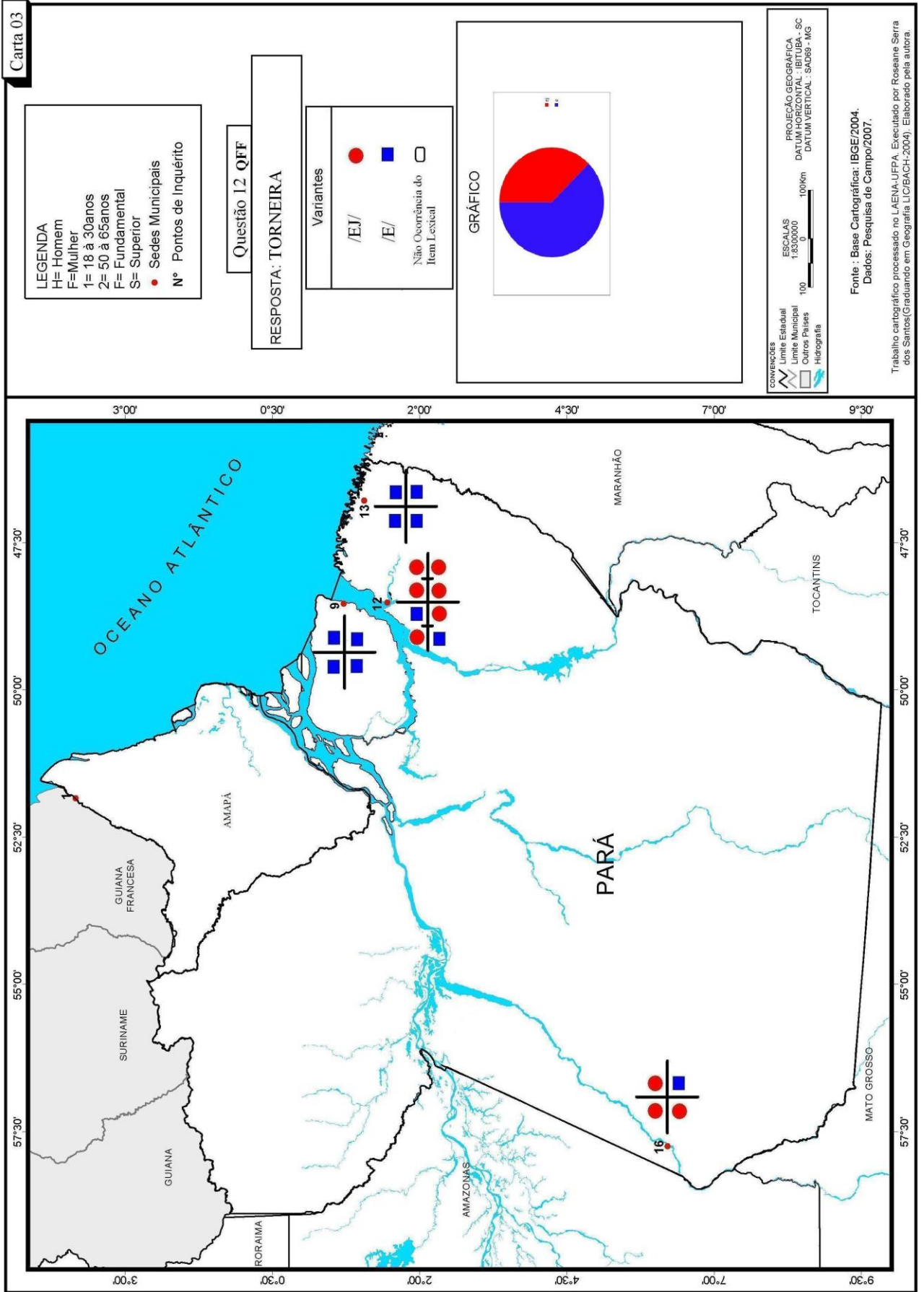
Carta 03: Carta Fonética 01 – Prateleira



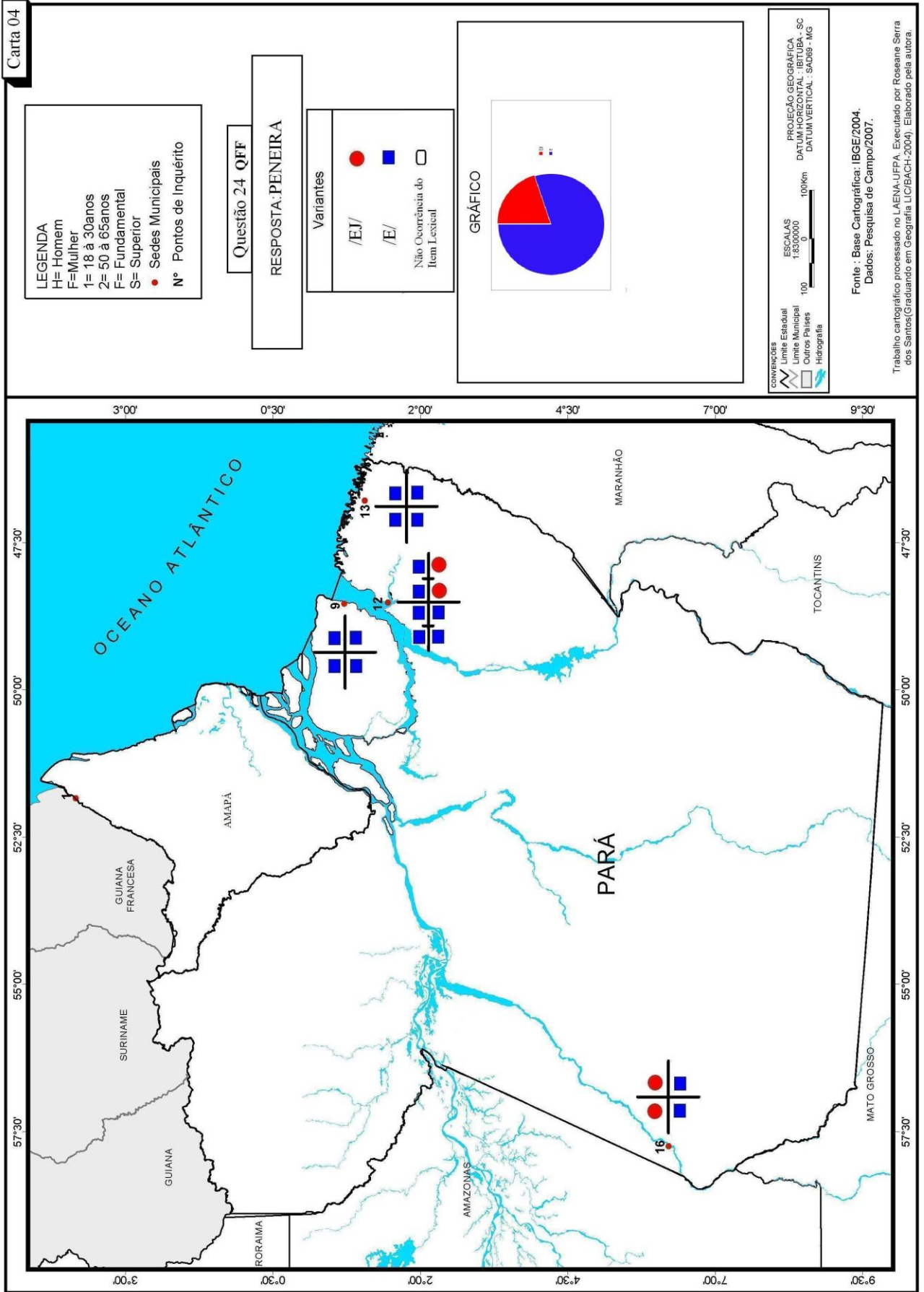
Carta 04: Carta Fonética 02 – Travesseiro



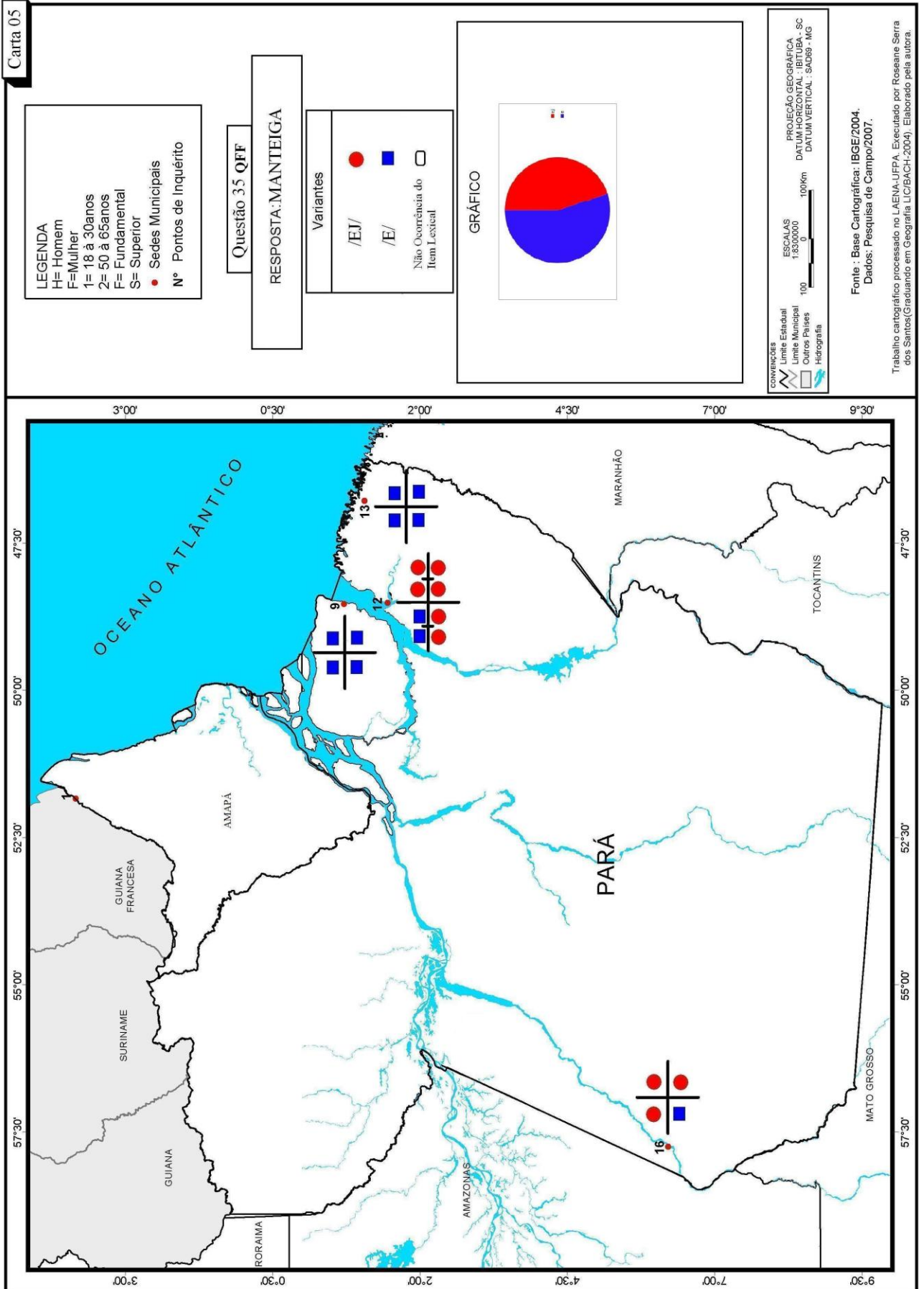
Carta 05: Carta Fonética 03 – Torneira



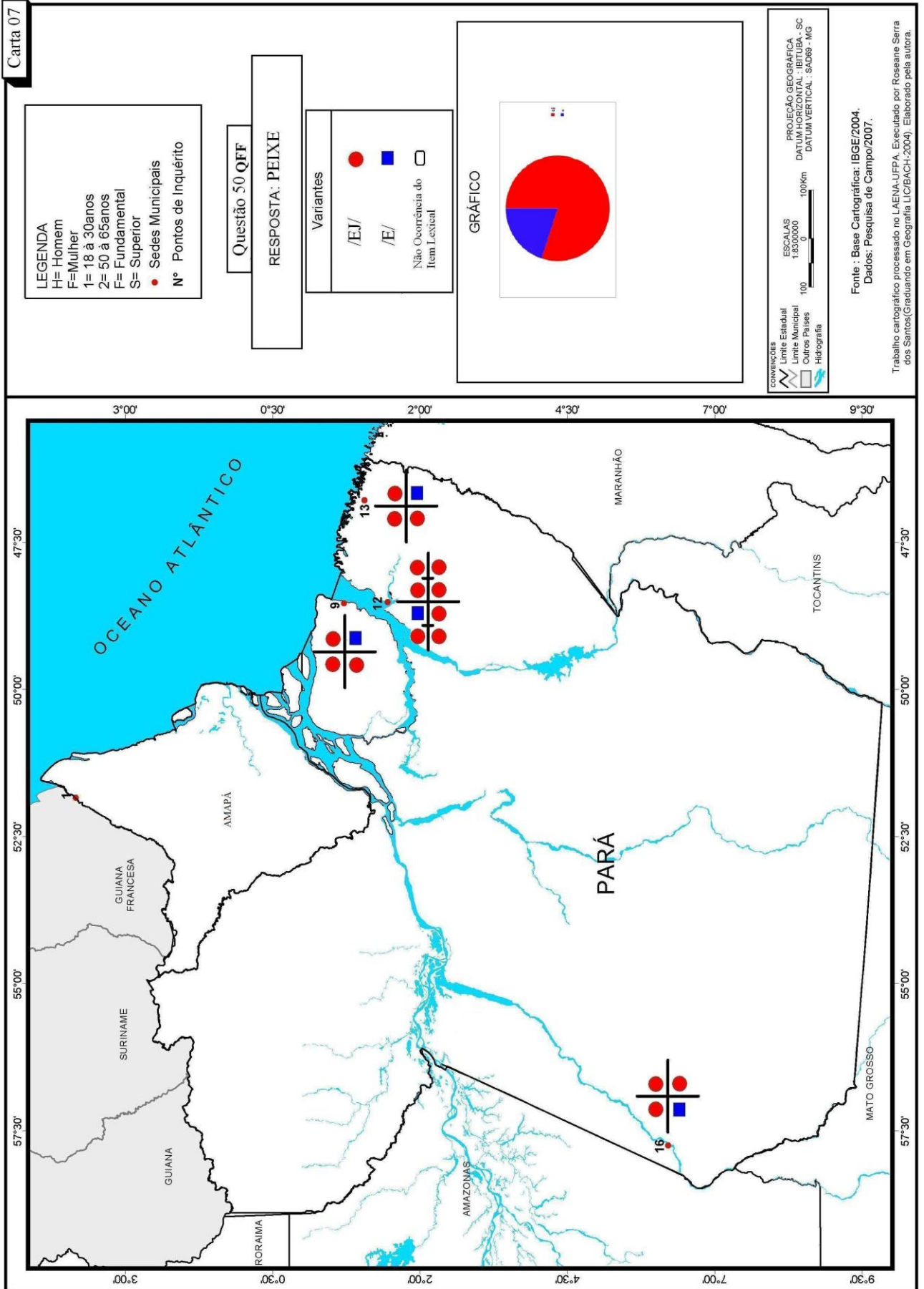
Carta 06: Carta Fonética 04 – Peneira



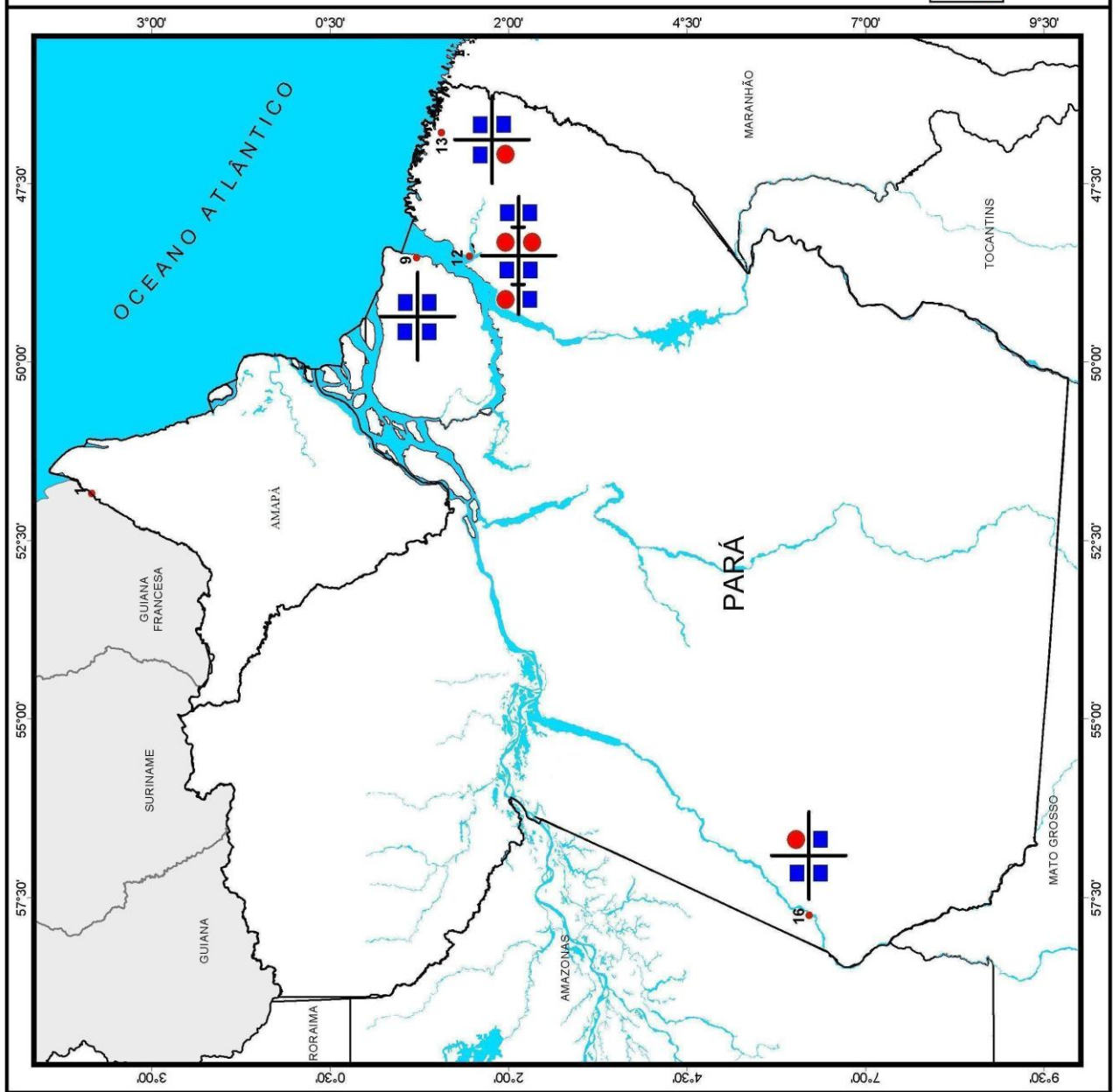
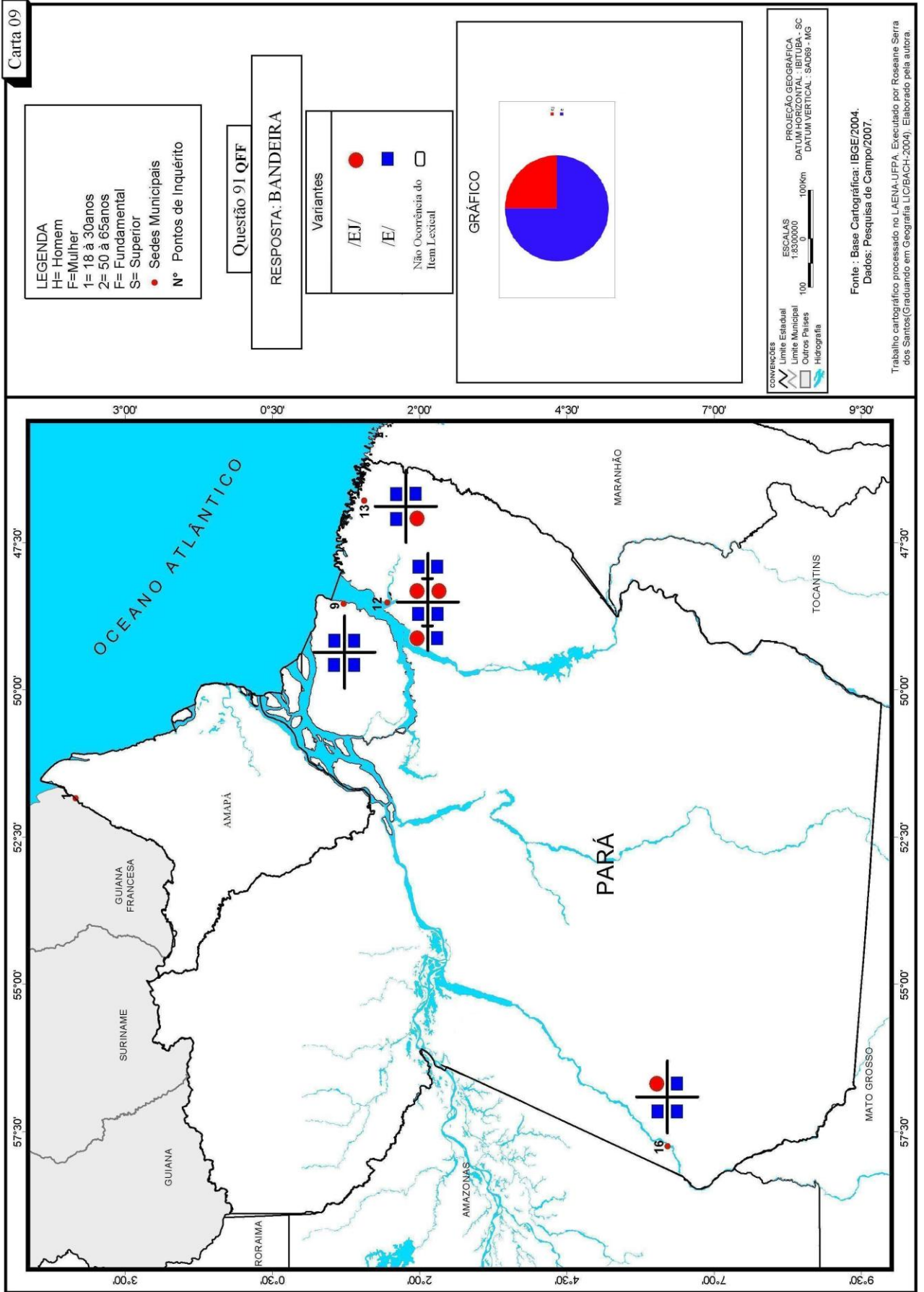
Carta 07: Carta Fonética 05 – Manteiga



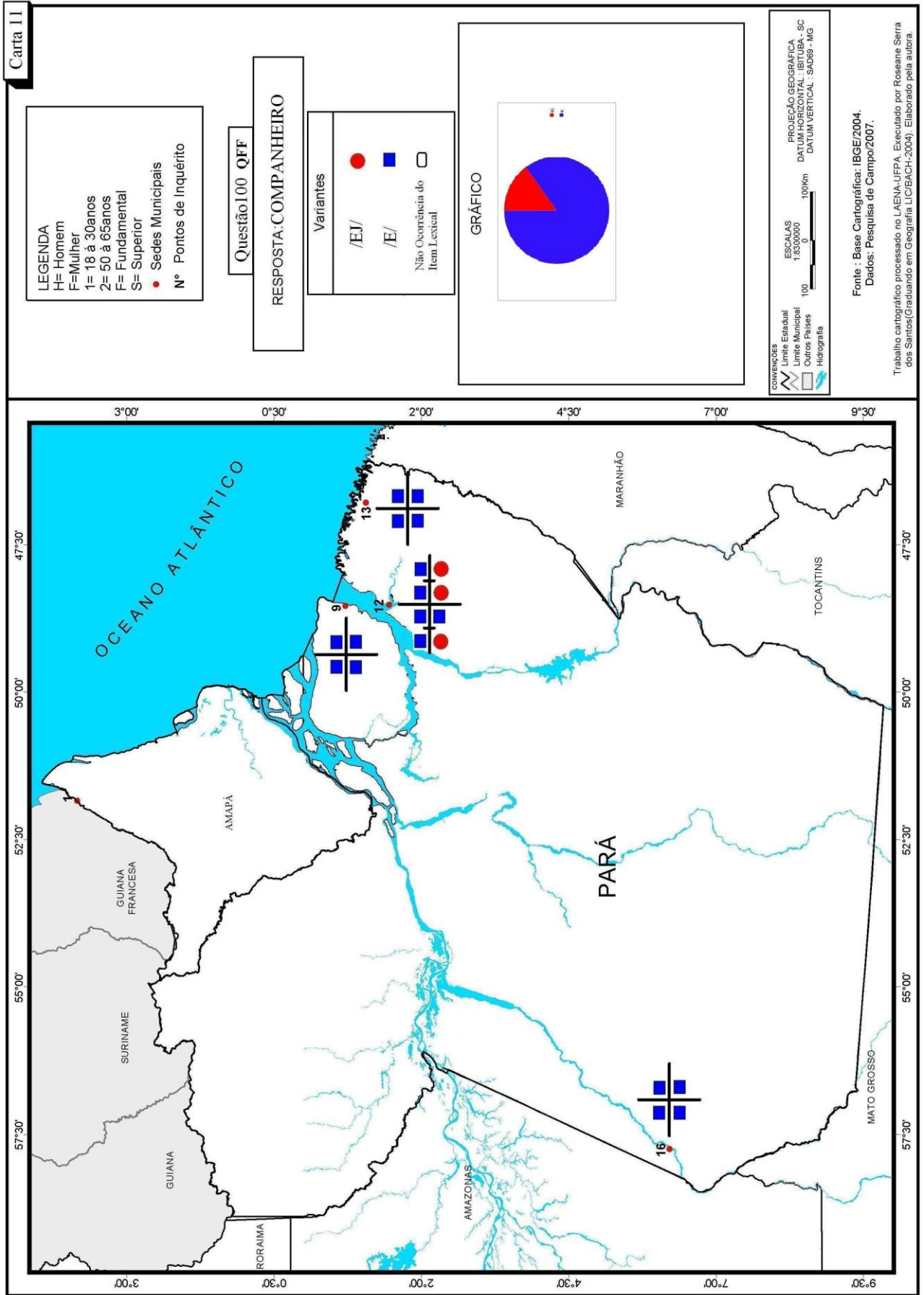
Carta 08: Carta Fonética 07 – Peixe



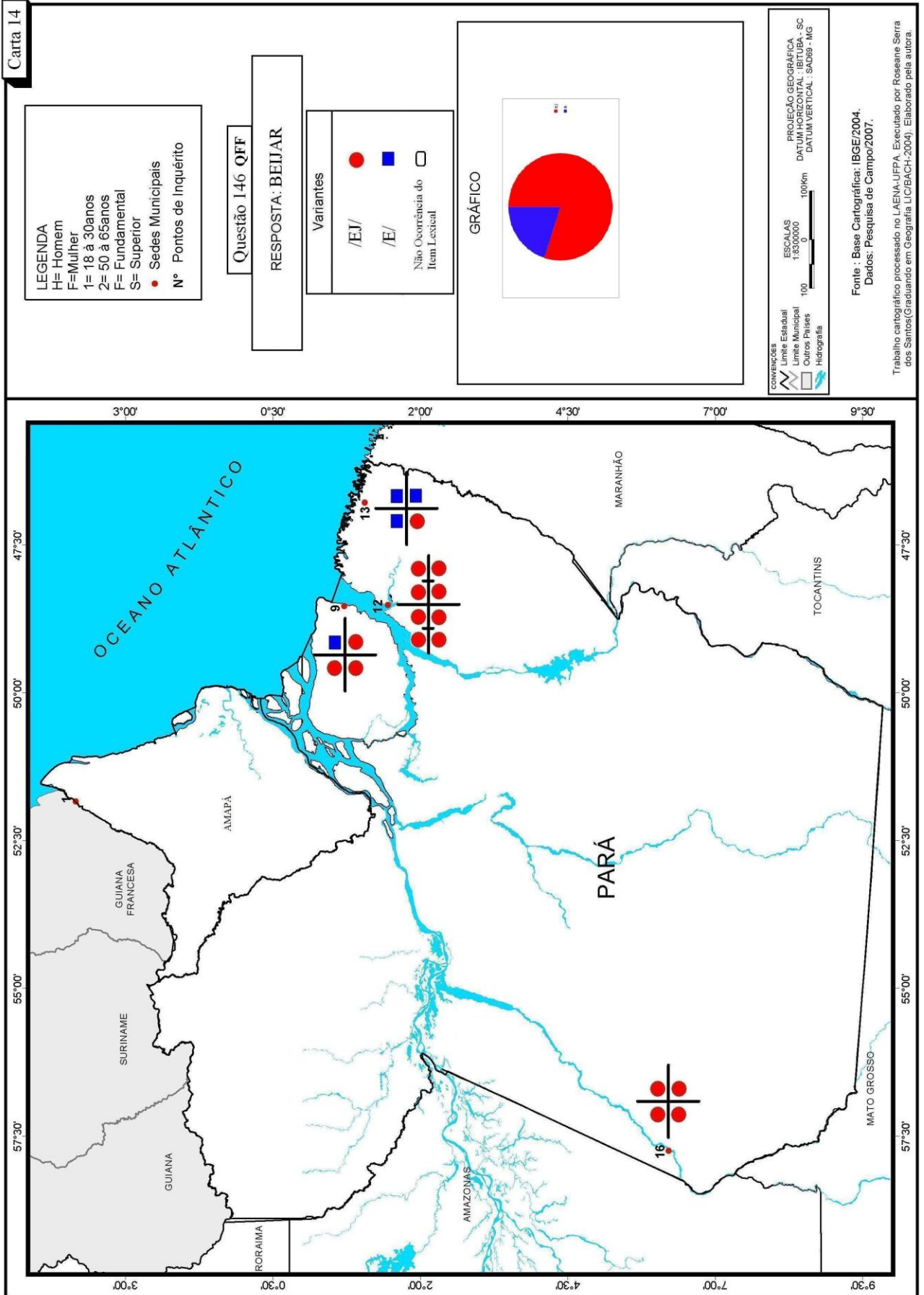
Carta 09: Carta Fonética 09 – Bandeira



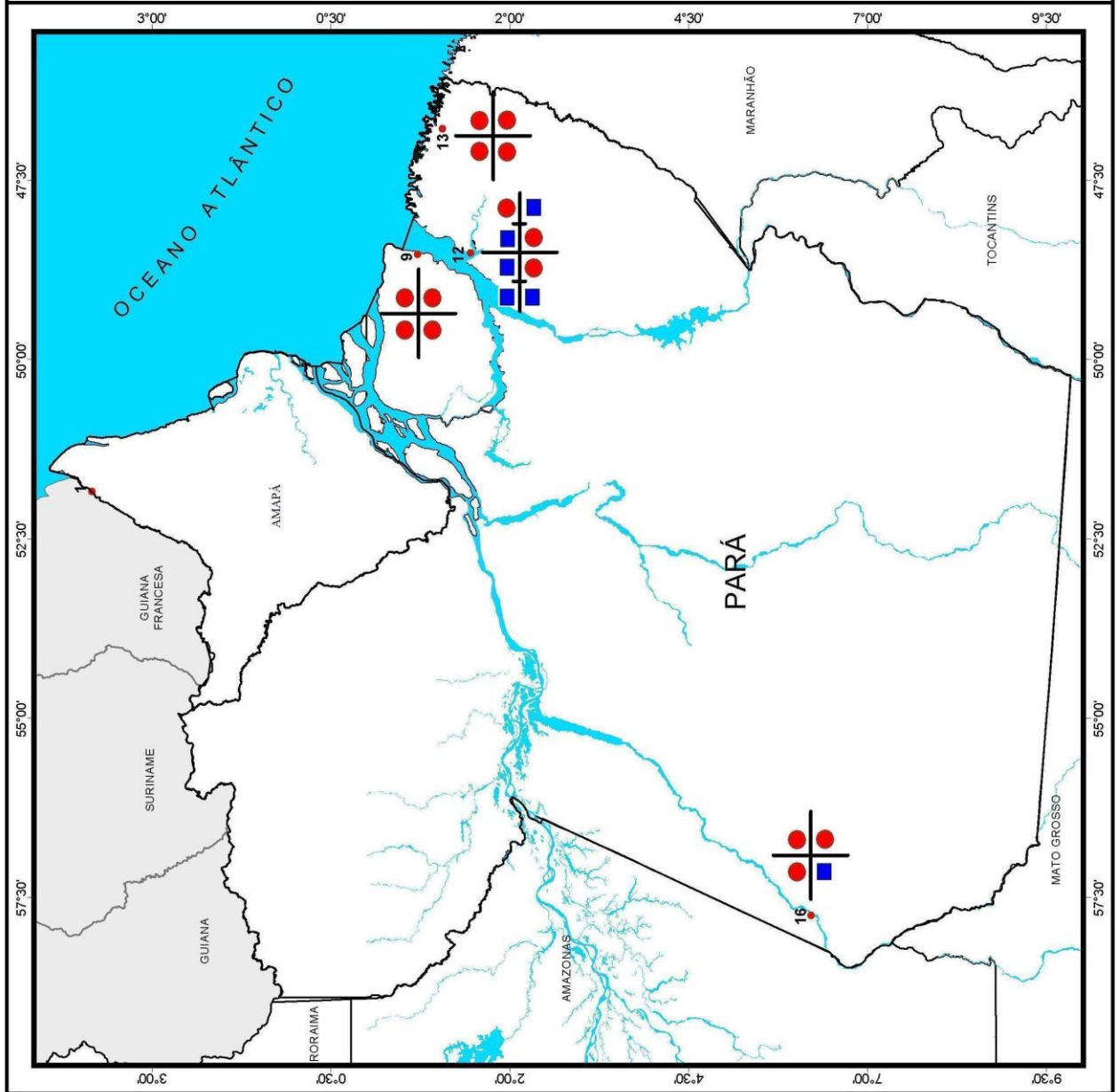
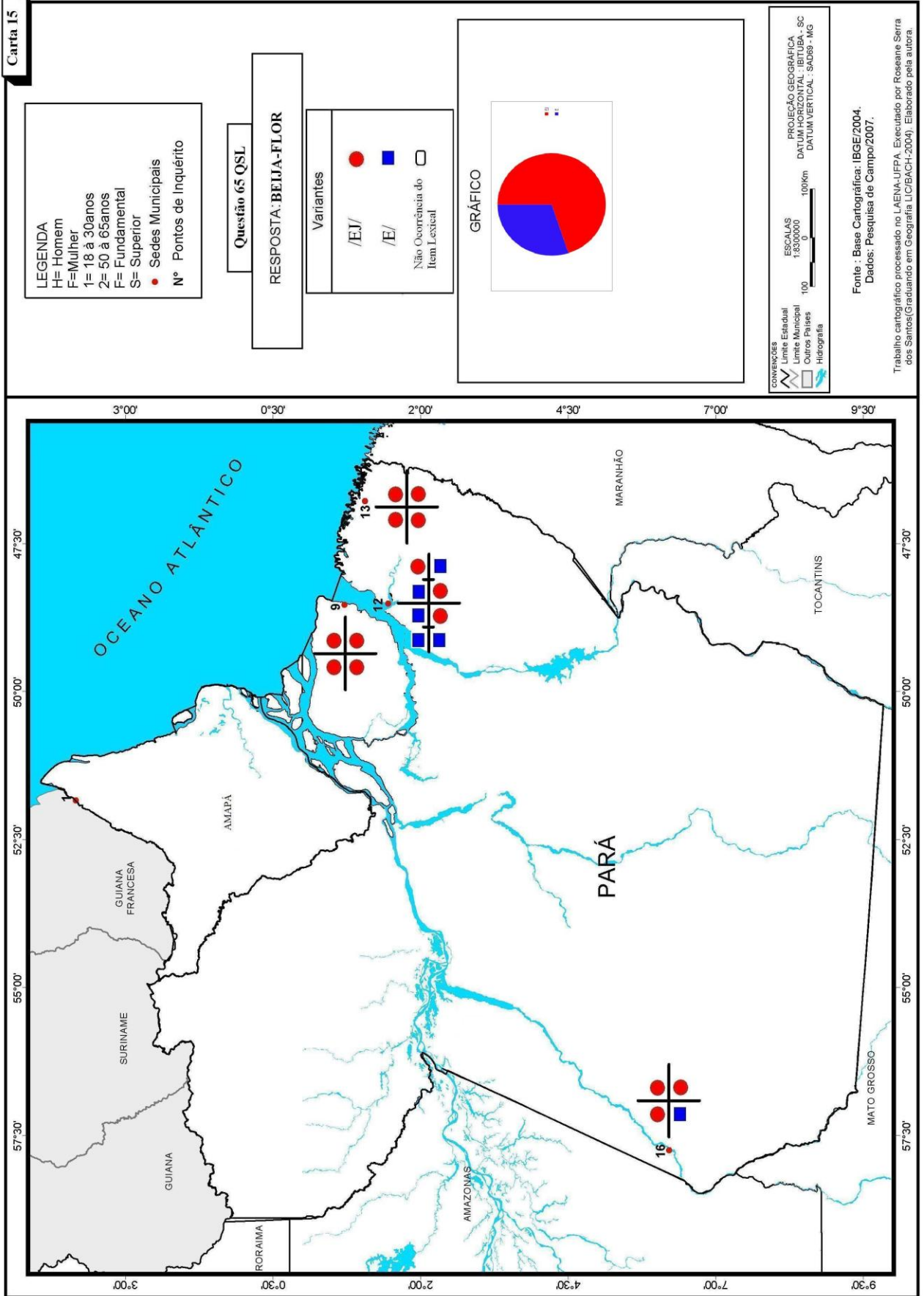
Carta 10: Carta Fonética 11 – Companheiro



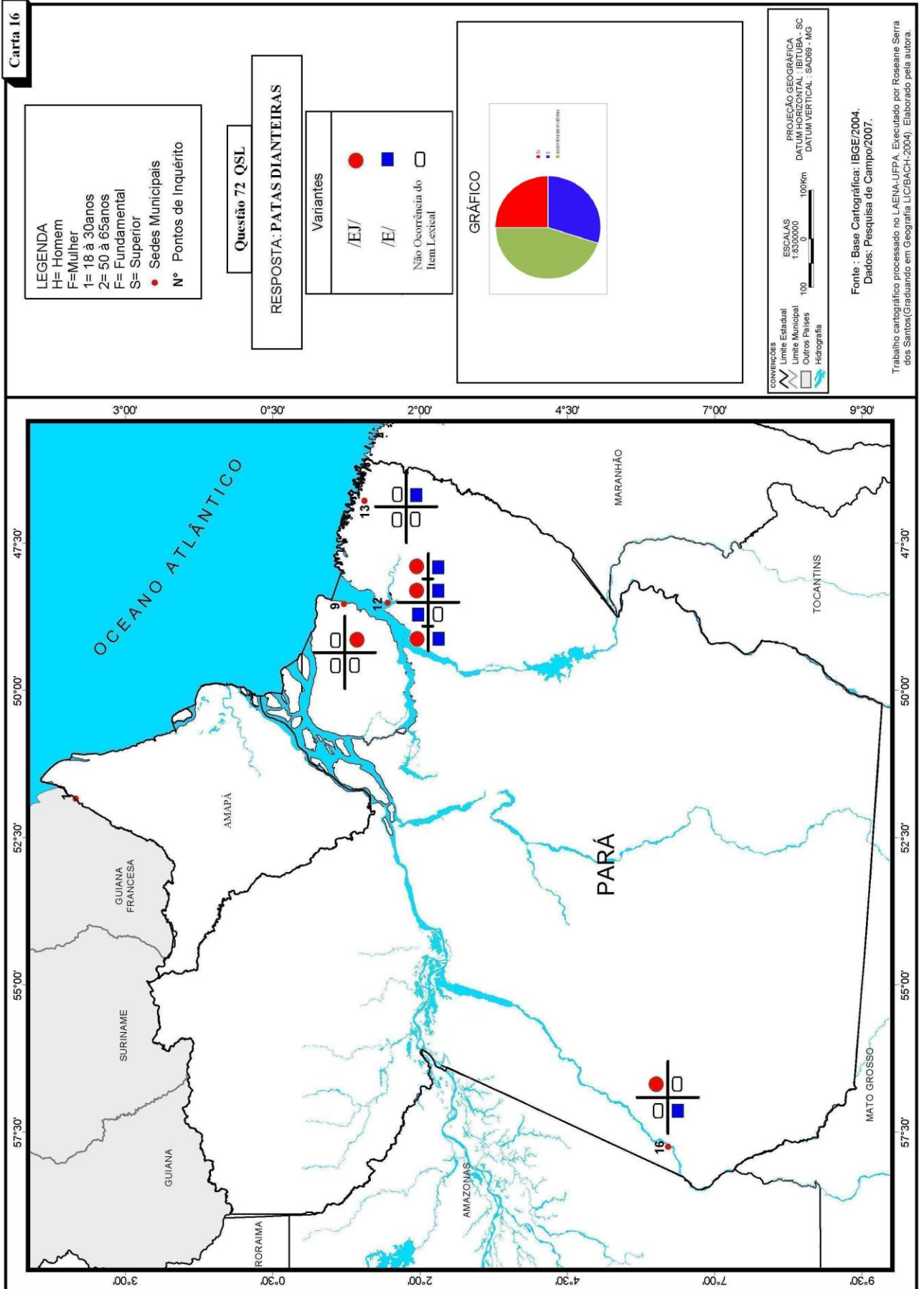
Carta 11: Carta Fonética 14 – Beijar



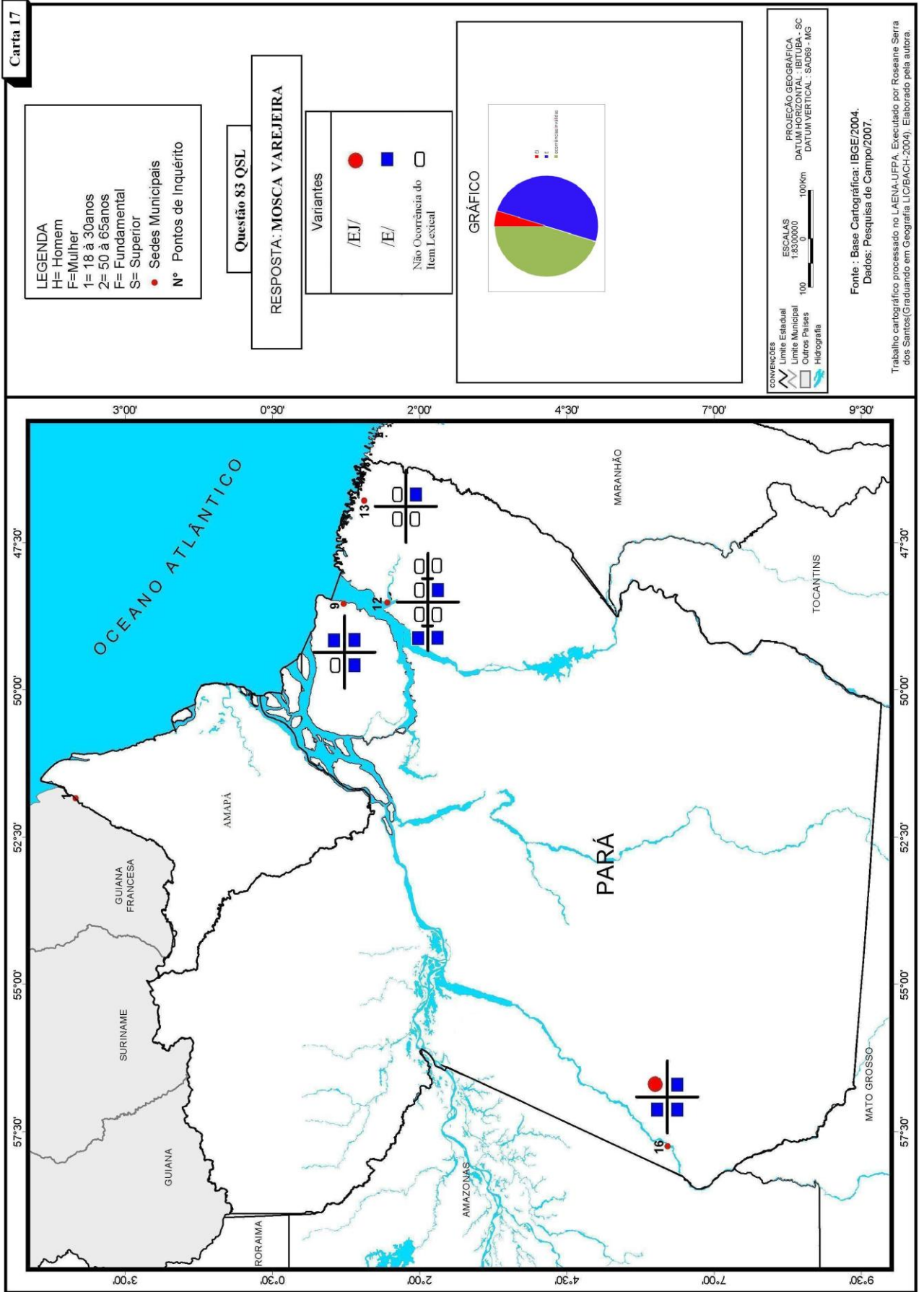
Carta 12: Carta Fonética 15 – Beija-Flor



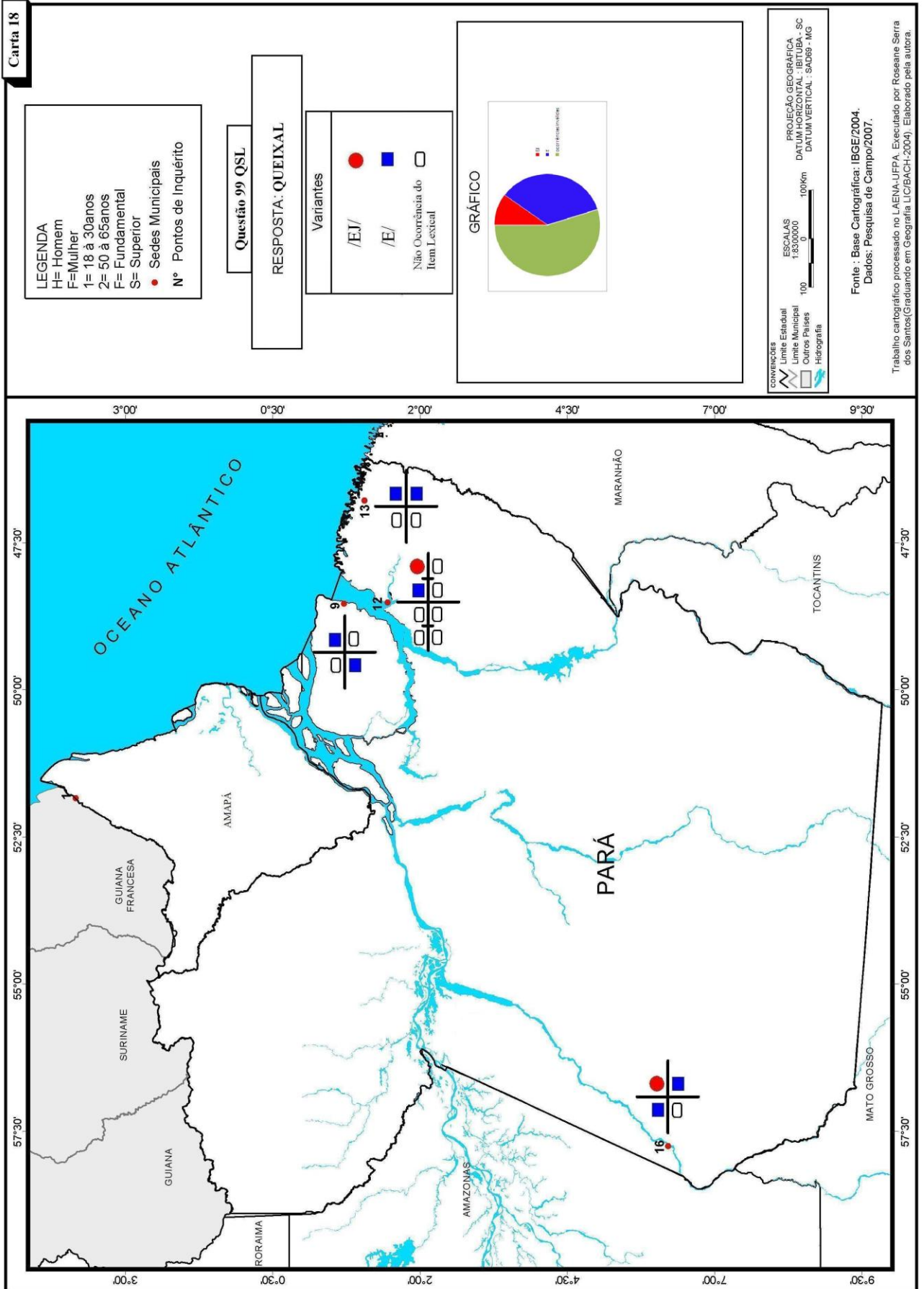
Carta 13: Carta Fonética 16 – Patas Dianteiras



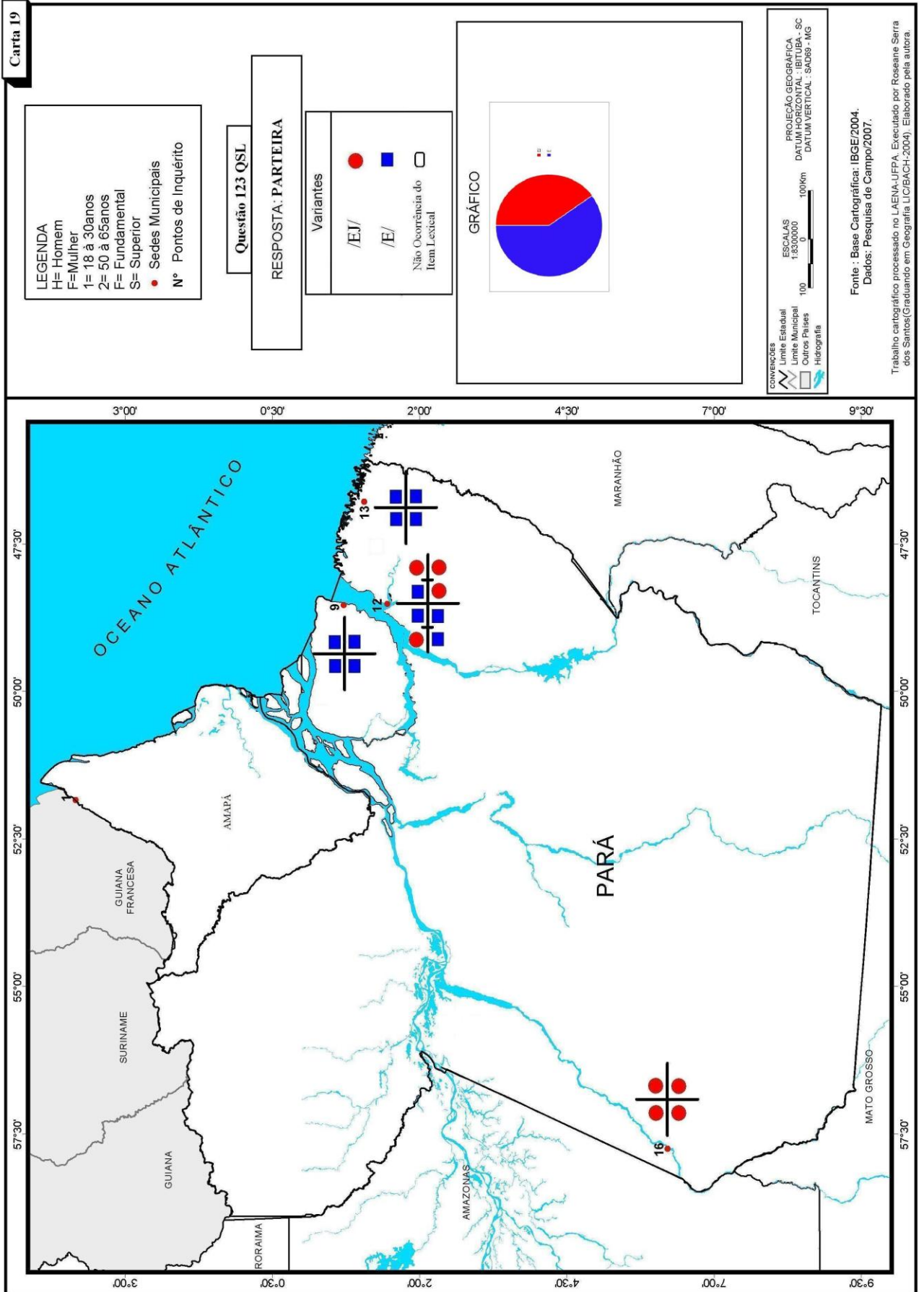
Carta 14: Carta Fonética 17 – Mosca Varejeira



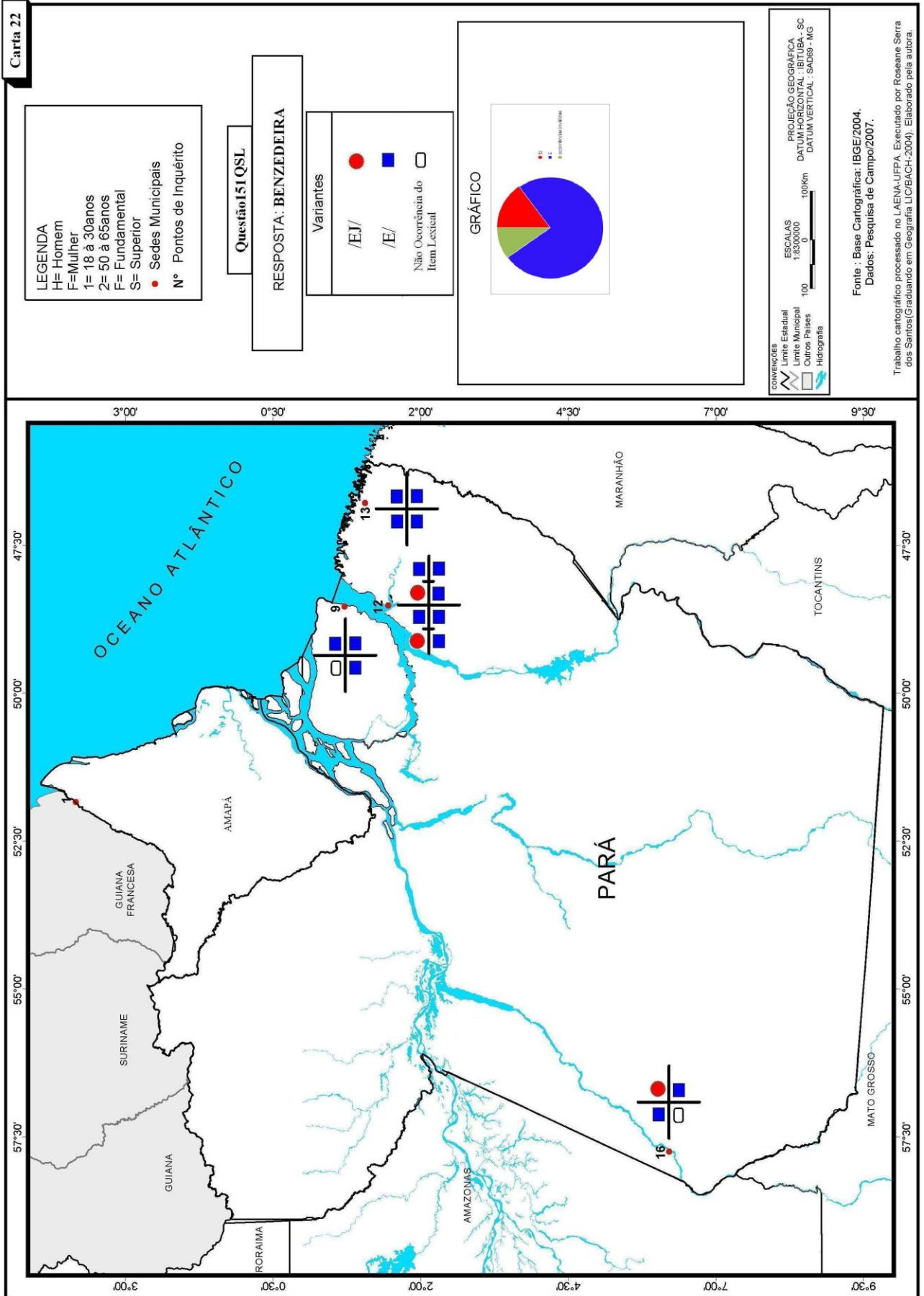
Carta 15: Carta Fonética 18 – Queixal



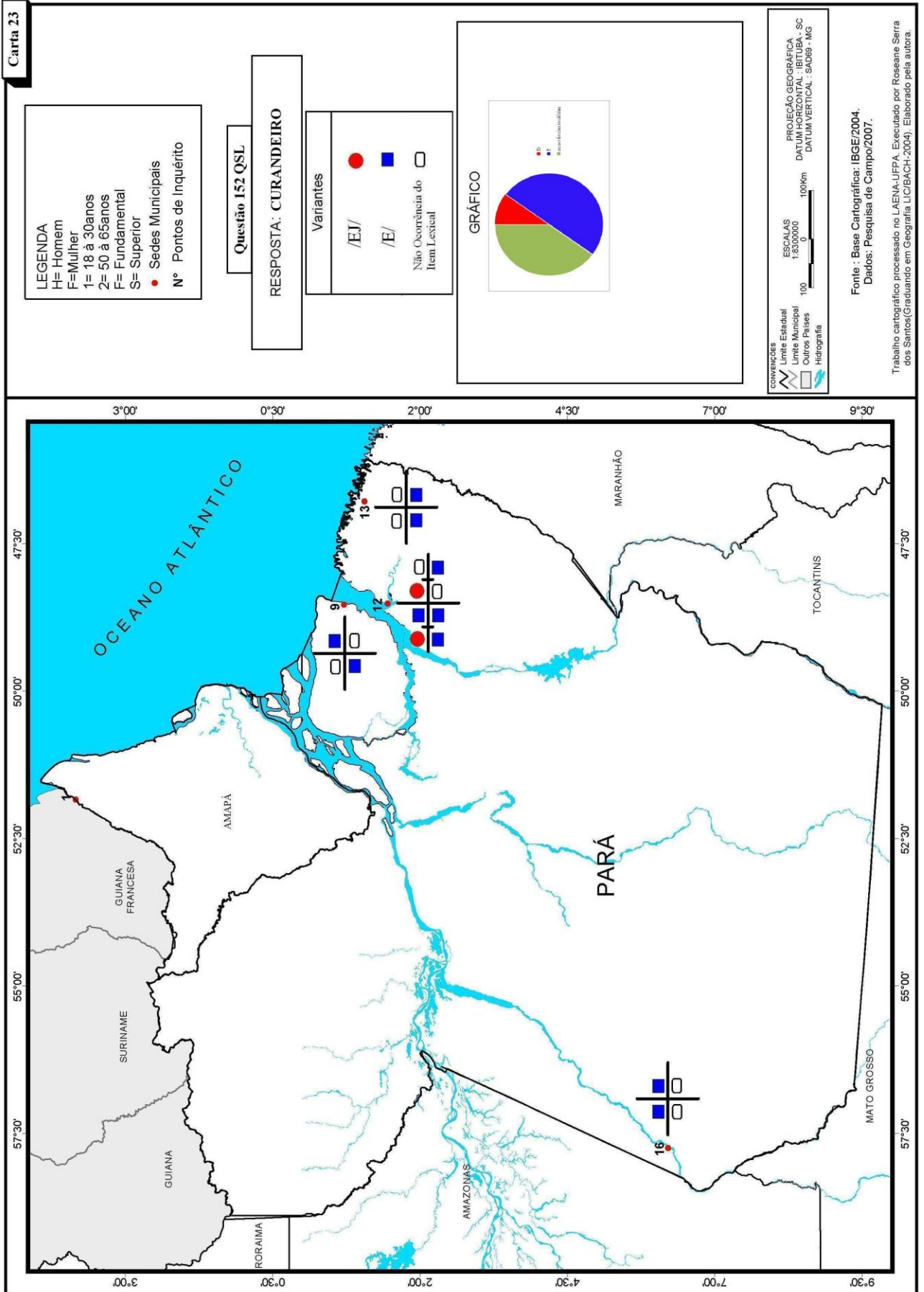
Carta 16: Carta Fonética 19 – Parreira



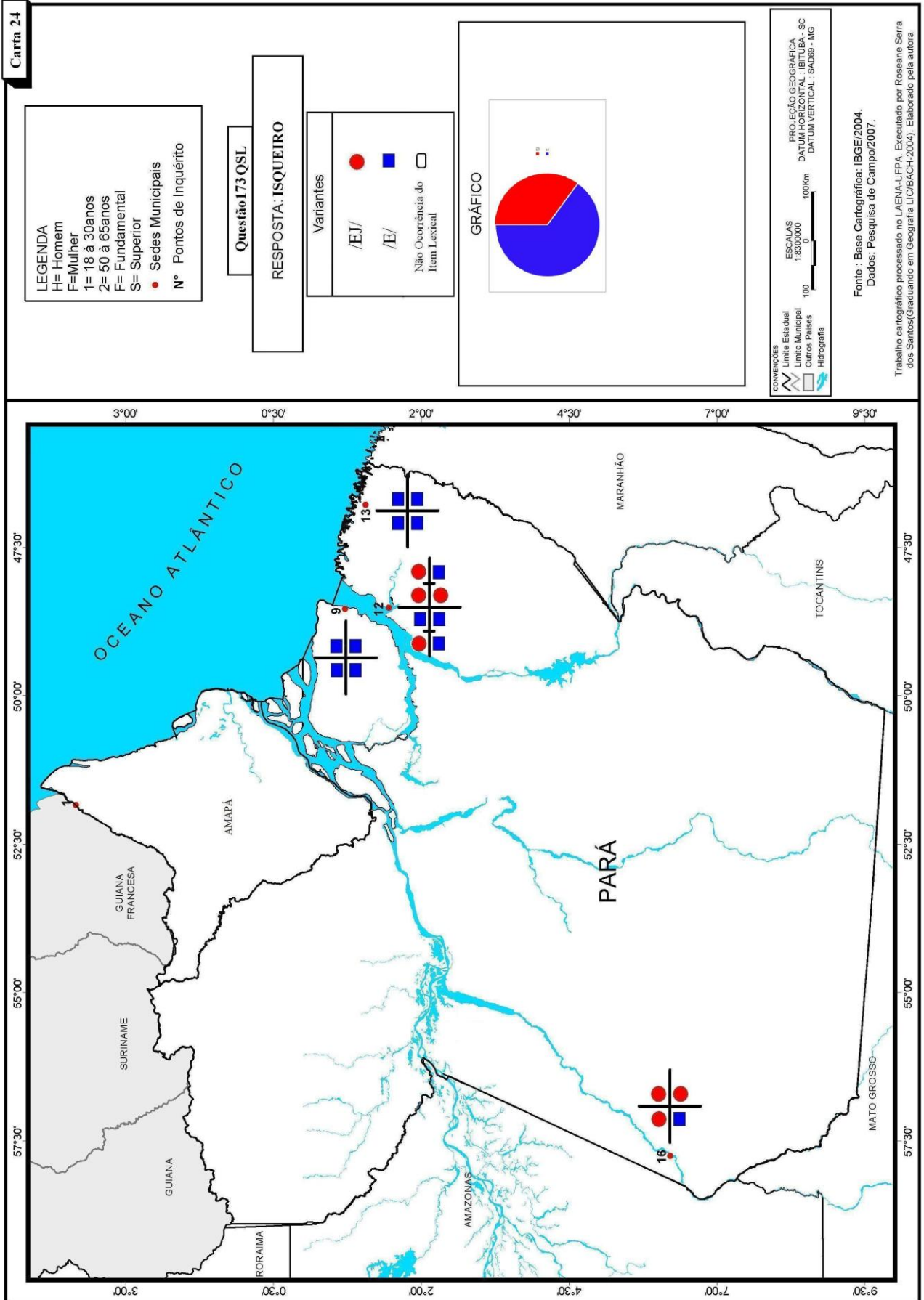
Carta 17: Carta Fonética 22 – Benzedeira



Carta 18: Carta Fonética 23 – Curandeiro



Carta 19: Carta Fonética 24 – Isqueiro



Fonte : Base Cartográfica: IBGE/2004.
Dados: Pesquisa de Campo/2007.

Trabalho cartográfico processado no LAENA-UFPA. Executado por Roseane Serra dos Santos (Graduando em Geografia LIC/BACH-2004). Elaborado pela autora.

Considerações Finais

Analisando a regra de monotongação do ditongo <ej> no português falado no Estado do Pará, observo que esta não é aplicada em todo o Estado, fato que parece estar concentrado na cidade de Bragança. Essa assertiva, no entanto, só poderá ser confirmada ou refutada com análise da fala em todo o território estadual.

Percebo também que os fatores estruturais são determinantes para a realização monotongada ou plena da variável neste Estado brasileiro, dentre os quais destaco: o *segmento fonético* seguinte ao ditongo, tendo como favorecedor à aplicação da regra o *tepe*, e como bloqueadora desta as vogais e as oclusivas apicais; a *estrutura silábica* da palavra que contém o ditongo, favorecendo à monotongação as palavras maiores e obstando-a as palavras menores; e a *posição do ditongo* no interior da palavra, para a qual se destaca a contexto medial como favorecedor da aplicação da regra (por sofrer influências dos segmentos internos do termo) e o final para impedimento desta (por, geralmente, estar em contexto de pausa, portanto menos passível de influência de elementos vizinhos).

Com relação aos fatores sociais, estes se mostraram frágeis para determinar a monotongação ou a realização plena de <ej> no português falado no Pará; mas, mais particularmente, é possível afirmar que as mulheres parecem apresentar primazia pela forma inteira do ditongo mais do que os homens; os indivíduos mais jovens tendem a utilizar a forma monotongada mais recorrentemente que os mais velhos; os informantes de escolaridade menor utilizam preferencialmente o ditongo suprimido de sua semivogal; ao se produzir o ditongo via leitura, os informantes realizam o ditongo em sua forma plena categoricamente, e, na fala espontânea, com tendências à manutenção do ditongo, ao passo que, quando das respostas a questionários, haveria maior possibilidade de variação do ditongo; e os informantes nascidos e crescidos em Bragança mostram-se propensos à utilização monotongada de <ej>, enquanto os da capital tendem a mantê-lo.

Entendo que este estudo tem limitações, tais como: o pequeno número de localidades estudadas, embora se tenha feito uma tentativa de ampliar a análise da variável no Estado do Pará; conseqüentemente, a quantidade de informantes não é satisfatória, o que é explicável pela extensão territorial manipulada.

Assim, acredito que, com análises mais aprofundadas, a distribuição geosociolinguística do ditongo no português falado no Estado do Pará poderá ser mais sensivelmente percebida e comparada a outros ditongos orais do português de forma mais segura neste ponto do território nacional.

Referências Bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Eduel, 1996.
- AGUILERA, Vanderci; MOTA, Jacyra e MILANI, Gleidy. (org.). *Documentos I: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Edufba, 2004.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva & MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984 (2 volumes).
- ARAGÃO, Maria do Socorro. *As pesquisas dialetais no Brasil: Aspectos fônicos - as vogais*. 2002. disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2nac_tema178.pdf> Acesso em: 15 de junho de 2006.
- ARAÚJO, M. F. Ribeiro de. *A alternância /ei~/e/ no português falado na cidade de Caxias, MA*. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade de Campinas: UNICAMP. São Paulo, 1999.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. *Ditongos derivados*. D.E.L.T.A., vol. 10, nº especial, p. 123-140, 1994.
- _____. *Aspectos da fonologia atual*. D.E.L.T.A., 8 (2): 263- 283, 1992.
- _____. *O ditongo da perspectiva da fonologia atual*. D.E.L.T.A. Vol. 5, nº. 2, p. 185-224, 1989.
- _____. *O ditongo em português*. ABRALIN nº. 11, p. 51-58, 1991.
- BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. Aquisição da estrutura silábica do português: uma análise dos ditongos orais decrescentes. In: D. da Hora & G. Collischon (orgs.), *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFB, 2003, p. 39-53.
- BRANDÃO, Silva Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- BUENO, Silveira. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª edição. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CABREIRA, Silvio Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Porto Alegre PUERS, 1996.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da língua Portuguesa*, 3ª ed. – Padrão – Livraria editora LTDA, 1979.

_____. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 26ª ed. Petrópolis. Editora Vozes, 1997.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*, 18ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. *Um desafio: O Atlas Lingüístico do Brasil*. Universidade Federal da Bahia, Estudos lingüísticos e literários, jun-dez/98.

COLLOSCHONN, Gisela. A Sílabas em Português. In BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição – EDIPUCRS: Porto Alegre, 2005.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*; Ed. UEL, 2001. 47 p., 29 cm.

COSERIO, Eugênio. *Lições de Lingüística Geral*. (Tradução de Evanildo Bechara). Ao Livro Técnico: Rio de Janeiro, 1980.

COUTO. Hildo Honório. *Ditongos crescentes e ambissilabidade em português*. Letras de Hoje. Porto Alegre. Vol. 29. nº. 4. pp. 129-141, dezembro, 1994.

FARIAS, Maria Adelina R. de. *Variação fonética dos ditongos <ej> e <ow> no Nordeste do Pará*. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica – CNPq. Belém: UFPA, 2003.

_____. *Variação fonética dos ditongos <ej> e <ow> na Área Metropolitana de Belém*. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica – CNPq. Belém: UFPA, 2004.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. (Tradução: Adelaine La Guardia Resende). Editora da UFMG: Belo Horizonte, 2003.

KATO, Mary. *No mundo da escrita*. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

KOCH, Walter. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*. (2002).

LIMA, Alcides Fernandes de. A VARIACÃO DO (r) POSVOCÁLICO EM CAMETÁ-PA: Uma Abordagem Geo-sociolingüística. Mimeo. UFPA: Belém, 2003.

LOPES, Raquel (2002). *A realização variável dos ditongos <ey> e <ow> no português falado em Altamira/Pa*. Mimeo. UFPA: Belém, 2002.

MATZENAUER, Carmem Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição – EDIPUCRS: Porto Alegre, 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4ª Ed. Padrão – Livraria Editora: Rio de Janeiro, 1981.

MOLLICA, Maria Cecília. *A influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro, 1998.

_____. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p.69-73.

MOTA, Jacyra. Variação entre /ei/ e /e/ em Sergipe. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português no Brasil: estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

OLIVEIRA, Marilucia Barros; COSTA, Céliane de Sousa; e FARIAS, Maria Adelina R. de. A Lateral Posvocálica no Nordeste Paraense: Uma Descrição Geo-sociolinguística. In AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil: Trilhas Seguidas, Caminhos a Percorrer*. Eduel: Londrina-PR, 2005.

PAIVA, M. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: *Mudança linguística em tempo real/ Maria da Conceição de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte (orgs.)*.- Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

_____. (1986) *Atuação de variáveis sociais na supressão da semivogal nos ditongos. Subsídios sociolinguísticos do projeto censo à educação*. Mimeo: Relatório final. 33 p.

_____. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes & Atuação das variáveis sociais na supressão da semivogal anterior dos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M. e SHERRE, M.M.D. (orgs). *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PALADINO, Luiz Neto. *Ditongos: uma regra variável*. Mimeo. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1990.

PEREIRA, Gerusa. *A Monotngação dos Ditongo <ej>, <ow> e <aj> no português falado em Tubarão (SC): Estudo de Casos*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2004.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. Cia Editora Nacional: São Paulo, 1974.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará*. Belém-PA: Ed. Alves, 2004.

_____. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude: Um estudo geo-sociolinguístico*. Editora Vozes: Petrópolis, 1975.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Bahia: UFBA, 1963.

_____. *Atlas Lingüístico de Sergipe 01*. Bahia: UFBA, 1987.

SALMONI, Anita. *Em busca das linguagens perdidas*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1978.

SILVA, Fabiana de Souza. *O processo de monotongação em João Pessoa*. Mimeo. João Pessoa. UFPB, 1997.

SILVA, José Pereira da. *Roteiro de Viagem do Pe. Dr. José Monteiro de Noronha pelos rios Amazonas e Negro*. Editora da UERJ: Rio de Janeiro, 1997.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 5^a Ed. São Paulo: Ática, 1997.

VEADO, Maria A. *Redução de ditongo – uma variável sociolingüística*. *Ensaio de Lingüística*, Belo Horizonte (MG), ano V, nº 9, pp. 209 –229, dez., 1983.

VOTRE, Sebastião. *Aspecto da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro; PUC/RJ, 1978.

ZÁGARI, Mário. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Minas Gerais: UFMG, 1977.

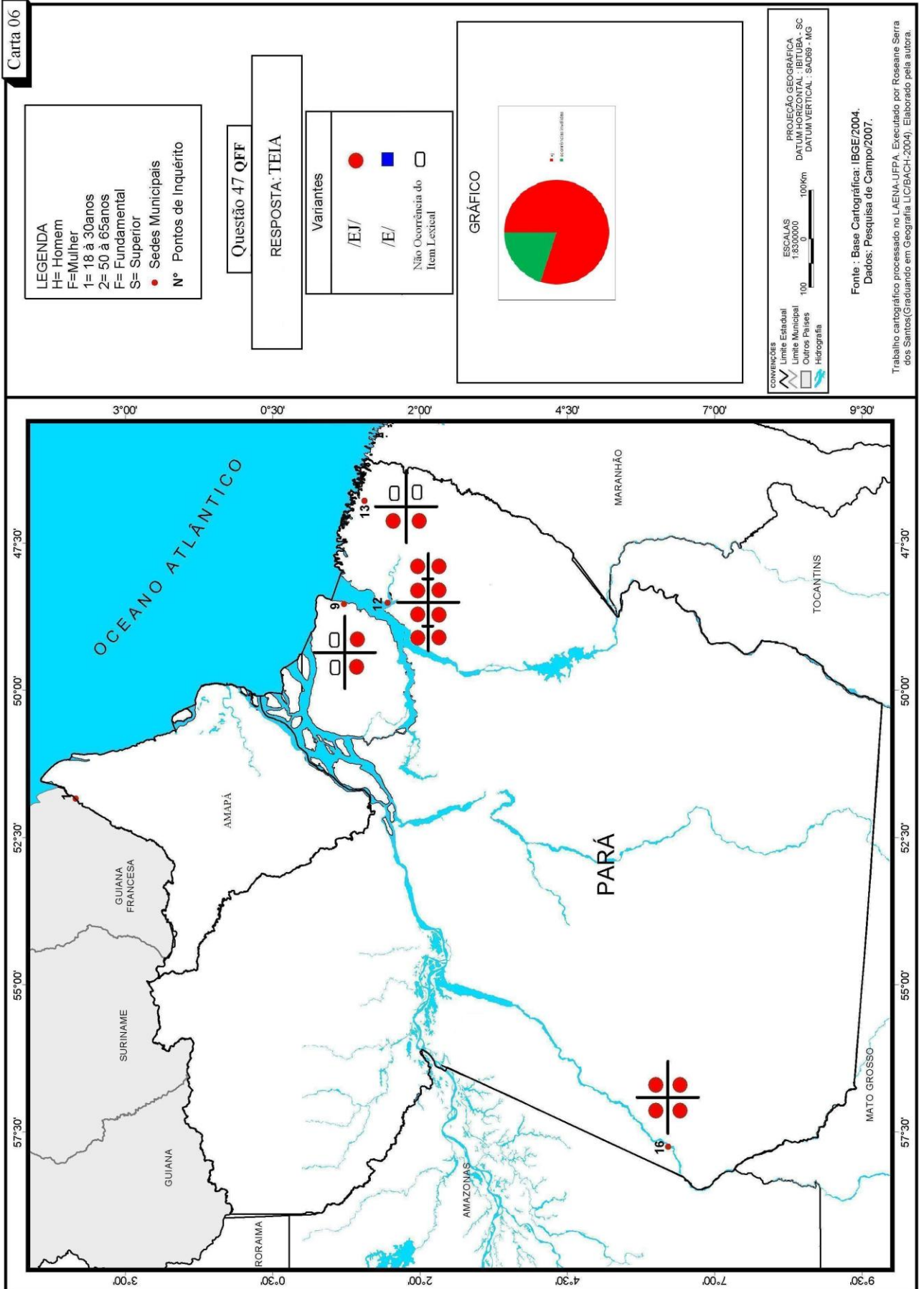
ANEXOS

Anexo I

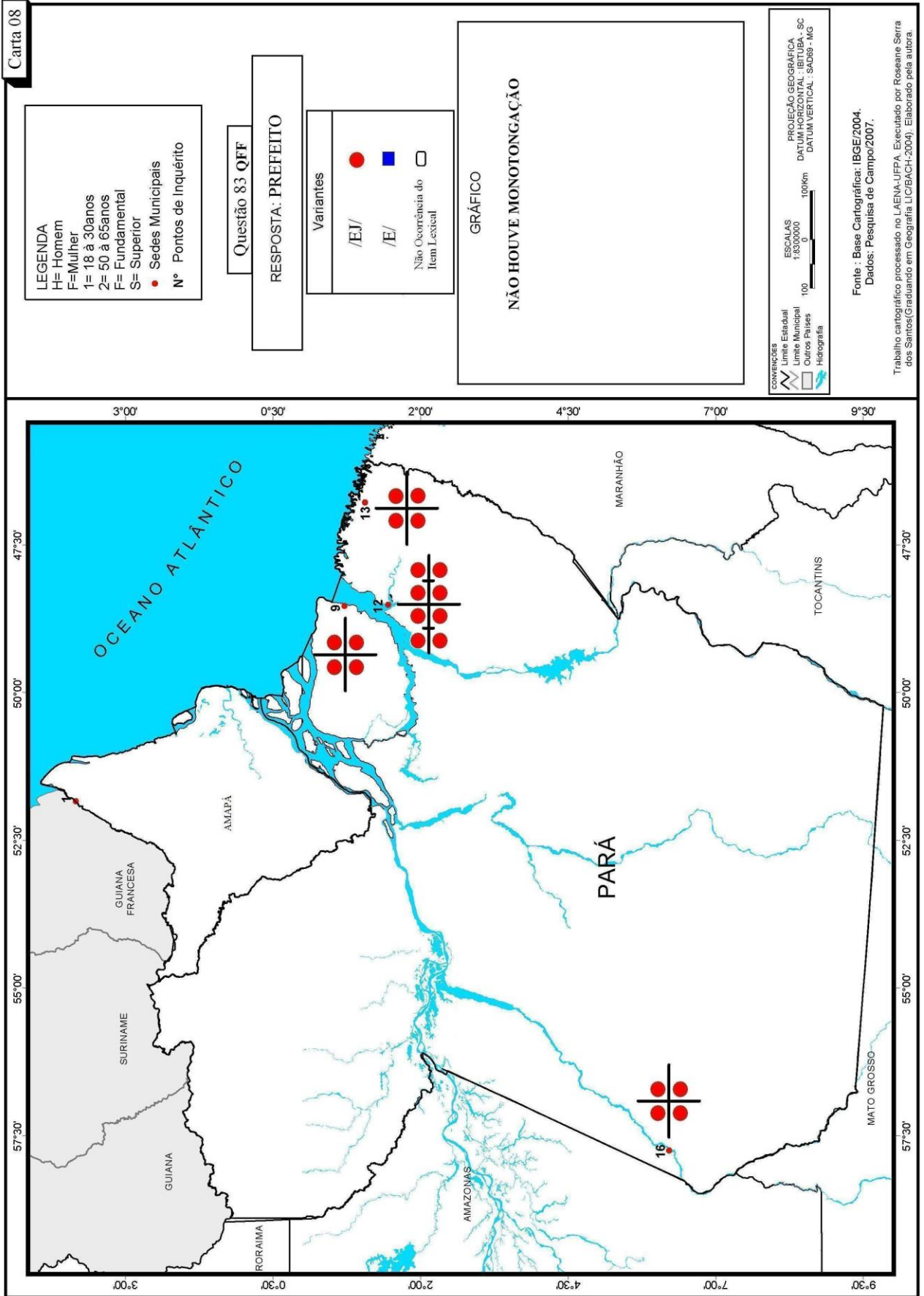
Outras Cartas

Fonéticas

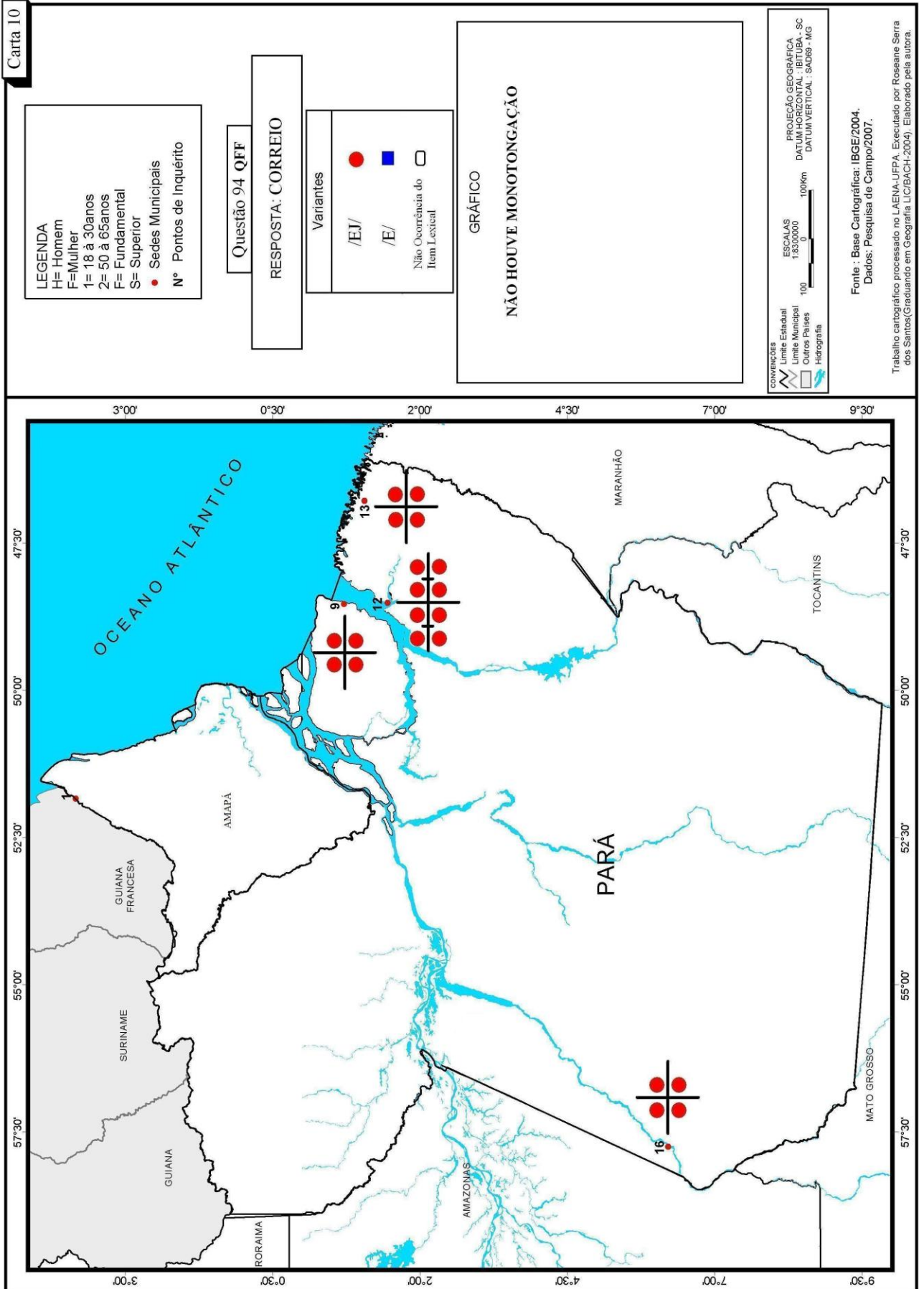
Carta 20: Carta Fonética 06 – Teia



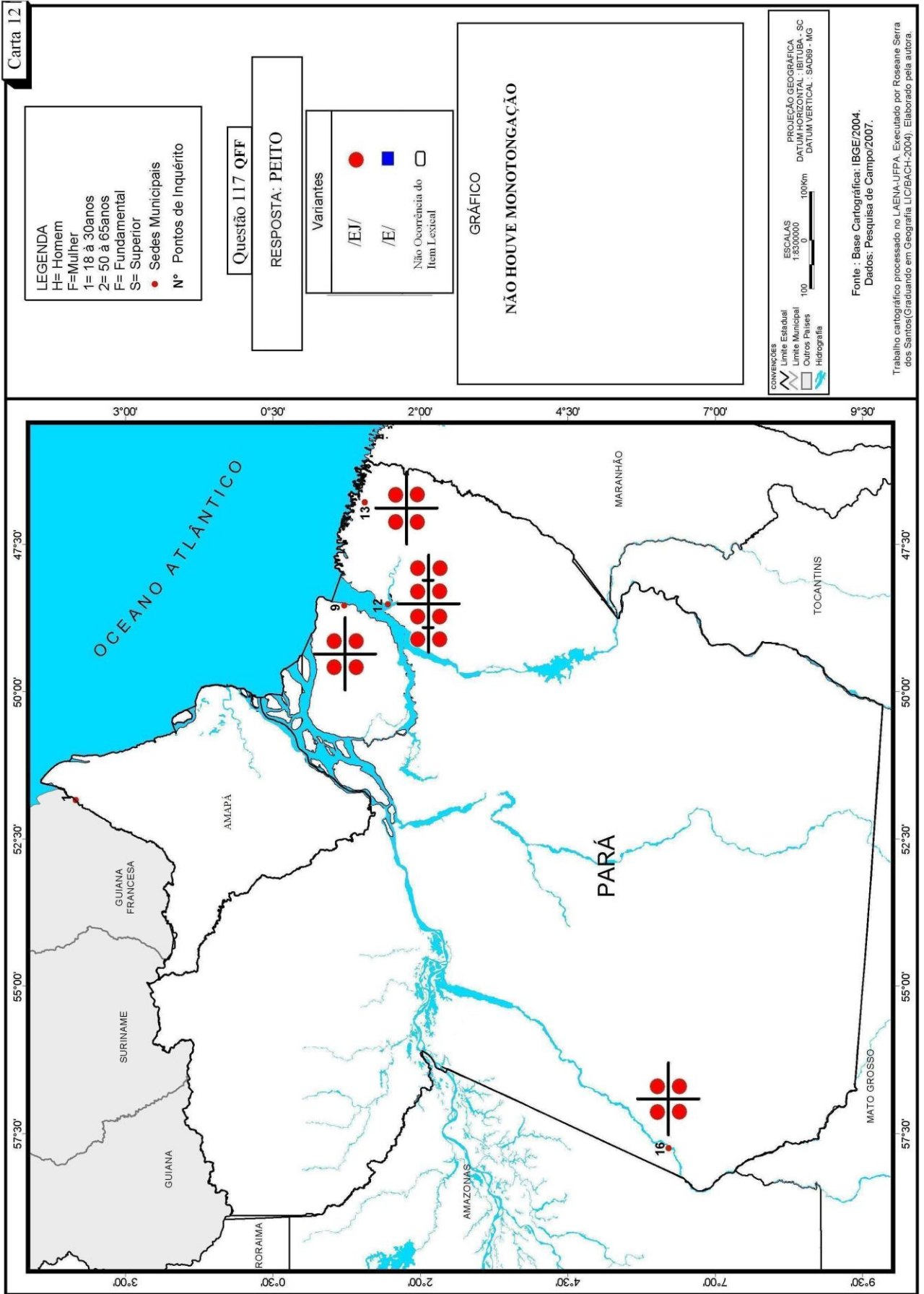
Carta 21: Carta Fonética 08 – Prefeito



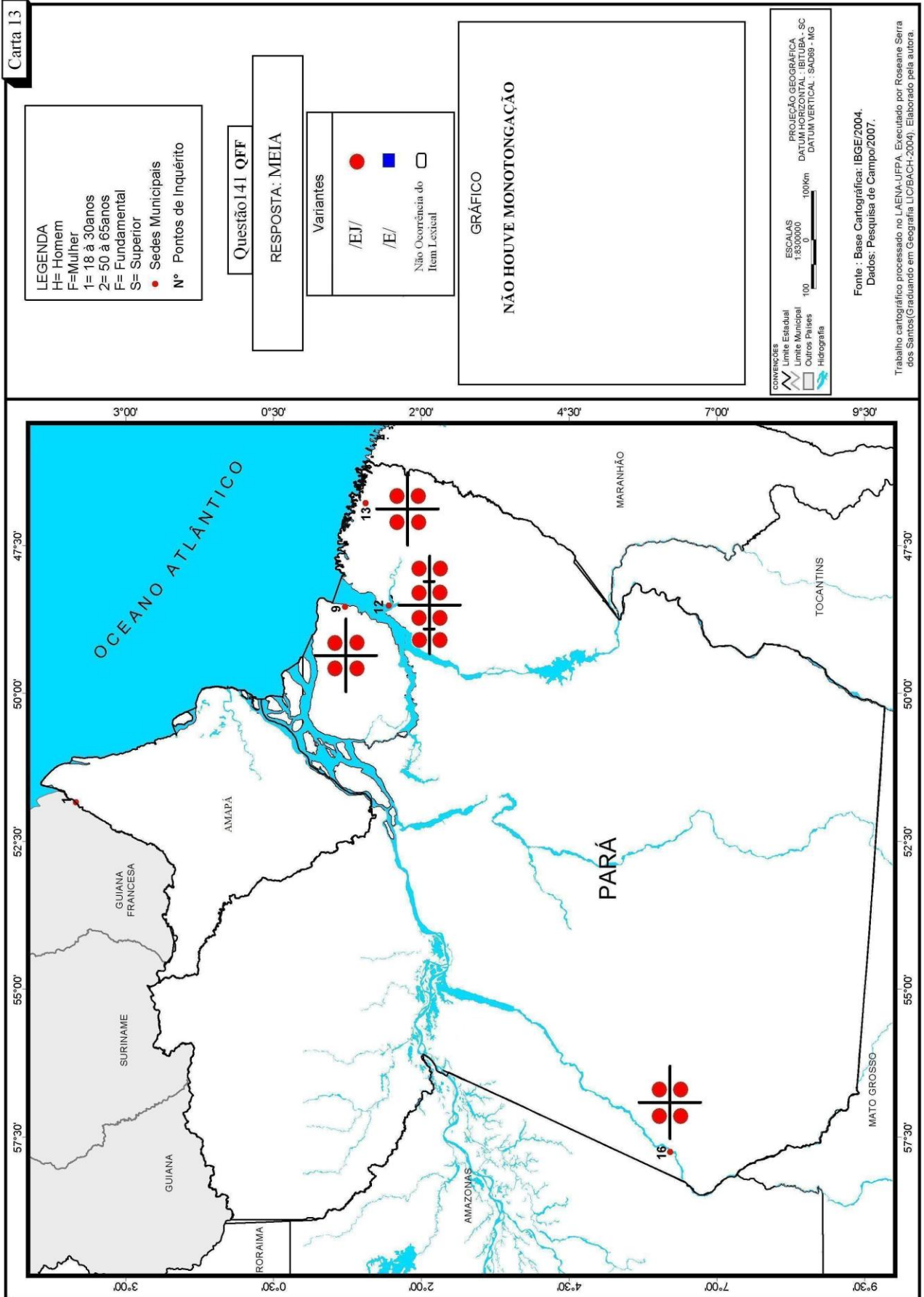
Carta 22: Carta Fonética 10 – Correio



Carta 23: Carta Fonética 12 – Peito

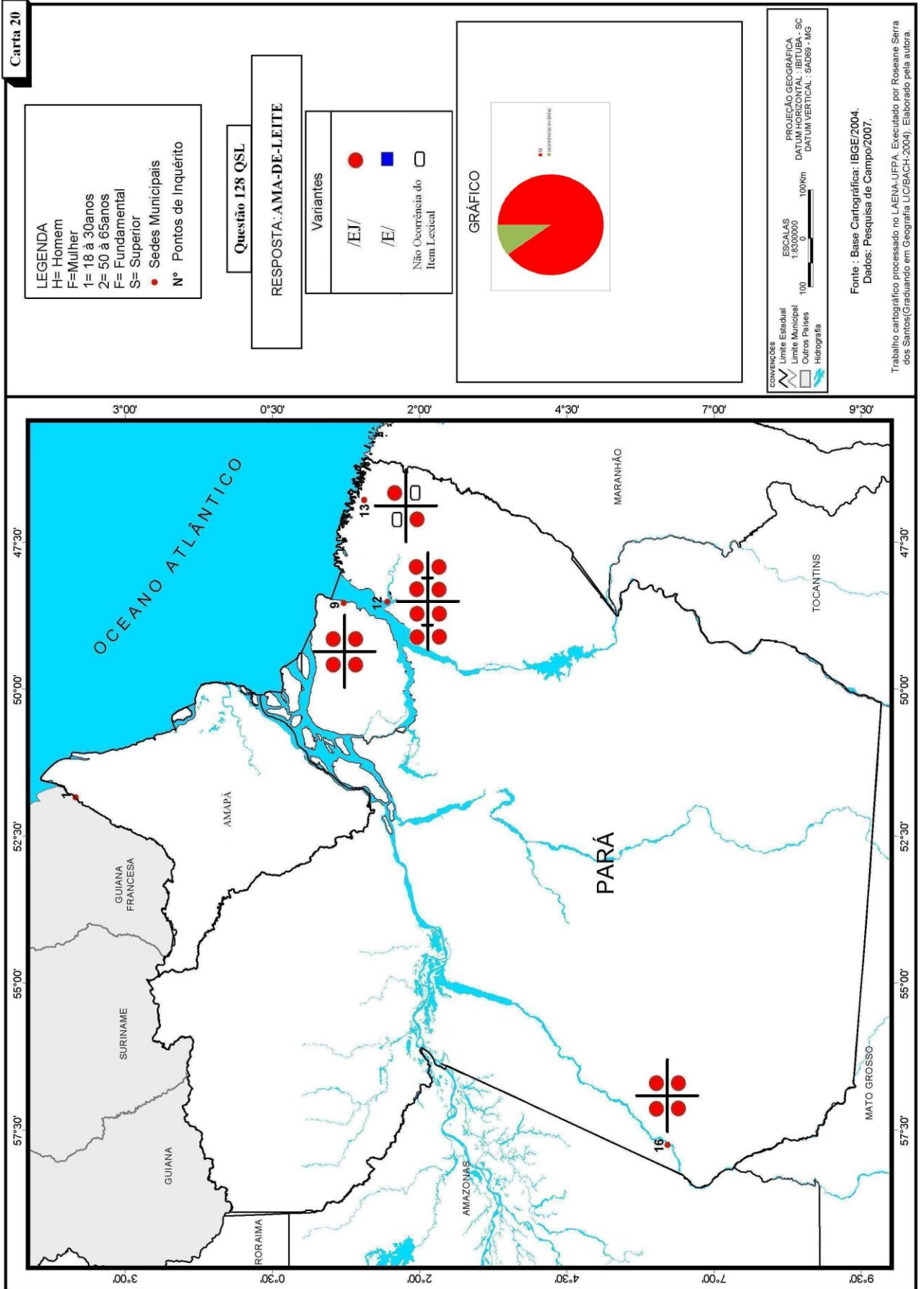


Carta 24: Carta Fonética 13 – Meia

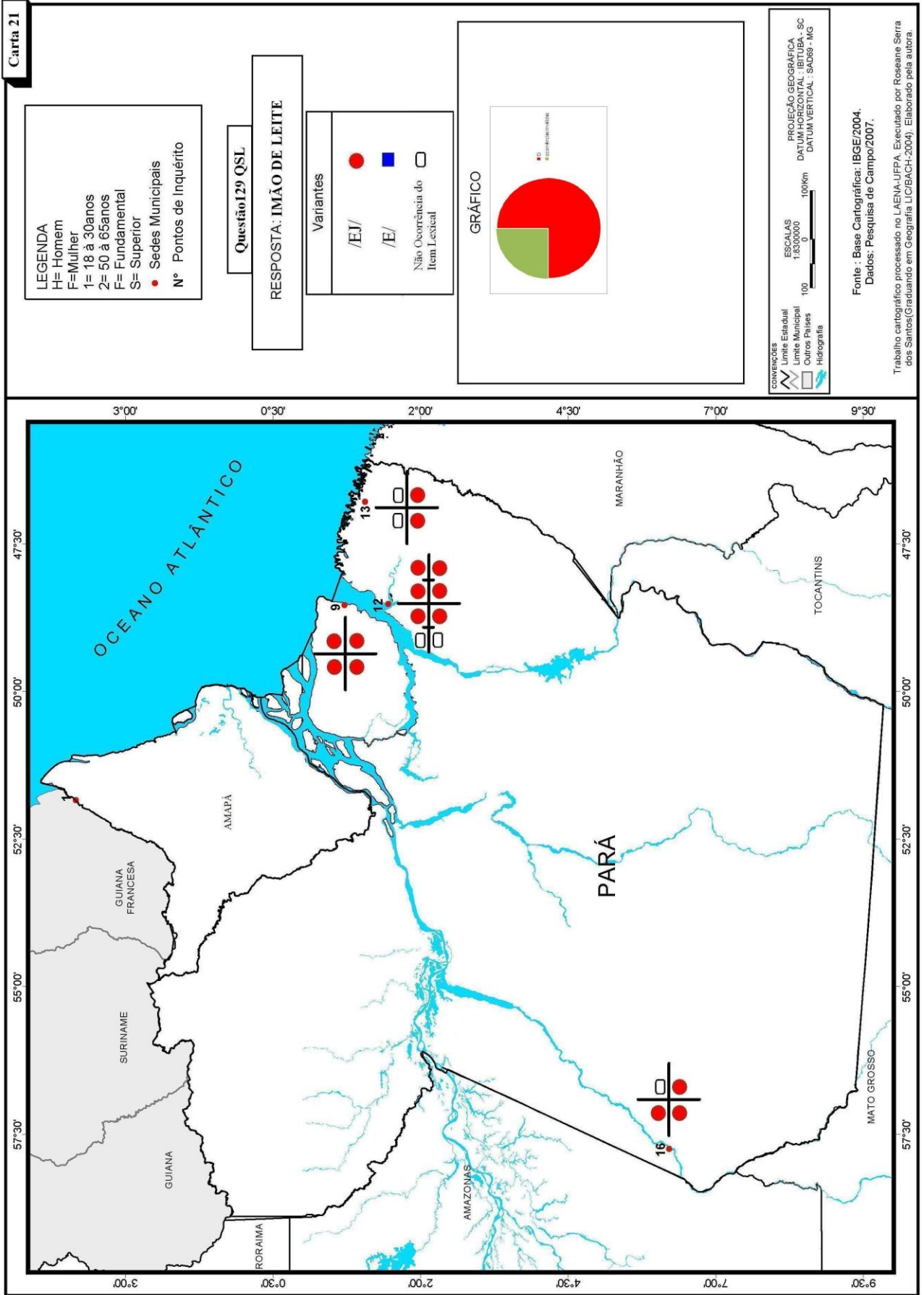


Trabalho cartográfico processado no LAENA-UFPA. Executado por Roseane Serra dos Santos(Graduando em Geografia LIC/BACH-2004). Elaborado pela autora.

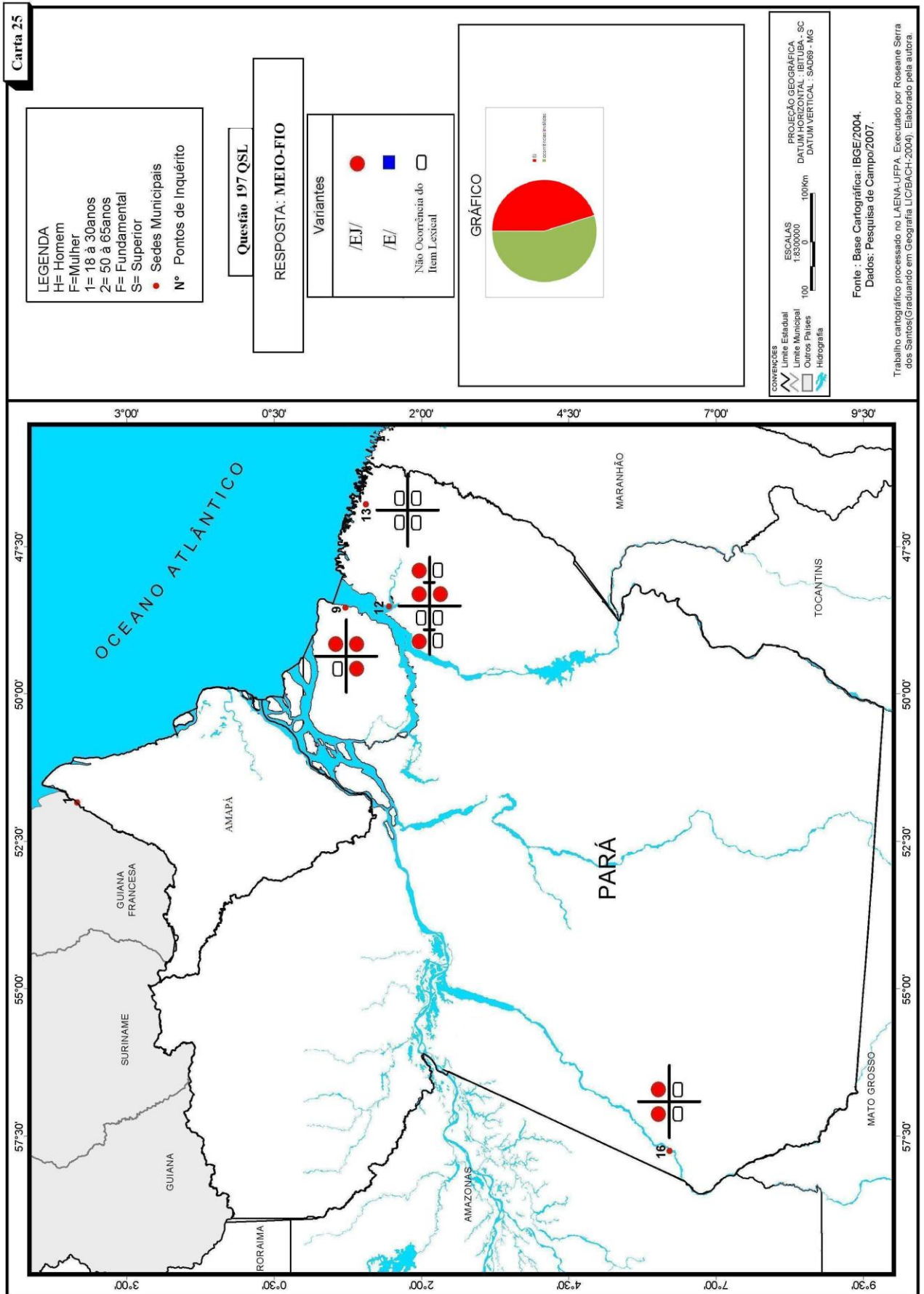
Carta 25: Carta Fonética 20 – Ama de Leite



Carta 26: Carta Fonética 21 – Irmão de Leite



Carta 27: Carta Fonética 25 – Meio Fio



Anexo II

Históricos das

Localidades

Histórico do Estado do Pará e dos Municípios de Belém, Bragança, Soure e Jacareacanga.

Noronha (apud SILVA, 1997), quando Pará e Amapá faziam parte de uma mesma Capitania e que Pará era ainda chamado de Cidade, descreve a região da seguinte forma⁴⁶:

“Em distância de vinte léguas da Ponta da Tigioca, último termo da foz do rio Amazonas pela parte do oriente, subindo a costa ocidental do largo continente que medeia entre a ilha do Maranhão, a leste, e a grande ilha de Joanes ou Marajó, a oeste, está situada a Cidade do Pará em uma ponta de terra vizinha à boca do rio⁴⁷ a que chamam os naturais de ‘Guajará’, por onde os dois rios Guamá e Capim, depois de se unirem, deságuam por um ramo de maior largura, a cuja produção concorrem os rios Uacará⁴⁸, Moju, Tocantins, Jacundá, Pacajaz, Guanapu e outros muitos...

A cidade do Pará (...) é a capital e a residência oficial do governador e capitão-general do Estado⁴⁹, que compreende quatro distintas capitanias e governos particulares, a saber: as capitanias do Pará, Rio Negro, Maranhão e Piagüi. Também é episcopal sufragânea ao patriarcado de Lisboa, desde o ano de 1720, em que o papa Clemente XI a dividiu do Bispado do Maranhão, a instância do Senhor Rei D. João VI, que nomeou para seu primeiro bispo D. Fr. Bartolomeu do Pilar. Religioso da Sagrada Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo⁵⁰.

Sua (...) latitude (...) é de um grau e vinte e oito minutos ao sul da linha equinocial, e a longitude (...) de vinte e nove graus e quinze minutos. O seu clima é saudável e benigno. As estações do tempo, mui moderadas e sem excesso de calor⁵¹ e frio. As suas terras são fertilíssimas. É abundante de fontes, lagos e caudalosos rios; de

⁴⁶ Apresento suas considerações de forma fichada, pontuando algumas mudanças importantes, o que farei por intermédio de notas.

⁴⁷ Essa expressão é até hoje utilizada por ribeirinhos no Pará, especialmente na Ilha do Marajó.

⁴⁸ Hoje, Acará.

⁴⁹ Até hoje é conhecida como a metrópole da Amazônia.

⁵⁰ Na atualidade, o Pará promove uma das maiores festas religiosas do Brasil, o Círio de Nazaré, que traz à capital inúmeros turistas, tanto do interior do Estado, quanto de outros Estados e até de outros países. É uma grande alavanca ao comércio local.

⁵¹ Hoje, no entanto, com o aquecimento global – em razão dos altos níveis de poluição no Brasil e no mundo, e do desmatamento –, as temperaturas são as mais altas já registradas, havendo dias em que

campos abertos e matos espessos; de árvores sempre ornadas de folhas, de portentosa altura e grossura e de preciosas qualidades (variedades⁵²) e cores⁵³; de gados e animais silvestres; de aves de rara grandeza e formosura, pela variedade e viveza das suas cores⁵⁴. O seu comércio consiste em cacau, cravo, salsa parrilha, óleo de copaíba, café, açúcar, tabaco, algodão e couros, que passam por trato a Portugal⁵⁵.

No continente do Pará, há treze povoações (...). As da costa são: a Vila de Colares, o Lugar de Porto Salvo, o de Penha Longa, a Vila da Vigia⁵⁶, a Vila Nova d'El-Rei, a de Cintra e a de Bragança.

A seis povoações que se acham no interior são: o Lugar de Benfica, o de Barcarena, a Freguesia de São Bento, a Vila de Ourém, o Porto Grande do Guamá, o Lugar de Cerzedelo.

[Para se chegar até o sertão do Amazonas e Rio Negro], (...) se deve buscar o rio Moju⁵⁷ e (...) se chega ao estreito canal chamado vulgarmente Igarapé-mirim⁵⁸ (caminho apertado de canoas).

Havendo bom prático, vento e maré favoráveis, se podem atravessar sem risco as duas baías por fora da ilha de Uararaí (...). No verão se faz a travessia em qualquer hora do dia. Porém, no inverno, convém aproveitar as marés matinais, porque de tarde são freqüentes e ordinárias as tempestades⁵⁹.

(excetuando a época de chuva, que vai de dezembro a março – com variações –) os termômetros chegam a medir 40° c. na sombra.

⁵² Grifos meus.

⁵³ Segundo se tem notícia por meio de mídia televisiva, o desmatamento no Estado do Pará vem crescendo exorbitantemente, por força de interesses econômicos de grandes madeireiras exportadoras de matéria prima. Essas empresas absorvem quase toda mão-de-obra local, o que lhes “outorga” o direito de destruir um verdadeiro patrimônio da sociedade em prol de um pseudo-progresso.

⁵⁴ Eis outro grande problema no Pará: a caça predatória e a biopirataria vêm a cada ano promovendo a diminuição da fauna silvestre. O Museu Emílio Goeld, situado na capital, possui vários exemplares da fauna local, inclusive com o desenvolvimento de pesquisas para aumentar a população de animais em cativeiro, com o objetivo de que sejam devolvidos à natureza quando possível.

⁵⁵ Hoje, a produção mais significativa diz respeito à exportação de frutos como o açaí, o cupuaçu, a castanha-do-pará e outros.

⁵⁶ Primeiro ponto de observação da Amazônia no período colonial.

⁵⁷ Hoje município.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Fenômeno atmosférico que acabou por tornar-se uma marca cultural do paraense, dando margem a várias máximas populares, como por exemplo: Se, no inverno, chove o dia todo; no verão, chove todo dia.

O rio dos Tocantins (...) tem o seu nascimento abaixo da chapada grande (...). Deságuam nele muitos rios (...). [Entre os mais conhecidos, estão]: Paranatinga, Preto, Maranhão, Tacoanhunas, Araguaia, Capoeira, Santa Luzia, Boa Vista e rio das Almas. As suas águas são cristalinas [meio esverdeadas, e lá] (...) se criam deliciosos peixes e perfeitíssimas tartarugas, para cuja produção tem muitas e vistosas praias de areia. Sua navegação é trabalhosa, pelas (...) pedras e pelo perigo de invasão do gentio⁶⁰ que habita nas margens e centros, por cujo motivo se dificulta a extração do muito pau-cravo que há neste rio, (...) e as minas de ouro...

As nações mais conhecidas (...) na parte oriental do rio dos Tocantins são: apinagé, timbira, agurujá, aopegé, amanajós, acará-pitanga, pururu, panacumucu, joni, curuamerim, curuauaçu, copepoti. Na parte ocidental, vivem os índios das nações: grajacá, grajuará, uaiá, mucura, turiuará. [Essas nações são extremamente bélicas e utilizam arco e flecha como instrumento de caça e de guerra; não vivem em paz nem têm comércio com os brancos; mas, se aprisionado, o homem branco não é morto, ao contrário, é tratado com cortesia e lhe destinam mulher, como é o costume local]. (...) os homens das tribos têm o beijo inferior furado e traspassado por um cilindro; orelhas com grande furo; enfeitam-se com penas amarelas e azuis; não há antropófagos nem idólatras, mas possuem feiticeiros (pajés); nas festividades, fazem uma bebida alucinógena da raiz de uma árvore chamada jurema; os mais velhos instruem os mais novos nos pátios ou praça da aldeia (transmissão oral de costumes sociais e lingüísticos).

Em outro tempo se desceram do rio Tocantins muitos índios das nações topinambás e pochiguará⁶¹, com os quais se fundou uma aldeia na margem oriental, (...) acima da Vila Viçosa, da qual passaram para a Aldeia de Mortigura, hoje Vila do Conde.

As muitas ilhas que há na barra (beira, margem) deste rio abundam de certa espécie de castanha, de cuja massa se extrai o óleo chamado, no idioma geral dos índios, ‘iandroba’⁶² (...). As mesmas castanhas há nas ilhas da baía do Marajó, das vilas de Oeiras, Melgaço, Gurupá e Guamá. (...) há outros óleos agradáveis ao paladar (...),

⁶⁰ Povo indígena. A designação surge em função de eles não serem cristãos, visto que, mesmo antes do advento do Cristianismo, se considerava gentio todo aquele que não professava a fé judaica – aqui, especificamente, judaico-cristã.

⁶¹ Hoje, chamados de Tupinambás e Potiguaras.

⁶² Hoje, andiroba. Este óleo, na atualidade, é muito utilizado na indústria farmacêutica e cosmética, mas, à época, era comercializada como combustível para lamparinas – luminárias rústicas alimentadas a óleo.

como o do gergelim, castanhas ordinárias, patauá e ibacaba⁶³. (...) o Pará não é menos fértil de bálsamos, porque nele se acham os da copaiba, cumuru, omiri e outros.

A Vila Viçosa de Santa Cruz do Cameté está situada na margem ocidental do rio Tocantins (...). (...) abaixo da dita vila está o Lugar de Azevedo. Entre Vila Viçosa e o canal do Limoeiro se acham (...) minas de (...) conchas marinhas (...), de que se faz considerável quantidade de cal, que é outro ramo de comércio daquela vila. As ditas minas provam, demonstrativamente, que esta península foi, em tempo antigo, inundada das águas do mar (...). Das mesmas conchas há também grandes minas no rio Canaticu da ilha do Marajó, (...) e dos rios Maracanã⁶⁴ e Marapani⁶⁵, que fica abaixo do rio Cruçá⁶⁶ ...

Para fazer a viagem ao largo, por fora de todas as ilhas e pelo meio da baía do Marajó (...), se carece de canoa segura e piloto experimentado, por ser prolongada, larga e ter correntezas, grandes mareas, baixos e ilhas que fazem dividir o verdadeiro caminho. (...) No tempo dos ventos gerais⁶⁷, que reinam nos meses de setembro, outubro e novembro, se executa esta viagem em vinte e quatro horas...

Está situada a Vila de Oeiras (...) na margem ocidental. Acima do rio Parauauá e entrada do Tagipuru, estão duas famosas povoações, a saber: a Vila de Melgaço (...) e a Vila de Portel, (...) distante de Melgaço quatro léguas. [Do rio] Pacaiá, (...) desceram para a Vila de Portel muitos índios das nações pacaiás, taconhapés, e outras...

A grande ilha de Joanes ou Marajó contém em si nove povoações: Vila de Conde, Lugar de Fonte de Pedra, Lugar de Vilar, Vila de Monsarás, Vila de Monfort, Vila de Salvaterra, Lugar de Mondim, Vila de Soure e Real Pesqueiro das Tainhas⁶⁸.

[Na divisa com Macapá], no cabo Norte, recebe o Amazonas as águas do rio Aruari⁶⁹, célebre pelo espantoso fenômeno da pororoca, nome que lhe deram os índios e

⁶³ Patauá e ibacaba (hoje, bacaba) são, ainda nos tempos atuais, fontes de alimento à população ribeirinha, assim como o açai.

⁶⁴ Hoje município.

⁶⁵ Hoje, Marapanin; também município.

⁶⁶ Hoje, Curuçá; idem.

⁶⁷ Designação para o vento que vem do mar (rio) para o continente. Essa expressão é muito utilizada pela população ribeirinha, mas, hoje, como vento geral.

⁶⁸ Há, hoje, novos municípios, criados a partir das povoações indígenas residentes nos rios como o Amuaná (hoje Muaná), Anajás e outros; ou alguns destes tiveram seus nomes modernizados ou simplesmente trocados.

vale o mesmo que ‘mar arrebetado’⁷⁰. Entre a costa do Marajó e a de Macapá estão situadas muitas ilhas que servem de abrigo às canoas (...) [e que] abundam de muito cacau, de que fazem copiosas colheitas anualmente os moradores⁷¹...

Continuando a viagem (...) se irá costeando à mão esquerda pelo rumo de sudoeste. O rio Xingu desce do sul ao norte paralelo ao rio Tapajós. (...) [Outro rio importante] é o Araguaia, (...) habitado de muito gentio das nações juruna, taquanhapé, cariberiz e outras, das quais descem grande número de índios para as aldeias que nele se fundaram. (...) continua a viagem pelo Xingu ama até à Vila do Porto de Moz. (...) [Antes] está a povoação chamada a Boa Vista (sic). Acima da Vila de Porto de Moz estão no rio Xingu três povoações, a dizer: a Vila de Vieiros, a Vila de Pombal (...) [e] a Vila de Souzel. (...) na margem setentrional do Amazonas, a Fortaleza do Paru e (...) a Vila de Almeirim. [A] Vila de Monte Alegre (...) está situada na margem oriental, (...) habitada de muitas nações indígenas, a saber: juruna, guaruará, cuçari, curiueré, jacipuia e outros...

Na barra do rio Tapajós, à parte oriental dele, está a Vila de Santarém, defendida de uma fortaleza. Pelo rio acima há mais quatro (...): a Vila de Alter do Chão, a Vila Franca, a Vila Pinhel e a Vila Boim. (...) Os índios que habitam nestas vilas e em todas mais povoações que ficam de Tapajós para baixo, se chamam vulgarmente entre eles ‘canicarus’. Partindo da Fortaleza dos Tapajós, se atravessa a boca do rio a Paricatiba, até chegar à Fortaleza de Pauxis e Vila de Óbidos...

Na margem setentrional do Amazonas (...) está situada a Vila de Alenquer...

Do rio das Trombetas até à boca inferior do rio Nhamundá, na mesma margem setentrional do Amazona, soa seis léguas. E em distância de oito léguas por este rio está a Vila de Faro na margem oriental, na qual se termina a Capitania do Pará...”

⁶⁹ Hoje Arari.

⁷⁰ Esse fenômeno também é fonte de exploração turística no Estado. Já se tem até um campeonato de *surf* na pororoca.

⁷¹ O extrativismo é o ramo comercial que, até agora, movimenta a economia local.

MUNICÍPIO DE BELÉM

A capital do Estado – também conhecida como Santa Maria de Belém do Grão Pará – foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco no dia 12 de janeiro de 1616, mesmo dia em que foi construído um forte de madeira, coberto de palha, denominado Forte do Presépio⁷², para defender o território contra as tentativas francesas, holandesas e inglesas de conquista. O ciclo da borracha promoveu um tempo de pujança. O mercado municipal, hospitais, quartéis, cemitérios, todos resultaram da riqueza da economia da borracha. Os subúrbios, no entanto, permaneciam, até 1950, como amontoados de pessoas; e a área rural servindo de fonte ao extrativismo, lenha e carvão, lugar para vivendas e retiros das famílias com poder.

Considerada o portal da Amazônia, é o principal ponto turístico do Pará, está entre as dez cidades mais visitadas do Brasil. Ocupando uma área de 51.600 hectares, em que mais da metade representam ilhas, é situada às margens da Baía de Guajará e ainda é cortada pelo Rio Guamá, afluente do Rio Amazonas. Com um clima quente e úmido, com temperatura média de 26° C e umidade de 80 a 90%, a estação chuvosa é de dezembro/janeiro a maio e o período de estiagem vai de junho a novembro/dezembro.

Com relação aos fenômenos culturais, é de maioria católica, o que impulsiona festividades religiosas, como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre sempre no segundo domingo de outubro, com uma procissão que atrai milhares de fiéis. É rica em história, cultura, natureza, cores, cheiros e sabores que podem ser observados em cada uma de suas ilhas e na culinária típica da colonização portuguesa e das heranças indígena e africana. Uma cidade moderna, mas em harmonia com natureza, a arquitetura secular de origem portuguesa, com um toque do neoclássico francês (Herança da Belle époque).

Os pontos turísticos mais visitados são: Ver-o-Pêso (a maior feira livre da América Latina); Estação das Docas; Teatro da Paz; Parque da Residência; Feliz Lusitânia; Museu de Arte Sacra (antigo Colégio Jesuíta de Santo Alexandre e Palácio Episcopal); o Palacete das Onze Janelas (antigo Hospital Militar); Museu Emílio Goeldi; Bosque Rodrigues Alves; São José Liberto (o espaço abriga o Museu de Gemas do Pará, o Pólo Joalheiro, uma capela, onde há concertos de música sacra) e a Casa do Artesão;

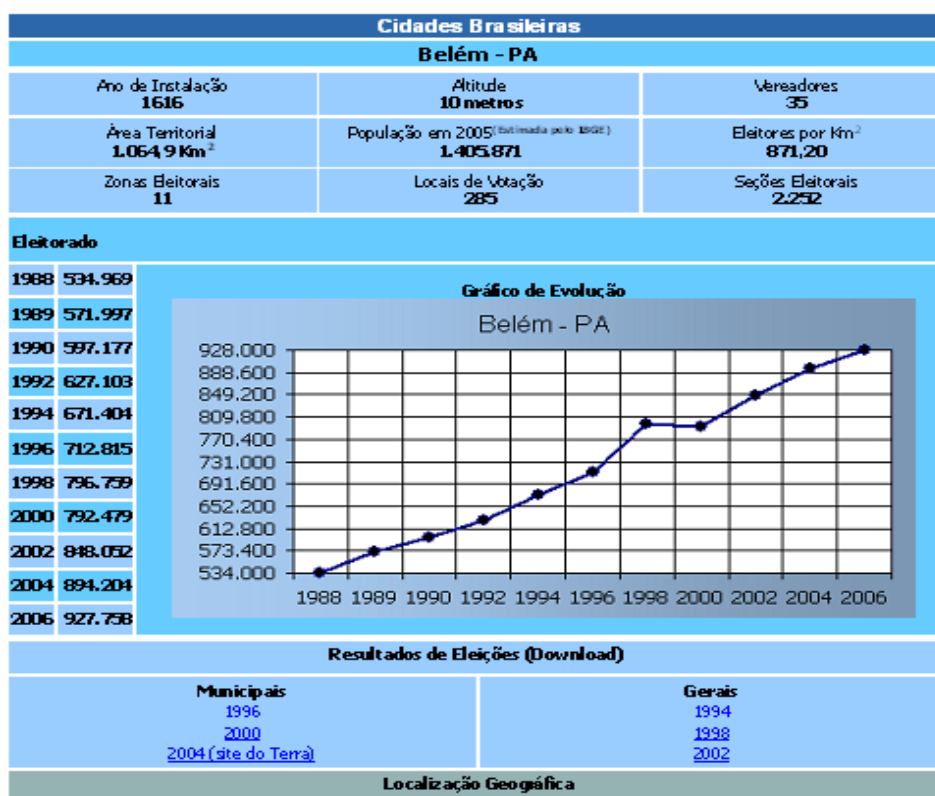
⁷² Hoje, o mesmo é denominado Forte do Castelo.

Teatro Waldemar Henrique; Palacete Bolonha; Praça da República (que em sua vasta extensão, encontram-se o Teatro da Paz, o Teatro Waldemar Henrique e o Serviço de Atividades Musicais da Universidade Federal do Pará); Praça Batista Campos; Mangal das Garças; A torre do Farol de Belém; a Cidade Velha; entre outros.

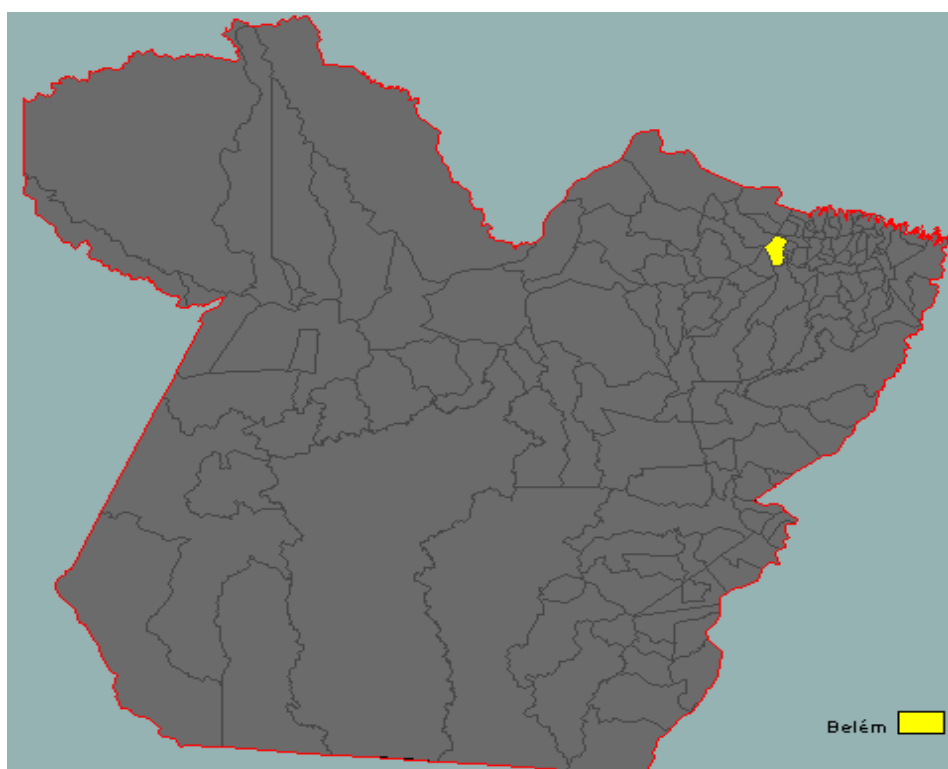
Com uma população de 1.408.847, em uma área da unidade territorial (km²) de 1.065, tem como representante político o Dr. DUCIOMAR GOMES DA COSTA.

Apresento, a seguir, algumas informações sobre questões eleitorais e localização da cidade, retiradas do site <http://www.guiadoeleitor.com.br/cidades> no dia 13 de fevereiro de 2008.

Gráfico 13: Belém – Informações Gerais



Mapa 06: Belém – Localização



MUNICÍPIO DE BRAGANÇA

Localizado a 210 quilômetros de Belém, Bragança possui belíssimas praias banhadas pelo Oceano Atlântico, monumentos arquitetônicos históricos e cultura forte e rica de seu povo. É conhecida como a bela do nordeste paraense. Sua localização, à margem do rio Caeté, foi o que lhe rendeu o apelido carinhoso de "Pérola do Caeté".

A cidade é uma das mais antigas do Estado. Sua história começou no século 17, mais precisamente em 1622, quando o território de Bragança pertencia à Capitania do Gurupi. A área foi doada por Felipe III, da Espanha, a Gaspar de Souza, Governador Geral do Brasil. Anos depois, em 1634, o filho de Gaspar de Sousa, Álvaro de Souza, fundou, à margem direita do rio Caeté, o povoado de Bragança. No entanto, em função das dificuldades de comunicação com a capital do Estado, mudou-se para o lado esquerdo, onde, atualmente, está localizada a sede municipal de Bragança. Só se tornou cidade em 1854, por decreto do então presidente da Província, tenente-coronel Sebastião do Rego Barros.

Sua história, marcada pela colonização portuguesa e retratada nos prédios históricos do município, tem como monumentos mais importantes a Igreja de São

Benedito, do século XVIII, a igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a mais antiga da cidade, erguida também no século XVIII, o Instituto de Santa Terezinha, tradicional educandário da região, e – em uma ilha em frente ao litoral de Bragança – o histórico Forte do Caeté, construído em 1614 pelos portugueses.

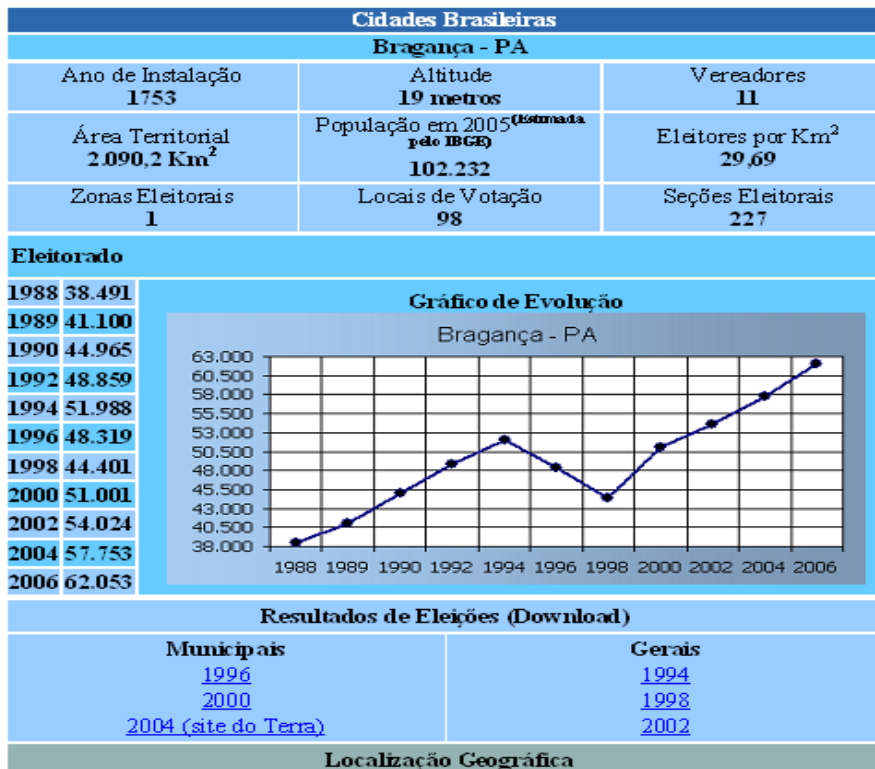
Católicos por tradição, os cidadãos bragantinos realizam durante todo o ano várias festas religiosas. Dentre elas, destacam-se a de São Sebastião, comemorada no dia 20 de janeiro, e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece no mês de novembro com ladainhas, procissões e arraial. Porém, a mais forte expressão cultural e religiosa de Bragança está na festa de São Benedito, uma das mais tradicionais e antigas do Pará, introduzida pelos escravos em 1798 e que também é conhecida como a Festa da Marujada.

Possui uma das mais belas praias da costa atlântica paraense, a praia de Ajuruteua, a 30 minutos da cidade, um lugar paradisíaco que guarda ainda características primitivas. No mais, há manguezais, rios, igarapés e ilhas, como a de Canela, um santuário ecológico que possui o maior ninhal de guarás do mundo.

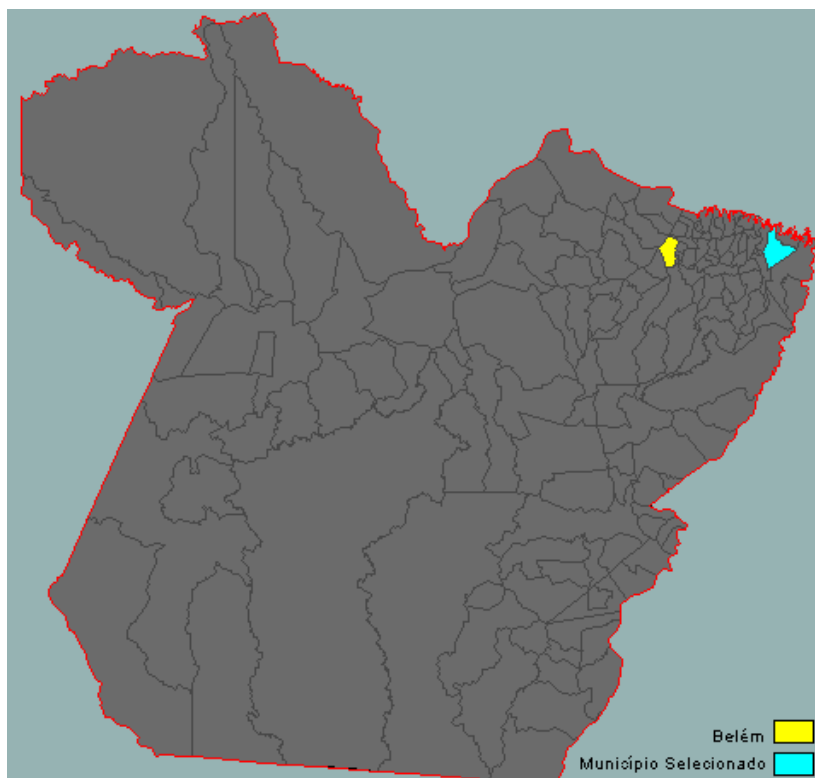
Com uma população de 101.728 habitantes, distribuídos em uma faixa territorial de 2.090 km², tem como representante político o Sr. CELSO ORLANDO DA SILVA LEITE.

Seguem, abaixo, algumas informações sobre questões eleitorais e localização da cidade, retiradas do site <http://www.guiadoeleitor.com.br/cidades/4278.htm> no dia 13 de fevereiro de 2008, bem como a localização em relação à capital do Estado.

Gráfico 14: Bragança – Informações Gerais



Mapa 07: Bragança – Localização

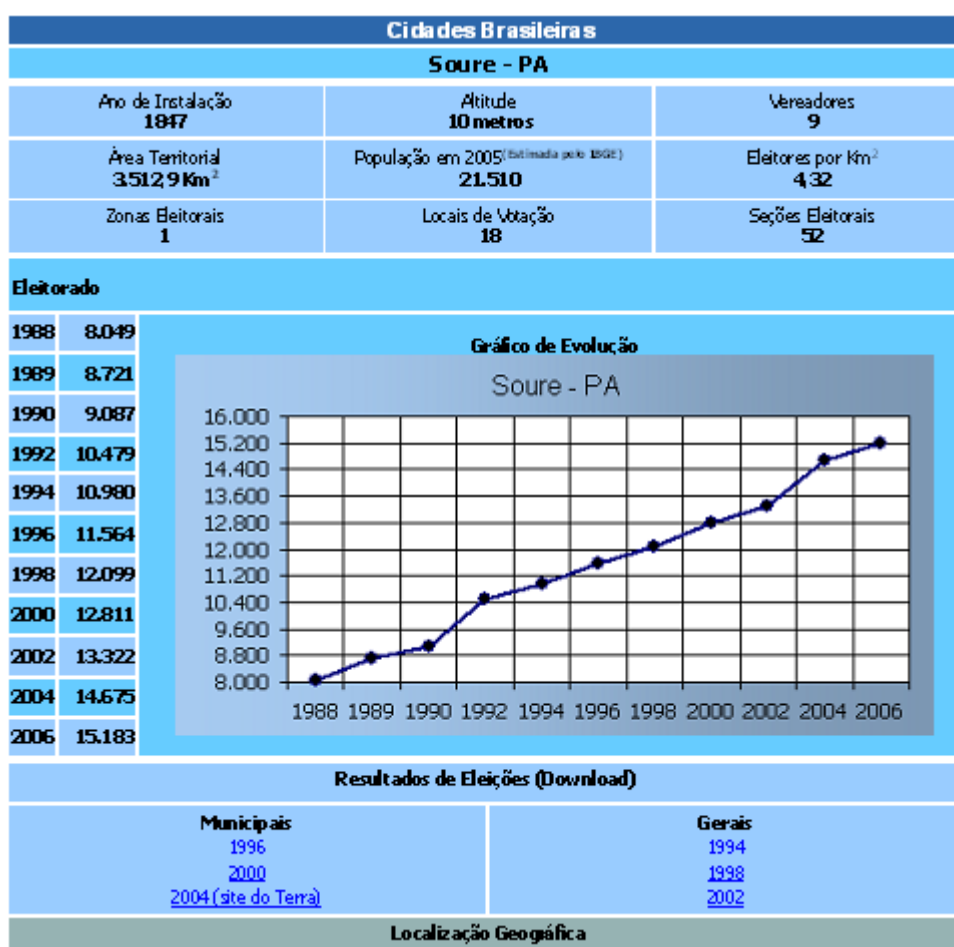


MUNICÍPIO DE SOURE

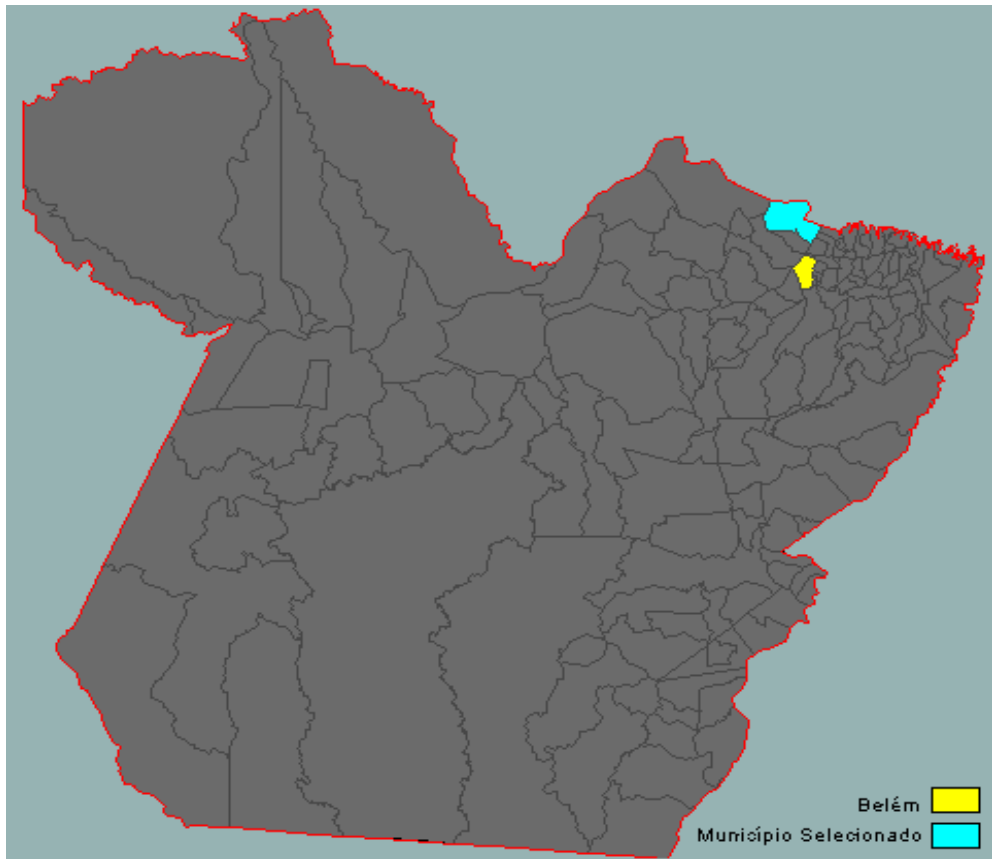
Com uma população de 19.195 habitantes (9.626 homens e 9.569 mulheres), distribuídos em uma faixa territorial de 3.512,9 km², tem como representante político o Sr. CARLOS AUGUSTO NUNES GOUVEA.

Seguem, abaixo, algumas informações sobre questões eleitorais e localização da cidade, retiradas do site <http://www.guiadoeleitor.com.br/cidades/4278.htm> no dia 13 de fevereiro de 2008, bem como a localização em relação à capital do Estado.

Gráfico 15: Soure – Informações Gerais



Mapa 08: Soure – Localização



MUNICÍPIO DE JACAREACANGA

Jacareacanga

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ir para: [navegação](#), [pesquisa](#)

Município de Jacareacanga	
Brasão desconhecido	Bandeira desconhecida
	<u>Hino</u>
<u>Fundação</u>	<i>Não disponível</i>
<u>Gentílico</u>	<i>Não disponível</i>
<u>Prefeito(a)</u>	Carlos Augusto Veiga
Localização	
	 06° 13′ 26″ S 57° 45′ 14″ O06° 13′ 26″ S 57° 45′ 14″ O
<u>Estado</u>	<u>Pará</u>
<u>Mesorregião</u>	<u>Sudoeste Paraense</u>
<u>Microrregião</u>	<u>Itaituba</u>
<u>Municípios limítrofes</u>	Itaituba, Novo Progresso, Apiacás e Maués
<u>Distância até a capital</u>	2000 <u>quilômetros</u>
Características geográficas	
<u>Área</u>	53.303,089 <u>km²</u>
<u>População</u>	39.892 <u>hab. est. IBGE/2008</u> ^[1]
<u>Densidade</u>	0,7 <u>hab./km²</u>
<u>Altitude</u>	70 <u>metros</u>
<u>Clima</u>	<i>Não disponível</i>
<u>Fuso horário</u>	<u>UTC-4</u>
Indicadores	
<u>IDH</u>	0,652 <u>PNUD/2000</u>
<u>PIB</u>	<u>R\$ 35.599.203,00 IBGE/2003</u>
<u>PIB per capita</u>	<u>R\$ 1.194,81 IBGE/2003</u>

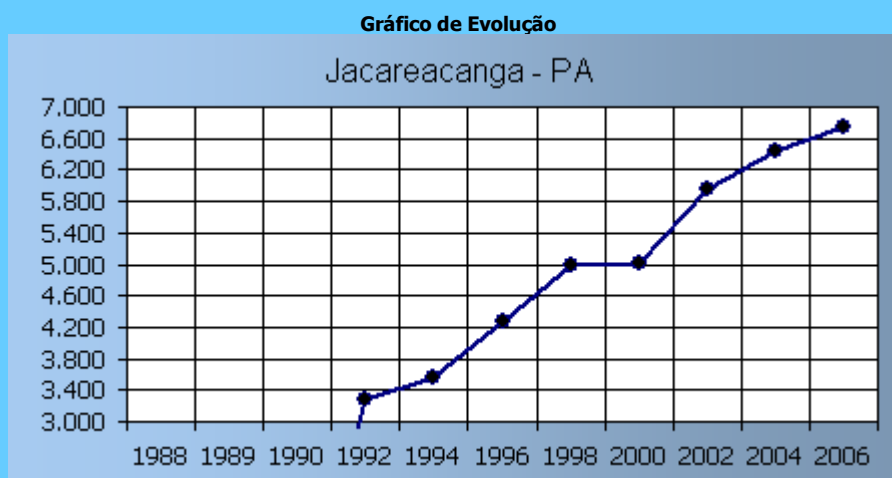
Jacareacanga é um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se a uma latitude 06°13'20" sul e a uma longitude 57°45'10" oeste, estando a uma altitude de 70 metros. Sua população estimada em 2004 era de 31 661 habitantes. Possui uma área de 53531,59 km².

Gráfico 16: Jacareacanga – Informações Gerais

Cidades Brasileiras		
Jacareacanga - PA		
Ano de Instalação 1993	Altitude 70 metros	Vereadores 9
Área Territorial 53.303,1 Km²	População em 2005 ^(Estimada pelo IBGE) 33.059	Eleitores por Km ² 0,13
Zonas Eleitorais 1	Locais de Votação 15	Seções Eleitorais 28

Eleitorado

1988	
1989	
1990	
1992	3.270
1994	3.566
1996	4.276
1998	4.979
2000	5.010
2002	5.953
2004	6.430
2006	6.742

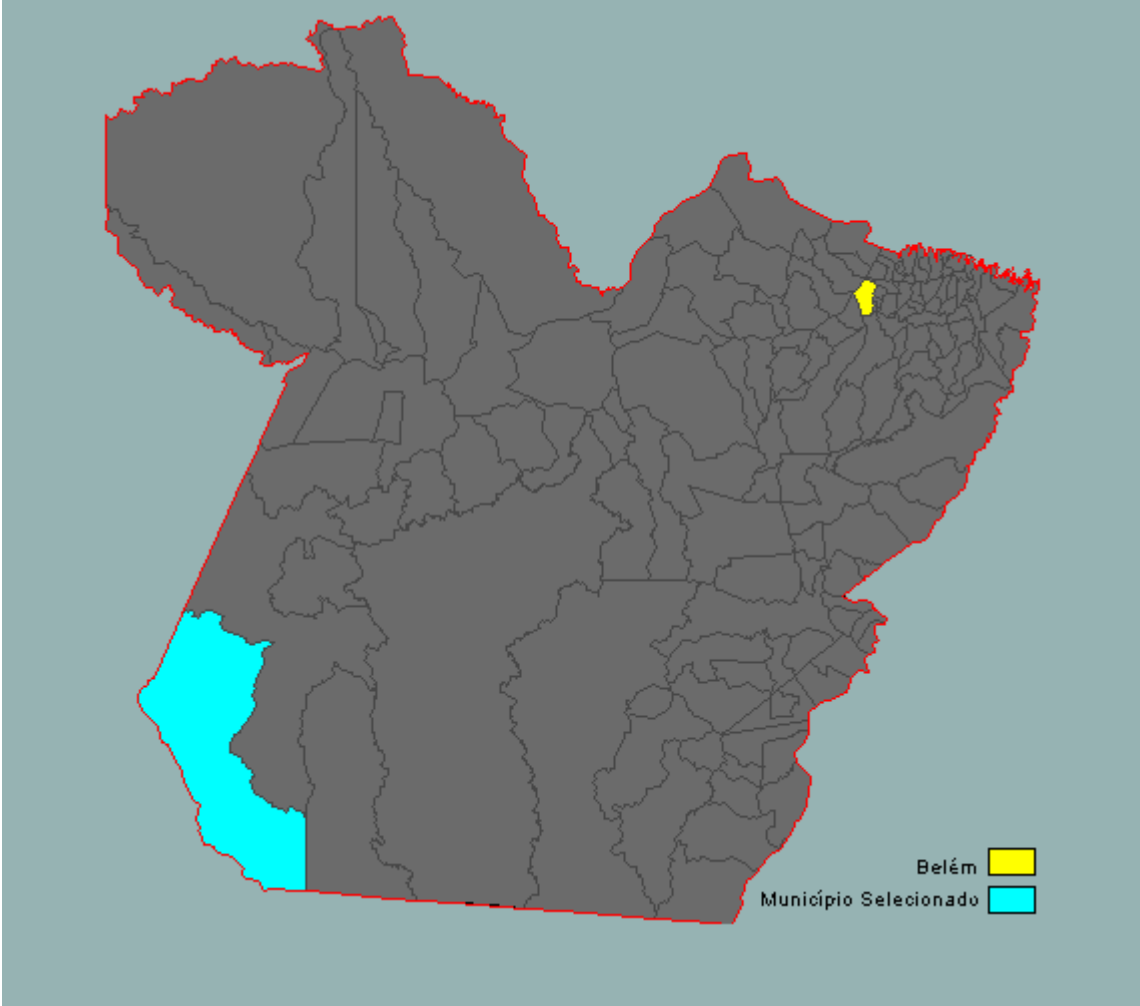


Resultados de Eleições (Download)

Municipais	Gerais
1996	1994
2000	1998
2004 (site do Terra)	2002

Mapa 08: Jacareacanga – Localização

Localização Geográfica



Anexo III

Fichas Para Coleta de Dados



Atlas Lingüístico do Brasil

Dados sobre a localidade

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:

a) Pelos próprios:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:

a) Pelos próprios habitantes:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

6. NÚMERO DE HABITANTES:

7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:

9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:



Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

Ficha do Informante

No. do ponto:

No. do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F		5. IDADE:
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não 15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	

6. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:

19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar
--

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
--

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa de auditório D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> programa religioso F. <input type="checkbox"/> filmes G. <input type="checkbox"/> outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura
23. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa religioso D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte G. <input type="checkbox"/> outro	
25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias raramente B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> semanalmente E. <input type="checkbox"/>		
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ _____ _____ _____ A. <input type="checkbox"/> local nacional B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/>	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> programa cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial	

28. LÊ REVISTA? A. Às vezes B. Semanalmente C. Mensalmente D. Raramente
E. Nunca

29. NOME/TIPO DE REVISTA:

	FREQUENTEMEN TE.	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
31. TEATRO	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
32. SHOWS	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
34. FUTEBOL	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
35. OUTROS ESPORTES	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca
36. OUTROS	A. Às vezes	B. Às vezes	C. Raramente	D. Nunca

37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:
A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico

39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:
A. total B. grande C. média D. fraca

40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:
A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente

41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:
A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"

42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:
A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum

43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:
A. sim B. não

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):

45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE

46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
INQ:	CIDADE:	

AUX:	UF:	50. DURAÇÃO:

AUX2:		

Convenções

1) Reticências (...), no início da pergunta, significam: "Como se chama?"

2) Em itálico, figuram:

a) Remissões a itens anteriores ex.: PINGUELA (perg. 2, QSL)

Como se chama um tronco, pedaço de pau ou uma tábua que serve para passar por cima de um __ (cf. item 1)?

b) Sugestões de gestos/ atitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta pelo informante. ex.: ONDA DE MAR (perg.5, QSL)

Como se chama o movimento da água do mar? Imitar o balanço das águas. REAL / REAIS (perg. 76, QFF)

E quanto é que se paga para viajar daqui a __ ? Dizer o nome de uma cidade próxima.

LANTERNA (perg. 174, QSL)

Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (mímica)?

3) Entre colchetes, figura(m) outra(s) possibilidade(s) de formulação da pergunta, caso o informante não tenha compreendido a formulação anterior. ex.: PEITO (perg.117, QFF)

Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do __ ?]

4) Em caixa alta, em itálico, indica-se a ampliação da pergunta. ex.: MUDAR / CORRER UMA ESTRELA (perg. 32, QSL)

E quando se vê uma __ (cf. item 31), como é que se diz?

IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.

5) Sublinhada e em negrito, no QFF, encontra-se a transcrição grafemática do(s) segmento(s) fônico(s) que se quer, prioritariamente, apurar. ex.: AMANHÃ (perg.59, QFF)

Como se chama o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje eu deixo para acabar __].

PASSAGEM (perg. 75, QFF)

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

CINEMA (perg. 96, QFF)

Aonde se vai para ver um filme?

Anexo IV

Exemplo de

Transcrição e

Triagem dos Dados

Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)

Transcrição grafemática

IQT: 012/08 (Belém-PA)

DATA:

INF. – M. A. M. C.

INQ. /AUX.: Marilucia Barros de Oliveira / Arlon F. Carvalho Martins

TRT. : Maria Adelina R. de Farias

DATA: 22/05/2007

REV.1:

DATA:

REV.2:

DATA:

Questionário Fonético-fonológico

(001)

INF. – Casas de alvenaria [ˈkazɐz].

(012)

INF. – Torneira [toɲiˈnejɾɐ].

(002)

INF. – terreno [teˈhẽnu].

(013)

INF. – Imã [ˈimẽ].

(003)

INF. – Prateleiras [ˈprateˈleɾɐs].

(014)

INF. – Feche a porta [ˈfɛʃɾɐˈpɔɦtɐ].

(004)

INF. – Televisão [televiˈzɐw̃].

(015)

INF. – Fósforo [ˈfɔsfuru].

(005)

INF. – Da caixa? [ˈkaʃɐ].

(016)

INF. – Fumaça [ˈfũˈmasɐ].

(006)

INF. – Tesoura [teˈzoˈwɾɐ]

(017)

INF. – Pólvora [ˈpɔwvɔɾɐ].

(007)

INF. – Caminha [kɛ̃ˈmĩɲɐ].

(018)

INF. – Varre [vaˈɦɐ].

(008)

INF. – Travisseiro [ˈtraviˈsejɾu].

(019)

INF. – Almoço [awˈmosu] .

(009)

INF. – Luz [ˈluʃ].

(020)

INF. – Ruim [hũˈi].

(010)

INF. – Lâmpada [ˈlãpadɐ].

(021)

INF. – Arroz? [aˈɦoʃ].

(011)

INF. – Ferro elétrico [ˈfɛɦeˈlɛtriku].

(022)

INF. – Gordura [ɡoɦiˈduɾɐ].

(023)

INF. – Grelha [ˈgrɛɫa].

(024)

INF. – Peneira [pɛˈnejɾɐ].

(025)

INF. – Com colhé [kũkoˈɫɛ].

(026)

INF. – Liquidificador? [likidifikaˈdoh].

(027)

INF. – Fervendo [fɛfiˈvẽndu].

(028)

INF. – Sal [ˈsaw].

(029)

INF. – Cebola [sɛˈbolɐ].

(030)

INF. – tomate [tõˈmatʃɪ].

(031)

INF. – A casca [ɐˈkaʃkɐ].

(032)

INF. – Abóbora [aˈbõbrɐ] ... a gente
chama também assim⁷³.

(033)

INF. – Clara [ˈklarɐ].

(034)

INF. – Gema [ˈʒẽmɐ].

(035)

INF. – Manteiga [mãˈtejgɐ].

(036)

INF. – Vai botá ovo [ˈvajbõˈtaˈovu].

(037)

INF. – Bonito [bũˈnitu].

(038)

INF. – Rosa [ˈhõzɐ].

(039)

INF. – Árvore [ˈafvori].

(040)

INF. – Planta [ˈplãtɐ].

(041)

INF. – Ovelha [oˈvɛɫɐ].

(042)

INF. – Cavalo [kaˈvalu].

(043)

INF. – ((em retomada)) Montá [mõˈta].

(044)

INF. – Abelha [aˈbɛɫɐ].

(045)

INF. – O mel [uˈmɛw].

(046)

INF. – Borboleta [bofiboˈletɐ].

(047)

INF. – Teia [ˈtejɐ].

(048)

INF. – O rato [uˈhatu].

(049)

INF. – Elefanti [eleˈfãtʃɪ].

(050)

INF. – Peixes [ˈpejʃɪ].

(051)

⁷³ Indicação de Variação Dialetal.

INF. – Canoa [kə'noə].

(052)

INF. – Remando [hẽ'mãndu].

(053)

INF. – Fazenda [fa'zẽdɐ].

(054)

INF. – ((em retomada)) Aftosa [afi'tozɐ]

né? como é?

(055)

INF. – Noite ['nojtɪ].

(056)

INF. – O dia [u'dziɐ].

(057)

INF. – Um ano [ũ'ãnu].

(058)

INF. – Sol ['sɔw].

(059)

INF. – Amanhã [amẽ'jã].

(060)

INF. – Sábado ['sabadu].

(061)

INF. – Faz calô ['fa'ka'lo].

(062)

INF. – Tarde ['taɦdʒɪ].

(063)

INF. – Três ['tre'ʃ].

(064)

INF. – Deiz ['de'ʃ].

(065)

INF. – Catorze [ka'tofizɪ].

(066)

INF. – É um número ['ẽũ'nũmeru]

(067)

INF. – Estradas [i'ʃ'tradɐʃ].

(068)

INF. – Poça ... poça d'água

['pɔʃɐ ... 'pɔsa'dag^wɐ].

(069)

INF. – ((em retomada)) Desvio

[dʒiz'vju].

(070)

INF. – Placas sinais ... ['plakɐ'zɪsɪ'naiʃ].

(071)

INF. – Bicicleta [bisi'kletɐ].

(072)

INF. – Pneu [pẽ'new].

(073)

INF. – Vidro ['vidru].

(074)

INF. – Seguro [si'guru].

(075)

INF. – Passagem [pa'saʒẽʃ].

(076)

INF. – Sete reais ['setʃihɛ'ajʃ].

(077)

INF. – Muito ['mũjtu].

(078)

INF. – Você me deve [mi'dɛvi].

(079)

INF. – Obrigado [obri'gado]

(080)

INF. – Trabalhá [traba'la].

(081)

INF. – emprego [ĩ'pregu].

(082)

INF. – Início [ĩ'nis'u]

(083)

INF. – Prefeito [pre'fejtu]

(084)

INF. – Escola [i'kɔlə].

(085)

INF. – Colegas amigos ...
[kɔ'lega'za'miguʃ].

(086)

INF. – Giz [ʒiʃ].

(087)

INF. – Borracha [bo'haʃɐ].

(088)

INF. – Rasgá [haʒ'ga].

(089)

INF. – Azu claro [a'zu].

(090)

INF. – Brasil [bra'ziw].

(091)

INF. – Bandêra nacional
[bã'derenas'o'naw].

(092)

INF. – Pernambucano [pefnãb'kãnu].

(093)

INF. – Soldado [sɔw'dadu].

(094)

INF. – No correio [ko'hɛj'u].

(095)

INF. – Liquidação [likida'sẽw].

(096)

INF. – No cinema [sĩ'nẽmɐ]

(097)

INF. – Na defesa [nədə'fezɐ]

(098)

INF. – Calção [kaw'sãw].

(099)

INF. – União parceria ... [ũni'ãw]

(100)

INF. – Companheiros parceiros ...
[kõpãñ'e:jruʃ]

(101)

INF. – Advogado [adzivo'gado].

(102)

INF. – A questão [keʃ'tãw]

(103)

INF. – Pegado [pegu].

(104)

INF. – Inocente [ino'sɛti].

(105)

INF. – Certo [sɛhtu].

(106)

INF. – Mentira [mẽ'tʃirɐ].

(107)

INF. – Procissão [prosi'sẽw̃].

(108)

INF. – Santo Antônio [sãt^wãtõ'jⁱu].

(109)

INF. – Pecado [pe'kadu].

(110)

INF. – Perdão [pefi'dẽw̃]

(111)

INF. – Coroa [ko'roɐ].

(112)

INF. – Olho ['oʎu].

(113)

INF. – Pescoço [peʃ'kosu].

(114)

INF. – Orelha [o'reʎɐ].

(115)

INF. – Ouvido [ow'vidu].

(116)

INF. – Dente ['dɛtʃi].

(117)

INF. – Peito ['pejtu].

(118)

INF. – Fígado ['figadu].

(119)

INF. – Coração [kora'sẽw̃].

(120)

INF. – A costas [a'koʃtɐʃ].

(121)

INF. – Umbigo [ũ'bigu].

(122)

INF. – Joelho [ʒo'eʎu].

(123)

INF. – Uma ferida [ũmɐfi'ridɐ].

(124)

INF. – Caspa ['kaʃpɐ].

(125)

INF. – Banho ['bãnu].

(126)

INF. – Um desmaio [ũdziz'majⁱu].

(127)

INF. – Vômito ['võmitu].

(128)

INF. – Homem ['õmẽ].

(129)

INF. – Mulhé [mu'ʎɛ].

(130)

INF. – Família [fã'miʎ'ɐ].

(131)

INF. – Tio ['tʃiu].

(132)

INF. – Genro ['ʒɛhu].

(133)

INF. – Único ['ũniku].

(134)

INF. – Alta ['awtɐ].

(135)

INF. - Baixa ['bajʃɐ].

(136)

INF. - Lôra ['lorɐ].

(137)

INF. – Voz [ˈvɔʃ].

(138)

INF. – Doido [ˈdojdu]

(139)

INF. – Velho [ˈvɛλu].

(140)

INF. – Sandálias [sɛ̃ˈdaʎiɐ].

(141)

INF. – Meia [ˈmejʃɐ].

(142)

INF. – Braguilha [baɦiˈgiʎɐ].

(143)

INF. – Anel [aˈnɛw].

(144)

INF. – Perfume [peɦˈfũmi].

(145)

INF. – Presente [preˈzɛ̃ti].

(146)

INF. – Beijá [bejˈʒa].

(147)

INF. – Sorriso [soˈhizu].

(148)

INF. – Dormindo [duɦˈmĩdu].

(149)

INF. – Assovio [asuˈbiu].

(150)

INF. – Perdida [peɦˈdʒidɐ]

(151)

INF. – Encontrá [ɛ̃kõˈtra].

(152)

INF. – Perguntá [peɦgũˈta]

(153)

INF. – Saí [saˈi].

(154)

INF. – Barulho [baˈruλu]

(155)

INF. – Paz [ˈpaʃ].

(156)

INQ. – A mesma [ˈmezɐ].

(157)

INF. – Hóspedes [ˈɔʃpidʒiʃ].

(158)

INF. – Esquerdo [iʃˈkeɦdu].

(159)

INF. – Morreu [moˈhew].